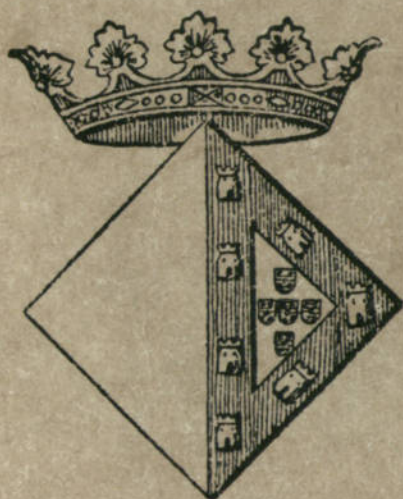


Carolina Michaëlis de Vasconcelos

**A INFANTA  
D. MARIA DE PORTUGAL  
(1521 - 1577)  
E AS SUAS DAMAS**



*Edição fac-similada*

**BIBLIOTECA NACIONAL  
LISBOA  
1983**



**A INFANTA**  
**D. MARIA DE PORTUGAL**  
(1521 - 1577)  
**E AS SUAS DAMAS**

A INFANTA  
D. MARIA DE PORTUGAL  
(1527 - 1577)  
E AS SUAS DAMAS

EDIÇÃO SOB OS AUSPÍCIOS DO COMISSARIADO  
PARA A XVII EXPOSIÇÃO EUROPEIA DE ARTE, CIÊNCIA E CULTURA



OS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES E A EUROPA DO RENASCIMENTO

LISBOA 1983



CONSELHO DA EUROPA

MINISTÉRIO DA CULTURA E COORDENAÇÃO CIENTÍFICA  
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Carolina Michaëlis de Vasconcelos

A INFANTA  
D. MARIA DE PORTUGAL  
(1521 - 1577)  
E AS SUAS DAMAS

Prefácio  
de  
Américo da Costa Ramalho

*Edição fac-similada*

BIBLIOTECA NACIONAL  
LISBOA  
1983



116  
34547

MINISTÉRIO DA CULTURA E COORDENAÇÃO CULTURAL  
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Carolina Michaëlis de Vasconcelos

A INFANTA  
D. MARIA DE PORTUGAL  
(1811-1857)  
E AS SUAS DAMAS

Revisão  
de  
Armando de Castro Rangel

---

Esta edição, de que se fizeram 1000 exemplares  
foi composta e impressa pelo:  
**ENCLAVE DE REABILITAÇÃO PROFISSIONAL  
DA BIBLIOTECA NACIONAL**

---

Maio de 1983

---

© Biblioteca Nacional — 1983

---

Depósito Legal: 2236/83

---

## PREFÁCIO DA 2.<sup>a</sup> EDIÇÃO

Passaram em 1982 oitenta anos sobre o aparecimento de *A Infanta D. Maria e as suas Damas*. Quando o livro foi publicado pela primeira vez, tornara-se já a sua autora (nascida em Berlim, em 15 de Março de 1851) uma reputada investigadora no campo da Romanística e, embora especializada nos domínios da Idade Média, era-lhe familiar o século XVI português. Com efeito, além de outros trabalhos sobre esta época, editara criticamente em 1885 o poeta Sá de Miranda.

Mas oitenta anos são muito tempo. É natural que hoje conheçamos mais alguma coisa sobre a cultura portuguesa do século XVI, nomeadamente, sobre a cultura feminina de que a filha do rei D. Manuel e algumas damas do seu séquito foram o expoente em meados de Quinhentos.

Assim, a investigação dos últimos trinta anos revelou que em finais do século XV, de 1485 em diante, com a chegada a Portugal de Cataldo Parisio Sículo, se acende na corte portuguesa um movimento cultural de raiz renascentista a que não são alheias senhoras da nobreza. Em 1965 <sup>(1)</sup>, tive ocasião de escrever: “Ao seu zelo de pedagogo não escaparam as mães da alta nobreza, mesmo D. Maria Freire, a marquesa de Vila Real, que é repreendida numa carta por ter feito reparos ao muito que Cataldo fazia estudar o seu primogénito, D. Pedro. A acreditar nas palavras do humanista, tanto ele como sua irmã, D. Leonor de Noronha, foram os seus dois mais brilhantes alunos.

E note-se que a marquesa de Vila Real pertence ao número das mulheres latinas da corte, a quem Cataldo faz os mais rasgados elogios. Outras foram a rainha D. Leonor, mulher de D. João II, a infanta D. Joana, irmã do mesmo rei, a rainha D. Maria, segunda esposa de D. Manuel, e D. Leonor de Noronha, atrás mencionadas, filha de D. Maria Freire e irmã do conde de Alcoutim, D. Pedro de Meneses. A rainha D. Isabel, primeira mulher do Rei Venturoso, saudada outrora em latim por Cataldo, devia ser boa latina também, como suas irmãs. Não viveu, porém, o bastante para receber os encómios do literato siciliano.”

E em 1966, escrevi: “Estas quase ignoradas latinistas correspondem-se com Cataldo, cinquenta anos antes da existência do círculo letrado da infanta D. Maria.”<sup>(2)</sup>

A carta a que atrás me refiro, em que Cataldo critica a marquesa de Vila Real, foi escrita antes de 1500, provavelmente em 1499, pois encontra-se incluída no livro *Epistolae et orationes quaedam Cataldi Siculi*, cuja impressão foi terminada em Lisboa por Valentim Fernandes da Morávia, em 21 de Fevereiro de 1500. Aí, a marquesa, não obstante a irritação do humanista, recebe os elogios de Sibila e de Musa que o Sículo reservava às mulheres latinas a quem escrevia.

Para as restantes senhoras, atrás mencionadas, assim como para a mulher de D. Fernando de Meneses, 2.º marquês de Vila Real, existem não só cartas mas igualmente poemas latinos.

À infanta D. Joana, irmã de D. João II, dedica Cataldo epigramas que nos mostram como a infanta costumava prestar atenção aos seus versos em latim, antes de a doença a ter afastado cada vez mais do convívio do mundo. O humanista encontrava-se em Aveiro a cuidar da educação de D. Jorge, filho bastardo de D. João II, que o soberano entregara aos cuidados de sua irmã, então a viver no mosteiro de Jesus.

Duas das companheiras da infanta, com as quais Cataldo costumava comunicar em Aveiro, deviam igualmente conhecer a língua latina, como se depreende dos versos do Sículo. Eram elas Clara e Catarina, pertencentes à família dos Silvas, da casa dos condes de Abrantes:

*Clara ex Siluarum generosa gente creata*

ou noutro poema:

*Hesterno Catherina die sermone benigno  
Rettulit a domina carmina nulla legi,  
Anxia propterea, subida quae febre cubaret,  
Et quae uix fieret copia parua sui.*

“Ontem Catarina, com boas palavras, trouxe-me o recado de que a Senhora não lia poemas, Catarina ansiosa, porque ela estava de cama, com súbita febre, e mal dava acordo de si.”

D. Leonor de Noronha foi a discípula dilecta de Cataldo que, em certa altura, lamenta que seu irmão D. Pedro de Meneses se mostrasse menos interessado no estudo que sua irmã.

Convém esclarecer, desde já, que a diferença de apelidos é um dos quebra-cabeças da investigação histórica sobre o século XVI: para honrar os apelidos de família de pais e avós, repetiam-se não só os sobrenomes mas também os nomes próprios, sem que estivessem em uso o “Júnior” dos portugueses ou o “Filho” e o “Neto” dos brasileiros que, aliás, também nem sempre facilitam as coisas.





CORONICA  
geral de Marco An-

tonio Locio Sabelico / Des ho  
começo do mundo / ate  
nosso tempo.

Tresladada de latim em *vingoagê* Portu-  
gues por Dona Lianoz filha do Marques  
de Vila real Dom Fernando.

Dirigida aa muyto alta z muyto poderosa  
senhora Dona Catherina Raynha de Por-  
tugal. Mulher do muyto alto z muyto po-  
deroso senhor Dom Joam terceyro Rey de  
Portugal deste nome: z quinto decimo no  
conto dos reys d'elle.

M. D. L.

Foy vista & examinada a presenté obra  
pollos senhores inquisidores & deputa-  
dos da sancta Inquisiçã, & com  
sua autoridade impressa.

83





Assim, os riscos de confusão tornam-se constantes. É que, além da repetição dos nomes próprios (D. Pedro de Meneses, 3.º marquês de Vila Real, é confundido, por vezes, com o 1.º marquês D. Pedro, seu avô), havia a preocupação, em famílias numerosas, de honrar todos os apelidos da árvore genealógica. Por isso, acontece que irmãos, filhos do mesmo pai e mãe, têm apelidos completamente diferentes. Por exemplo, na família dos marqueses de Vila Real, o primogénito é Meneses e os outros filhos são Noronha. Mas na descendência dos irmãos mais novos os dois apelidos aparecem usados indiscriminadamente.

Voltemos, porém, a D. Leonor de Noronha, filha do 2.º marquês de Vila Real, D. Fernando de Meneses, e da 2.ª marquesa, D. Maria Freire, e irmã do 3.º marquês, D. Pedro de Meneses.

Cataldo apresenta-a na lamentação por morte do avô, o 1.º marquês D. Pedro de Meneses, em 1499, loura e rosada na beleza dos seus onze anos de idade, quando devia ser sua aluna: “Mas a neta Leonor arranca os louros cabelos / e na morte do avô não poupa o rosto corado.”<sup>(3)</sup>

Numa carta diz Cataldo ao rei D. Manuel, referindo-se a D. Leonor: “Além disso, não calarei que na minha humilde situação encontrei uma coisa do céu: a Sibila de Cumas que, se ao presente o não é de todo, dentro de poucos anos se revelará como tal, plenamente. Ela excede em talento, memória, graças de conversação, não só os nossos contemporâneos mas todos os antigos. Tudo quanto ouve logo o entende, e quanto entende mais facilmente aprende, e o que aprende conserva tenazmente. Chama-se Leonor e é filha do marquês.”<sup>(4)</sup>

Escrevendo à marquesa de Vila Real, Cataldo conta-lhe que à pergunta do rei D. Manuel sobre qual dos filhos do marquês era mais dotado intelectualmente, ele respondera: “Costumava em tempos dar constantemente a palma ao conde de Alcoutim. Mas agora tenho dúvidas sobre a qual dos dois devo dá-la, se ao conde se à Sibila sua irmã chamada Leonor.”<sup>(5)</sup>

Solteira, talvez por conveniências familiares, possivelmente até por motivos económicos, ou por não ter dote condigno com a sua alta condição, ou por não encontrar — como diz o povo — medida para o seu pé, D. Leonor entregou-se ao cultivo das letras.

D. Carolina Michaëlis menciona-a na p. 36, colocando-a fora do grupo das damas da infanta, e creio que justificadamente, pois, como ela própria reconhece, na p. 87 n. 139, D. Leonor de Noronha era “da idade da mãe da infanta”. Com maior rigor, direi que a filha do 2.º marquês de Vila Real, nascida em 1488, tinha mais dez anos que a mãe da infanta, não sendo, portanto, companhia da mesma idade de quem contava menos trinta e três anos.

D. Leonor de Noronha foi autora e publicou:

1. *Coronica geral de Marco Antonio Cocio Sabelico Des ho começo do mundo ate nosso tempo. Tresladada de latim em lingoagẽ Portugues por Dona Lianor filha do Marques de Vila Real Dom fernando. Dirigida aa muyto alta e muyto poderosa senhora Dona Catherina Raynha de Portugal. Molher do muyto alto y muyto poderoso*

*senhor Dom Joam terceyro Rey de Portugal deste nome: e quinto decimo no conto dos reys dele. // MDL*

*Foy vista & examinada a presente obra pollos senhores inquisidores & deputados da sancta inquisição, & com sua autoridade impressa.*

No final deste livro, vem ainda *Capitulo de Iob de que nam faz mençam Sabelico*.

Os impressores, segundo o côlofon, foram João de Barreira e João Álvares, em Coimbra, 25 de Setembro de 1550.

A dedicatória à rainha D. Catarina é interessantíssima, por várias razões. Dela extraio, desfazendo as abreviaturas, o trecho seguinte:

“(…) Treladey eu señora a coronica de Sabelico, assi porque he muy geral e chegou elle em contar ate o tempo dos reys vossos auos, e os que apos elle acrescentaram ate o de Vossas Altezas, como porque he bom latino e os que souberem lhes aproueitara cotejar o seu latim com a nossa lingoagem, porque a tençam que segui nesta obra foi trasladada a letra, tirando poucas palauras sobejas pera a lingoagem, e necessarias pera elegancia do latim, e acrescentando outras necessarias pera a lingoagem e escusadas pera elegancia do latim. (...) E porque ha hi cousas em que sabelico vay muy curto, acrescentey eu algum pouco mais que pus nas margens nesta primeira eneida, e nas outras meti as adições dentro nos mesmos capitulos. Deume atriuimento pera oferecer esta mealha de serviço a V. A. ser velha, como a que alañou no thesouro do templo, a quem nosso senhor aceytou a vontade, como espero que V. A. faça aa minha, que nam sam menos pobre em saber que a outra na fazenda. (...)”

2. *Coronica geral da eneyda següda de Marco Antonio Cocio Sabelico Des ho começo do mundo ate nosso tempo. Tresladada de latim (...). Dirigida aa muyto alta (...).*

Côlofon: Coimbra, João de Barreira & João Álvares, 10 de Junho de 1553.

3. *Este liuro he do começo da historia de nossa redêçam que se fez pera consolaçã dos que nam sabẽ latim: pede ho autor della aos leitores q̃ se nella hacharem lhe digam por amor de deos hũ pater noster polla alma. Foy aprouada pela sancta Inquisiçam deste reyno de portugal.*

Côlofon: Lisboa, Germã Galharde, 12 de Abril de 1552.

4. *Esta he a segunda parte da historia de nossa redenção: que se fez pera consolaçã dos que não sabẽ latim. Pede ho autor aos leyttores que se nela acharem lhe digão por amor de Deos hũ Pater noster pola alma.*

*foy aprouada pola sancta inquisiçã deste reyno de Portugal.*

Côlofon: Coimbra, João de Barreira, 8 de Agosto de 1554.

Marcantonio Cocci Sabelico, o autor dos n.<sup>os</sup> 1 e 2 que D. Leonor traduziu e acrescentou, foi considerado por José Maria Rodrigues uma das *Fontes dos Lusíadas*, no livro com este título. Aí lhe dedicou o

capítulo VII, de pp. 211 a 237 da 2.<sup>a</sup> edição (Lisboa, 1979), onde podem ler-se mais pormenores sobre o humanista italiano, falecido em 1506.

Vem aqui a propósito esclarecer a nota 139 na p. 86 de D. Carolina Michaëlis. O livro do Sabélico chama-se *Enneades seu Rhapsodia historiarum* e foi D. Leonor de Noronha quem aportuguesou o título em *eneyda*, sem com isto pretender criar qualquer confusão com o poema de Virgílio. Por outro lado, *Enneades* é uma palavra derivada do grego ἔννεα “nove”, porque cada um dos onze livros das *Enneades* está dividido em nove partes.

Por tudo o que vimos até aqui, a respeito das mulheres instruídas que conviveram com Cataldo Sículo e dele receberam cartas e versos, das quais D. Leonor (1488-1563) foi provavelmente a que faleceu mais tarde, temos de admitir que havia um movimento de interesse pela nova cultura entre as damas da corte, antes de 1520, ano em que o humanista já teria deixado de viver. Ao número dessas senhoras pertenceram, como vimos, a rainha D. Leonor, viúva de D. João II e irmã do rei D. Manuel, e a infanta D. Joana, irmã de D. João II.

Não pode, por isso, dizer-se, como D. Carolina Michaëlis, que a cultura da infanta D. Maria “constituía caso inteiramente novo entre princesas nascidas em Portugal” (p. 30).

Também não tem fundamento afirmar que a rainha D. Leonor, terceira mulher de D. Manuel, e mãe da infanta, foi a impulsionadora do Humanismo na corte (p. 32) no pouco tempo que viveu entre nós, e que sua irmã, D. Catarina, mulher de D. João III, não era muito instruída (p. 44). Há provas em contrário desta afirmação. E no seu séquito veio de Castela um conjunto de personalidades, cuja acção se fez sentir na vida cultural do País, como os irmãos Pedro e Rodrigo Sanches, Julião de Alba, Turíbio Lopes e outros mais.

Antes de terminar esta parte, brevemente consagrada a Cataldo Parísio Sículo e à sua discípula D. Leonor de Noronha, não quero deixar de corrigir alguns erros sobre Cataldo que se encontram neste livro, na p. 67 e na p. 103 n. 302.

António de Castro, que promoveu a edição das obras de Cataldo, não foi discípulo do humanista italiano (“um dos melhores” — diz D. Carolina) nem publicou as suas obras completas. Esta edição de António de Castro, se foi de facto impressa, não chegou até nós. Tudo o que temos é a publicação no século XVIII, a partir de António de Castro (manuscrito? livro impresso?), de parte dos versos de Cataldo, com cortes, por vezes, nas peças publicadas. Fez essa publicação D. António Caetano de Sousa no volume VI, parte ii, das *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*.

Aliás, mesmo sem conhecer as obras publicadas em vida de Cataldo, no começo do século XVI, uma declaração de Caetano de Sousa devia ter advertido D. Carolina Michaëlis. Diz-se no final desses versos: “As Obras que faltaõ deste Author, prometidas no Elencho pag. 56 naõ se imprimiraõ por indecentes.”<sup>(6)</sup>

De um modo geral, pode dizer-se que na edição das *Provas* não está metade sequer da obra poética de Cataldo e que lá faltam quase por completo os dois volumes de *Epistolae* e todas as *Orationes* menos uma. O primeiro volume de *Epistolae et Orationes* <sup>(7)</sup> foi acabado de imprimir por Valentim Fernandes da Morávia, em Lisboa, em 21 de Fevereiro de 1500, o segundo, cerca de 1514. Das *orationes*, D. António Caetano de Sousa reimprimiu a *Oratio habita a Cataldo in aduentu Elisabet Principis Portugaliae ante ianum Eburae*, pronunciada pelo humanista em 28 de Novembro de 1490; e das *Epistolae* apenas a dirigida ao príncipe D. Afonso, filho de D. João II, que precede os *Prouerbia Cataldi*. Tudo isto nas *Provas da... Casa Real Portuguesa*, II, i, pp. 244-256 da edição de Coimbra, Atlântida, 1947.

A *oratio* foi traduzida e comentada em *Cataldo Parísio Sículo — Duas Orações. Prólogo, tradução e notas de Maria Margarida Brandão Gomes da Silva. Introdução e revisão de Américo da Costa Ramalho*. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1974. Os *Prouerbia* foram vertidos por Guido Batelli em *O Instituto*, LXXVIII, Coimbra, 1929, pp. 628-634.

Quanto a António de Castro, editor de Cataldo, a origem das confusões a seu respeito, como em tantos outros casos, esteve na *Biblioteca Lusitana* de Barbosa Machado, livro certamente útil, mas pleno de erros de facto e de erros tipográficos.

Luís de Matos <sup>(8)</sup> sugeriu acertadamente que a data da edição das poesias de Cataldo, feita por António de Castro, essa misteriosa edição com dedicatória à infanta D. Maria, não podia ser de 1509, como traz Barbosa Machado, pois então a infanta ainda não era nascida, mas sim de 1569. Tratar-se-ia, portanto, de uma “gralha”.

Por sua vez, António de Castro, que, evidentemente, não conheceu pessoalmente o humanista siciliano, é responsável por outro erro, corrente durante muitos anos, a saber, o de juntar ao nome de Cataldo, como um dos apelidos, o de “Áquila”, título, afinal, de um dos seus livros. <sup>(9)</sup>

D. Carolina Michaëlis confundiu António de Castro com o próprio Cataldo, ao escrever na infeliz nota 302 da página 103: “Entre os magnates que António de Castro ensinou, avultam o duque de Coimbra, D. Pedro de Meneses e D. João Manuel.”

Ora, o duque de Coimbra, conhecido pelo Senhor D. Jorge, antes de receber o título; D. Pedro de Meneses, 2.º conde de Alcoutim, já no tempo em que era aluno de Cataldo, e futuro 3.º marquês de Vila Real; D. João Manuel, o camareiro-mor e confidente do rei D. Manuel, todos foram do convívio de Cataldo Parísio: os dois primeiros como alunos, antes do fim do século XV, e o terceiro, falecido no princípio de 1499, como amigo e destinatário de cartas e poemas.

\*

\* \*

Joana Vaz, na p. 38, é ocasião de um erro de data que não entrou nas "Emendas Principais" da p. 123. Trata-se do ano da morte de Aires Barbosa<sup>(10)</sup>, que ocorreu, não em 1530, como escreveu D. Carolina, mas dez anos mais tarde, em 20 de Janeiro de 1540. Em 1536, era o humanista ainda vivo, quando dos presos de Santa Cruz de Coimbra saiu a sua *Antimoria* em que verberava a *Moria* ou o *Elogio da Loucura* de Erasmo. É nesse livro que se encontra o epigrama em louvor de Joana Vaz. Foi traduzido em 1960 para português: *Aires Barbosa — Antimória (Contra a Loucura) seguido dalguns epigramas. Tradução do Prof. José Pereira Tavares. Notas bibliográficas de António Gomes da Rocha Madahil (separata do Arquivo do Distrito de Aveiro XXVI)*.

Também D. Carolina Michaëlis não conheceu o manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa, F. G. 6386, onde há cartas de um círculo de humanistas que parecem apostados no elogio de Joana Vaz.

Referi-me a essas cartas no capítulo XXI — "Joana Vaz, femina doctissima" do meu livro *Estudos sobre a Época do Renascimento*, Coimbra, 1969.

Uma dessas cartas, talvez das primeiras, é enviada de Salamanca, a 28 de Setembro de 1532, por Baltasar de Teive a Rodrigo Sanches, que era capelão da rainha D. Catarina, mulher de D. João III, e com ela viera de Castela. Escreve Teive: "Frequentemente ouço falar de Joana Vaz, de Coimbra, de quem muitos fazem menção. A ser verdade o que dizem (e não tenho razão para duvidar) considero-a um milagre da nossa época, uma excepção entre as do seu sexo, destinada por Minerva à eloquência, para não faltar, na ocasião devida, quem tomasse o lugar da deusa. Não lhe escrevo, para não ficar outra vez na expectativa inerte de carta sua." (11)

Em resposta, Rodrigo Sanches, escrevendo da corte para Salamanca, diz a respeito de Joana: "Sobre essa mulher superior que se chama Joana Vaz, estrela rara do nosso país e do nosso século, crê na verdade de tudo quanto te digam em seu louvor. Julgo mesmo que a fama, de invejosa, tem dela apregoado menos do que deve. Para não falar da erudição admirável, que uma rapariga de tenros anos adquiriu entre mestres mudos, como chamam aos livros, e fora do convívio dos homens doutos, quantas virtudes se requerem numa jovem da nobreza, tudo nela se encontra, recato, honestidade e modéstia.

Se não respondeu à tua carta, não deves ficar surpreendido. Embora educadíssima e de feitio acolhedor, todavia considera ser de importância para a sua honra não escrever ou responder jamais a homem algum, sem que primeiro o pai lho imponha." (12)

Este trecho sobre o recato de Joana está de acordo com o epigrama de Aires Barbosa que não conseguiu vê-la quando, de passagem por Coimbra, tentou fazer-lhe uma visita.

A resposta de Rodrigo Sanches a Baltasar de Teive está datada de 18 de Outubro de 1532. E a restante correspondência em torno de Joana Vaz deve ser do ano seguinte ou de 1534, ano que aparece nas últimas cartas. Assim, datada de 4 de Novembro (suponho que de 1533), pois aparece depois

de outras deste ano, encontra-se uma carta de Antonius Pinarius, certamente o humanista António Pinheiro, mais tarde bispo de Miranda do Douro e de Leiria, dirigida a Rodrigo Sanches. Pinheiro faz o elogio caloroso de Joana Vaz, que o havia incitado a escrever a Rodrigo Sanches.

E depois de uma carta de Sanches ao jovem Afonso de Torres, filho de um seu amigo, datada de 11 de Julho de 1533, e antes da carta a António Pinheiro, datada, como dissemos, de 4 de Novembro, encontram-se as duas epístolas mais importantes, do ponto de vista cultural, de toda a colecção. Considero-as do Verão ou Outono de 1533.

Rodrigo Sanches desejava, há muito, conhecer pessoalmente João Rodrigues de Sá de Meneses e escreveu-lhe por intermédio de Joana Vaz, dado que o grande Aristarco (*tantus Aristarchus*) muito a estimava (*ut quae apud hominem et gratia et auctoritate uales plurimum*). No Ms. F. G. 6368 existem as duas cartas: a dirigida a Sá de Meneses e a enviada a Joana Vaz, a servir de carta de remessa.

Citarei aqui um trecho que antes publiquei, em parte, nos meus *Estudos sobre a Época do Renascimento*, pp. 349-350. Escreve Sanches a Sá de Meneses: "Ao encontrar pela primeira vez alguns escritos teus, avaliando pela garra o leão, como diz o provérbio, de tal modo admirei o teu talento e rara erudição, fiquei tão preso da graça e suavidade do teu estilo, que nada desejei mais vivamente que ter adequado oportunidade de me relacionar contigo. Todavia, uma espécie de acanhamento que me é próprio, e que a sós comigo costume condenar, porque parece cortar-me o caminho até para honrosas empresas, sempre constituiu um obstáculo, porque eu muito receava apresentar-me como um admirador talvez importuno.

Ora, quando há pouco Joana Vaz, glória insigne da nossa época, não apenas a mais douta das mulheres, mas justamente digna de ser comparada aos homens mais doutos, se referia com grandes elogios não só às tuas letras, mas igualmente à tua culta benevolência, ousei eu pôr de parte aquele rústico pudor e enviar-te esta carta (...). Acrescia ainda que, tendo eu recebido há dias o encargo de ensinar a princesa D. Maria, por ordem de El-Rei, entre as raparigas nobres que o nosso prudente soberano quis dar como companheiras de estudo a sua filha, foi das primeiras a ser escolhida a tua Meneses. E tal é a avidez com que ela se dedica a este género de trabalhos, tanto esforço neles dispende, que é bem claro ser filha de homem cultíssimo quem ama a cultura com tal ardor (...)." <sup>(13)</sup>

A colocação no manuscrito desta carta não datada aponta, como disse, para 1533, e as circunstâncias nela mencionadas reforçam esta opinião. Com efeito, a infanta D. Maria, filha de D. João III, nasceu em 15 de Outubro de 1527 <sup>(14)</sup>. Aos seis anos de idade, seria a altura própria de começar os seus estudos de latim. Outras crianças, sobretudo rapazes, em famílias cultas principiavam ainda mais cedo.

A filha de João Rodrigues de Sá de Meneses, D. Maria de Meneses, devia ter sido iniciada há muito na sua latinidade, até porque era mais velha do que a princesa, pois sua mãe, D. Camila de Noronha, faleceu "em fins de 1521 ou primeiros meses de 1522" <sup>(15)</sup>.



Deve ser esta “Menesia”, filha de João Rodrigues de Sá, alcaide-mor do Porto, a protagonista de um incidente, anos mais tarde, com a castelhaníssima rainha D. Catarina, incidente após o qual “João Roiz levou sua filha do Paço e a cazou de sua caza com D. Diogo da Silveira, 2.º conde de Sertelha”<sup>(16)</sup>.

A carta de Rodrigo Sanches constitui um belo documento da estima mútua que ligava as duas prestigiosas figuras culturais, João Rodrigues de Sá de Meneses e Joana Vaz.

João Rodrigues de Sá, nome por que era conhecido na época, possuía excelente formação humanística, embora a não tivesse adquirido em Florença com Ângelo Policiano, como queria D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*, Halle, 1885, p. 788, e outros têm repetido incessantemente até hoje, antes e depois de eu ter mostrado que isso era altamente improvável, para não dizer impossível<sup>(17)</sup>.

Já em 1969, no artigo “Humanismo — III) O H. Renascentista em Portugal” de *Verbo: Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 10, col. 608, me fora dada oportunidade de chamar para o facto de J. Rodrigues de Sá se dizer “prope quinquagenarius” em 1536. Nascido cerca de 1487, dificilmente teria frequentado o *Studium* de Florença antes de 1494, data da morte de Policiano, e só poderia ter sido aluno particular do mestre florentino se tivesse sido mandado para Itália em muito tenros anos, isto é, se tivesse passado os primeiros anos da infância em Florença, do que não há qualquer notícia. Cataldo Sículo, que dele fala com entusiasmo em 1511, decerto não esqueceria tal acontecimento.

Voltando à correspondência do Ms. F. G. 6368, é um pouco surpreendente que se não encontre nela uma alusão sequer à infanta D. Maria, que era mais idosa do que a sobrinha (e prima) apenas seis anos. Talvez a rainha D. Catarina — cunhada e tia da infanta — não quisesse comparações desvantajosas para a filha, menos cultivada, menos robusta, menos rica<sup>(18)</sup> e, quem sabe?, até menos bela do que a infanta. Assim, esta não deve ter pertencido ao grupo das raparigas nobres (*primates uirgines*) que acompanharam sua sobrinha e prima nos estudos latinos. Talvez Joana Vaz fosse a sua professora e o padre Rodrigo Sanches o professor da princesa real. E, na qualidade de colegas de profissão, do mesmo nível e com idênticas ocupações, convivessem no Paço.

A situação de segundo plano, a que a infanta foi relegada, com o propósito de pôr em evidência a outra Maria, destinada a casar com seu primo Filipe em 1543, só viria a melhorar — pensa-se — depois que a princesa faleceu em 1545.

A propósito de Joana Vaz, há duas notas que necessitam de um comentário. Uma é a nota 142, onde, referindo-se ao poema de Resende<sup>(19)</sup>, impresso em seguida à *oratio* de 1551, acha D. Carolina que *tuis* no verso que começa *Carmimbus tibi nota tuis est Vasia...* devia ser lido *suus*.

Ora tal correcção não é necessária. Com efeito, a musa Calíope, dirigindo-se a Resende, lembra que Joana Vaz é bem sua conhecida, dado que Resende lhe dedicou versos. Por isso mesmo — acrescentarei eu —

porque Resende já escreveu sobre *Vasia*, é que o humanista bem a conhece e não precisa de alongar-se tanto como a respeito de Luísa Sigeia, aliás mais jovem e mais brilhante.

Ainda em relação com duas mestras da infanta, D. Carolina redigiu uma observação que não deixa de ter um certo pitoresco. Trata-se da nota 157 na p. 89, na parte que principia: “Outro erro é o de apresentarem ambas como alunas da Infanta. (...)”

É evidente, para um latinista familiarizado com os hábitos do Renascimento, que os autores de que fala D. Carolina, se escreveram em latim, usaram a palavra *alumna* no seu sentido correcto: “a que é alimentada (de *alo*), a empregada, a súbdita, a funcionária”. *Alumna* tem aqui significado passivo, em comparação com o adjectivo *alma* (também de *alo*, “alimentar”) que significa “alimentadora, benéfica, tutelar” como na expressão *Alma Mater*, aplicada à Universidade. Portanto, *alumnae* da infanta eram Joana Vaz e Luísa Sigeia, damas da sua casa, que ela sustentava. Não é talvez brilhante, como reivindicação social, mas era uma situação de dependência, existente de facto. E bem dolorosa para a Sigeia<sup>(20)</sup>, segundo aquilo que adiante veremos.

Se os tais “auctores portugueses”, de que fala D. Carolina, se exprimiram no seu vernáculo, então empregaram a palavra portuguesa com um sentido latino, susceptível de causar confusões, dado o significado corrente, e oposto, da palavra *alumna* em nossos dias. E também pode acontecer que não tenham entendido uma eventual fonte latina...

\*

\* \* \*

A bibliografia sobre Luísa Sigeia cresceu muito, depois que D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos se ocupou das duas mais famosas mestras da infanta D. Maria.

Nos últimos anos, com o interesse que o Humanismo Renascentista português vem despertando entre os investigadores estrangeiros, surgiram trabalhos cuja enumeração e juízo crítico ocupariam espaço demasiado neste prefácio. Remeto, por isso, para o artigo que publiquei com o título de “A propósito de Luísa Sigeia” em *Humanitas* XXI-XXII, Coimbra, 1969-70, pp. 403-414, e reproduzi mais tarde nas duas edições de *Estudos sobre o Século XVI*. Paris, 1980, e Lisboa, 1983. Aí me ocupo do longo trabalho “Recherches sur Luísa Sigeia” de Léon Bourdon e Odette Sauvage no *Bulletin des Etudes Portugaises*, N. S., XXXI (1970) e do *Duarum Virginum Colloquium de ruita aulica et priuata, Lysa Sigea Toletana auctore, editum Vlyssipone, anno salutis MDLII*, “thèse de troisième cycle” de Odette Sauvage, publicada pelo Centre Culturel Portugais, em Paris, da Fundação Calouste Gulbenkian<sup>(21)</sup> também em 1970. As separatas deste meu artigo em *Humanitas* foram distribuídas muito antes da revista.



INFANTA D. MARIA DE PORTUGAL / DESENHO ATRIBUÍDO A GREGÓRIO LOPES / MUSEU CONDÉ DE CHANTILLY (FRANÇA)



Aproveitei então a oportunidade para identificar aquele “egrégio poeta-philosopho Britonius”, personagem de quem D. Carolina não faz qualquer ideia na p. 89 n. 160b. Mostrei que se trata de Girolamo Britonio, um italiano. Anteriormente, a hipótese mais corrente (seguida por Bourdon e Sauvage no referido artigo) fazia de Britonius o português Jerónimo de Brito.

Mas nos *Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris, Fundação Gulbenkian, Paris, 1972, pp. 546-559, Eugenio Asensio publicava o artigo “El italiano Britonio, cantor de la ‘Lisboa de D. João III’ ” em que se fez também a identificação; e Odette Sauvage, no mesmo volume dos *Arquivos*, pp. 560-570, no artigo “Sintra, poème latin de Luisa Sigea”, editava a sua tradução francesa dos 53 dísticos elegíacos da humanista, a acrescentar às versões espanhola (Menéndez y Pelayo) e portuguesa (P.<sup>o</sup> Fiadeiro), já existentes, e identificava Britonius.

Aos leitores interessados em saber mais alguma coisa da Sigeia, recomendo ainda o modelar artigo de J. Pereira Gomes em *Verbo: Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 17, cols. 63-64, s.v. “Sigeia (Luísa)”, que dá uma sucinta biografia actualizada e menciona a principal bibliografia sobre a mestra da infanta.

O *Duarum Virginum Colloquium* confirma a atitude crítica de Luísa perante os poderosos da corte, reconhecida já por D. Carolina (p. 41 e p. 90 n. 170) numa carta particular da *polyglotta*. Cito do meu artigo atrás mencionado: “Esperar-se-ia (...) aquilo que o diálogo da Sigeia é: uma tessitura de opiniões eruditas, abundantes e variadas, a fazer jus à riqueza da livraria da Infanta, onde a humanista compôs a obra, nos momentos livres das suas ocupações. Mas há mais alguma coisa que se não esperava e que irrompe do contexto do *Colloquium*, sem ter muito que ler nas entrelinhas: a expressão dos próprios sentimentos da autora. E estes, postos na boca de Blesilla [uma das interlocutoras], não são muito lisonjeiros para a realeza de que a mestra Sigeia era *alumna*”.

Sobre a questão, ver o restante do artigo onde também me ocupo de Luísa, tornada perita em sexualidade por um francês chamado Nicolas Chorier, o verdadeiro autor de *Aloysiae Sigeae Toletanae Satyra Sotadica de arcanis Amoris et Veneris: Aloysia hispanice scripsit: latinitate donavit J. Meursius*, livro em que a humanista disserta sabiamente sobre os diferentes modos de praticar a cópula carnal. Esta falsificação talvez impressione menos os leitores actuais do que indignou D. Carolina (p. 42) no ano já distante de 1902.

\*

\* \* \*

Não podia, mesmo nos limites de um breve prefácio, deixar de referir o problema dos retratos da infanta.

D. Carolina Michaëlis teve nesse capítulo a colaboração do professor de História de Arte que era seu marido, Joaquim de Vasconcelos, autor do "Additamento", no final do volume (pp. 119-121). Todavia, hoje o retrato que a sábia romanista escolheu para ilustrar a sua obra, e sobre o qual teceu considerações subtis a respeito do carácter da infanta (pp. 12-13), não é considerado autêntico. Nos catálogos do Museo del Prado tem o número 2113 e o título de "La dama del joyel".

Outro retrato de que fala Joaquim de Vasconcelos, seu descobridor, no "Additamento", é conhecido actualmente por "Adoração de Santa Maria de Belém" e encontra-se no Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa. A atribuição inicial a Francisco de Holanda tem sido confirmada. E Jorge Segurado incluiu-o no seu livro *Francisco d'Olanda*, Lisboa, 1970, entre as páginas 432 e 433, numa reprodução a cor. Note-se, porém, que uma "gralha" impertinente deixou a data de 1542, quando a mais provável é 1552, como diz o próprio Autor na p. 446.

A infanta D. Maria aí se encontra, bem ela, entre a rainha D. Catarina, um tanto matronal e arrogante, e o infante D. Luís. O arquitecto Jorge Segurado publica ainda na p. 25 um pormenor do mesmo quadro onde melhor pode observar-se o rosto aristocrático da infanta.

Todavia, Reynaldo dos Santos, no artigo "Os retratos da Infanta D. Maria, filha de D. Manuel", *Colóquio* 16, Lisboa, 1961, pp. 15 a 19, foi de opinião que "os documentos mais seguros... da iconografia artística da Infanta" se encontram no "desenho colorido de Chantilly feito por Gregório Lopes", quando ela teria dezoito ou dezanove anos, e no "retrato das 'Descalzas Reales', de António Moro, quando ela tinha pouco mais de trinta anos".

No trabalho de Reynaldo dos Santos, figura a reprodução de ambos. O primeiro, muito conhecido actualmente (em 1983), porque faz parte das notas de cinquenta escudos do Banco de Portugal, é incluído na presente edição, a preto e branco.

Vem a propósito lembrar que está hoje no Museu Nacional de Arte Antiga um belo retrato da rainha D. Leonor, mãe da infanta, pintado por Joos Van Cleve, que vale a pena comparar com aquele que D. Carolina fez colocar entre as páginas 16/17 e cuja proveniência descreve na p. 81 n. 52.

O retrato do Museu de Arte Antiga foi uma doação do benemérito Calouste Gulbenkian.

\*

\*                      \*

Finalmente, não sendo embora minha intenção transformar este Prefácio numa revisão exaustiva de *A Infanta D. Maria e as suas Damas*, parece-me que devo aproveitar a oportunidade para actualizar, ao menos em parte, esta obra da mestra insigne que foi D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

Assim, os versos de Francisco Holanda, encontram-se também no *Corpus Illustrium Poetarum Lusitanorum qui latine scripserunt*, vol. I (1745), p. 320.

Nesta colectânea em 8 volumes, publicada em Lisboa no século XVIII pelos oratorianos António dos Reis e Manuel Monteiro, pode ver-se que D. Carolina errou o primeiro verso que não é possível de escansão no texto apresentado na p. 79 n. 33. Começa, de facto, *Vt uidit..*

O livro de Martin de Azpilcueta que a Autora não conseguiu ver (p. 83 n. 103) teve uma segunda edição, vinte e cinco anos mais tarde, em Roma, por ocasião do jubileu de 1575. O velho Doutor Navarro, que vivia então na capital da Cristandade, juntou-lhe uma segunda carta ao leitor, curiosíssima, onde narra, com grande simpatia pela infanta, o que se passou no frustrado pedido de casamento de Filipe II de Castela.

O título da 2.<sup>a</sup> edição é: *Commentarius de Iobeleo et Indulgentiis omnibus ... olim anno Iobeleo 1550 Conimbricæ aeditus. Ad sereniss. eandemque sui ordinis Principum florem & decus, & sidus resplendentissimum, D. Mariam Portugalliae infantem. Authore Martino ab Azpilcueta Nauarro. Nunc autem Romæ, hoc anno Iobeleo 1575 recognitus, & auctus ab eodem (...) Romæ apud Iosephum de Angelis. MDLXXV.*

No próprio frontispício do seu livro, esse homem íntegro que foi Martin de Azpilcueta, revela o seu carinho pela filha do rei D. Manuel: “À Sereníssima D. Maria, Infanta de Portugal e, ao mesmo tempo, flor, honra e estrela esplendorosa entre as princesas da sua classe.”

A Gramática Latina de João de Barros, que D. Carolina não chegou a ver, conforme nos diz na p. 86 n. 26, foi publicada por Maria Leonor Carvalhão Buescu, em “Os *Grammatices Rudimenta* de João de Barros”, *Arquivos do Centro Cultural Português* IV, Paris, 1972, pp. 153-140.

Começam os *Rudimenta* com “Ad clarissimam Dominam Mariam Infantem, Ioannis Tertii Portugalliae Regis filiam, in *Grammatices Rudimenta*, Ioannis de Barros Praefatio”, isto é, uma dedicatória à filha de D. João III e não à irmã do rei.

O latim deste prefácio deixa algo a desejar e situa-se abaixo do nível corrente na época entre os humanistas.

D. Francisca de Aragão (pp. 52-53; p. 95 n. 229) foi tema de um belo livro de J. M. Queiroz Velloso, publicado na Portucalense Editora, Barcelos, 1931: *Uma alta figura feminina de Portugal e de Espanha nos séculos XVI e XVII — D. Francisca de Aragão, condessa de Mayalde e de Ficalho*.

Há ainda “gralhas” não denunciadas na “Corrigenda”, defeito de que, por motivos vários, os livros publicados actualmente sofrem ainda mais do que os do começo do século.

Assim, na p. 51, o “fervido amor às letras” do príncipe D. João não pode ter durado “até fins de 1559”, porque o pai de D. Sebastião faleceu em 2 de Janeiro de 1554.

Na p. 85 n. 122, é verdade que o “mês de Outubro não tem 19 das calendas”. Mas aqui a redacção correcta da nota devia ser “o mês de

Setembro não tem 19 das calendas”, visto que se trata do dia 14 de Setembro.

Outras “gralhas” de latinidade corrigi-las-ão facilmente os que sabem latim; quanto aos que o não sabem, também as correcções lhes não interessarão muito.

Entretanto, na página 15, a Vênus de Lucrecio é uma formosa sugestão primaveril do poema *De rerum natura*, mas a sequência *incessu patuit dea*, “revelou-se uma deusa no caminhar”, é de Virgílio, *Eneida* I, 405.

Resta-me terminar, exprimindo o prazer que sinto em prefaciar a segunda edição desta obra da extraordinária investigadora e mestra de universitários que foi D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, benemérita da Cultura Portuguesa e *Germaniae et Lusitaniae decus*.

Coimbra, Páscoa de 1983.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO



## NOTAS

(1) "Investigações sobre Cataldo Siculo", *Humanitas* XVII-XVIII, Coimbra, 1965-66, artigo reimpresso em Américo da Costa Ramalho, *Estudos sobre a Época do Renascimento*, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1960. O trecho vem citado nas pp. 66-67 deste livro.

(2) "D. Diogo de Sousa e o Introdutor do Humanismo em Portugal", *Bracara Augusta* XX (1966), artigo reimpresso em *Estudos sobre a Época do Renascimento*. A citação vem na p. 99 deste livro.

(3) At neptis flauos rupit Leonora capillos,  
Ori nec roseo morte pepercit aui.

"Cataldi Consolatio ad Ferdinandum Menesium Marchionem, magnanimum Principem", vs. 165-166.

(4) "Praetera non tacebo me in loco humili rem caelestem inuenisse: hoc est Cumaeam uatem quae si nunc non omnino est, paucis post annis uerissima apparebit. Non solum nostratium, sed omnium ueterum ingenia, memorias, sermonis leporis longe antecellit: quicquid audit, statim percipit, quicquid percipit, facillime ediscit, tenacissime seruat. Nomen Lianora, Marchionis filia" (*Cataldi Epistolarum et quarundam Orationum secunda pars*, fol. B).

(5) "Solebam quondam Comiti Alcotini palmam constantissime donare. Nunc uero dubito utri dare debeam ipsine Comiti an Sibyllae sorori Lianorae nomine". (*Cataldi Epistolarum... secunda pars*, fol. C iij).

Nas citações em latim foram desfeitas as abreviaturas e atualizada a grafia.

(6) D. António Caetano de Sousa — *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Nova edição revista por M. Lopes de Almeida e César Pegado. Coimbra, 1954, tomo VI, ii parte, p. 276.

(7) Sobre este livro, ver Artur Anselmo, *Origens da Imprensa em Portugal*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1981, pp. 324-331 e outras referências a Cataldo (cf. "Índice Onomástico").

(8) "Nótulas sobre o humanista italiano Cataldo Parisio Siculo", *A Cidade de Évora*, 35-36, Évora, 1954, pp. 3-13.

(9) Cf. Américo da Costa Ramalho, "Áquila, sobrenome de Cataldo ou nome de livro?", *Estudos sobre o Século XVI*, 2.ª edição aumentada, Lisboa, Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 1983, pp. 36-51.

(10) Sobre o humanista, ver o meu artigo no vol. I do *Grande Dicionário de Literatura Portuguesa e de Teoria Literária*. Dos versos de Pedro Sanches aí citados, dei posteriormente outra leitura em "Aires Barbosa e Erasmo", *Humanitas* XXIX-XXX, Coimbra, 1977-78, pp. 220-221.

Recentemente, Armando de Jesus Marques publicou interessantes informações sobre a actividade salmantina de Aires Barbosa, no seu livro *Portugal e a Universidade de Salamanca. Participação dos escolares lusos no governo do Estado, 1503-1512*. Ediciones Universidad de Salamanca, 1980.

(11) "De Ioanna Vacca Conimbricensi persaepe audiui: de qua mihi multi multa retulere: quae si uera sunt, ut esse existimo, hoc unum nostri saeculi miraculum puto; quam unam ex suo sexu formauit eloquentiae dea Minerua, ne desset, si quando opus esset, quam in suum locum sufficeret. Ad eam non scribimus, ne iam iterum uana littera um spectatione langueamus." (fol. 285).

(12) "De probissima femina Ioanna Vascilla nostri regni et saeculi eximio iubare, quidquid boni audieris tibi uerum esse persuade; eam enim ego esse iudico, cui plura paene inuida debeat fama quam

praedicarit hactenus; nam ut omittam admirabilem eruditionem quam tenella uirgo inter magistros (ut aiunt mutos) absque doctorum hominum consuetudine, ut femineum decet pudorem est assecuta; certe pudicitiam, honestatem, modestiam ceterasque uirtutes quas in primat puella quis requirat, in hac cunctas una secundum omnes numeros inueniet. Quod autem tibi non rescripserit mirum tibi uideri non debet; nam etsi humanissima et comis est, tamen honoris sui interesse putauit nemini homini uel rescribere unquam, nisi ad id iussu cogereetur patris" (fol. 286 v.º - 287).

(13) "Nam ubi primum pauca quaedam scripta tua sum nactus, uelut ex unguibus (quod aiunt) leonem aestimans, ita sum ingenium tuum ac eruditionem admiratus singularem; ita blanda dictionis illectus mollitudine, ut nihil iam pridem optarim ardentius quam aliquam mihi dari occasionem, qua me tibi commodè possem et honeste insinuare. Sed innatus quidam mihi et peculiaris pudor, quem ego saepe mecum soleo damnare, qui uel ad honesta mihi uiam praeccludere uideatur, obstitit semper; quod uerebar oppido ne fortasse importunus saluator accederem. Ceterum, ubi superioribus diebus, eximium saeculi nostri ornamentu Joanna vaz, non modo feminarum doctissima, sed uiris etiam doctissimis merito coaequanda et honorificam humanitatis tuae, non literarum modo, apud me habuit mentionem; ausus sum, rustico illo pudore reiecto, has ad te litteras dare: (...) Accessit huc quod quum diebus abhinc paucis, instituendae D. Mariae principis, iubente Rege, prouinciam susceperim; inter ceteras primates uirgines, quas optimi regis nostri prudentia, filiae comites ad bonas litteras perdiscendas uoluit adhiberi, Menesia tua uel in primis electa est: quae tanta auditate id studii genus amplectitur, tam deperit efflictim, ut appareat facile, litteratissimi hominis esse filiam, quae litteras tam ardentè amet". (fols. 295-295 v.º).

(14) Viria a falecer com "17 anos e nove meses" do parto do primeiro filho, o infeliz príncipe D. Carlos. que teve de seu marido, o futuro rei Filipe de Castela e Portugal.

(15) Cf. Américo da Costa Ramalho, *Estudos sobre o Século XVI*. Lisboa, 1983, pp. 64-65.

(16) *Anekdotes Portuguesas e memórias biográficas da corte quinhentista. Istórias e ditos galantes que sucederão e se disserão no Paço (...)*. Leitura do texto, introdução, notas e índices por Christopher C. Lund. Coimbra, Almedina, 1980, pp. 82-83.

(17) Cf. os meus *Estudos sobre o Século XVI*. Lisboa, 1982, especialmente pp. 53-75 e 199-201.

(18) Sobre os bens, em França, da "princesa mais rica da Cristandade", ver Joaquim Veríssimo Serrão, *A Infanta D. Maria de Portugal (1521-1577) e a sua fortuna no Sul da França*, ed. Ocidente, Lisboa, 1955.

(19) A oratio de 1551 foi publicada e traduzida de novo, recentemente, em *Acta Rediuiua III*, colecção da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: *Oração de André de Resende pronunciada no Colégio das Artes em 1551. Reprodução facsimilada, leitura moderna, tradução e notas de Gabriel de Paiva Domingues*. Coimbra, 1982.

O mesmo autor publicou uma tradução da epístola em hexâmetros dactílicos à infanta D. Maria (p. 81 n. 59) no artigo "A 'Sempre Noiva' Carta de André de Resende à Infanta D. Maria", *Humanitas XXVII-XXVIII*, Coimbra, 1975-76, pp. 53-69.

(20) *Cuius auctor pedissequa tua est...* declara a autora na dedicatória à infanta do *Colloquium duarum Virginum*, expressão que Odette Sauvage traduz correctamente por "So'n auteur est votre servante..." Cf. O. Sauvage, *Dialogue de Deux Jeunes Filles sur la vie de cour et la vie de retrait (1552)*. Paris, Presses Universitaires de France, 1970.

(21) É a obra citada na nota anterior.





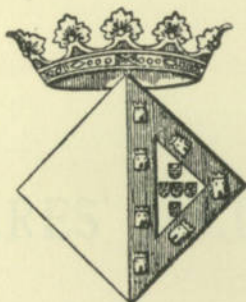




*B. N. L.*

Officinas do «Comercio do Porto»





A INFANTA

# D. MARIA

DE

PORTUGAL

(1521 - 1577)

E AS SUAS DAMAS

POR

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS



PORTO

TYP. A VAPOR DE ARTHUR JOSÉ DE SOUZA & IRMÃO

1902





# MULHERES ILLUSTRES

DE

PORTUGAL

---



NALYZAR a psyche portuguesa nas suas exteriorizações femininas, traçar o perfil, contar a vida de damas illustres, mesmo que não seja em volumosos estudos, mas apenas em esboços ligeiros, não é empresa facilmente realizavel.

E' bella, vasta e muito variada a galeria das que se salientaram na historia patria, tornando-se notaveis quer por qualidades de espirito pouco vulgares, quer por acções inclytas, ou apenas pela sorte ora tragica, ora commovedora que soffreram, ou enfim pela aureola de luz com que poetas por ellas inspirados cingiram as suas fronteas.

Os materiaes para executar reconstrucções solidas são todavia escassos. Ha penuria de documentos authenticos e informações concretas e precisas; principalmente com respeito ás intellectuaes. De pouquissimas existem retratos fidedignos.

E o que é peor, nem uma só legou á posteridade confidencias intimas em *Memorias*, *Confissões autobiographicas* ou *Cartas familiares* — *janellas da alma* que revelam consciências, segundo o dito de um afamado critico francês. Rarissimas são tambem as que escreveram obras de phantasia, em que, sob nomes de convenção, se retratam a si proprias, ou pelo menos espelham o character, a physiognomia mental, o seu mundo affectivo, o credo philosophico que professaram.

Só á luz de acontecimentos, mais ou menos documentados, e

através de temperamentos alheios é que conseguimos distinguir a sua indole.

Encontram-se certamente, nas obras de alguns historiadores muitas noticias importantes, anedotas características, ditos que pintam — não sendo das peor partilhadas as figuras archaicas, esculpidas com poucos mas vigorosos traços em sarcophagos e epitaphios, sombreadas no pergaminho dos Livros de Linhagem, ou movidas no suave rytmo dos cantares de louvor ou de escarnio de trovadores; nem tão pouco as heroínas de chronistas ingenuos que narram com singeleza consoladora o successo que presenciaram e ouviram ou «houveram» por tradição. Possuimos tambem, do seculo xiv em diante, monographias de respeitaveis dimensões, especialmente sobre rainhas, infantas, duquesas, santas e martyres. Algumas são de incontestavel valor. Elucidam, porém, quando muito, sobre uma duzia de figuras. E isso imperfeitamente, pois na maioria dos casos a prosa rhetoricamente encomiastica dos biographos envolveu-as num nimbo vago de monotonas perfeições que faz sorrir ou desconfiar. Nota-se com desprazer a tendencia de tudo uniformizar, levantando-as todas até altura tal que não é possivel distinguir feições individuaes. Intencionalmente, ou não, as mulheres phenomenaes são apresentadas como sujeitas á regra commum. Enroupando-as num mesmo habito convencional conseguem torná-las parecidas, e muito, ao ideal feminino, tal como a antiguidade e a idade media o haviam creado, isto é ao typo da mulher boa, virtuosa, feliz — que não tem biographia.

\*

Todos sabem o que foi, o que é esse ideal.

«*Vossa gloria será grande se guardardes intactas as virtudes mulheris, de sorte que entre os homens pouco haja a dizer de vós, quer a bem, quer a mal.*»

Neste apophtegma hellenico (talhado, ha mais de dois milennios, por aquelle espirito sublime, em volta de cujos labios eloquentes volitava cada vez que os entreabria, *Peitho* ou seja *Suada*, a graciosa deusa da rhetorica persuasiva), neste apophtegma que forma na oração funebre aos heroes mortos nos primeiros annos da guerra do Peloponneso, a apostrophe final, dirigida por Pericles ás mulheres de Athenas que assistiam lacrymosas á inhumação dos filhos e maridos, encontra-se resumida a comprehensão do ideal feminino pela Grecia.

O genio latino, esse, condensou-o em estylo mais lapidar, mas

com symbolismo transparente, no epitaphio inscripto na pedra tumular de Claudia Romana:

*Casta vixit — domum servavit — lanam fecit.*

*Viveu casta — guardou o lar — e fiou lã.* <sup>1</sup>

Na Allemanha dictam leis e ordenam imperativamente: *a casa — esse é o teu dominio. Die Frau gehört ins Haus.*

Em Portugal temos a mesma noção esthetica, modificada todavia em sentido catholico pelo christianismo peninsular. *Sómente é discreta a que é santa*, ou no seu teor original: *solo es discreta quien es santa*, visto que o engenhoso e agudo auctor da *Arte de Galantaria* preferiu a lingua castelhana á falla de seus avôs.

Fazendo sua esta ultima definição, os escriptores dos seculos xvii e xviii que se occuparam da mulher portuguesa — no *Theatro Heroico* <sup>2</sup> — *Jardim de Portugal* <sup>3</sup> — *Portugal illustrado pelo sexo feminino* <sup>4</sup> — *Flores de Hespanha* <sup>5</sup> — *Retratos e Elogios* <sup>6</sup> — e quantas mais obras subsistem com titulo e character semelhante — retocaram em geral as feições das que floresceram em letras e armas, num fundo uniforme com pincel muito ascetico, pelo systema a que já alludi.

Cortando saliencias, calando defeitos e erros, dissimulando fraquezas e paixões, pondo em relevo exclusivamente feitos e ditos que abonam bons costumes (dando invariavelmente no fim a lista das obras pias, doações a igrejas, fundações de conventos, esmolas á pobreza, praticas devotas) facilitam a idealização, a classificação, mas privam-nos dos elementos necessarios para o desenho de quadros historicamente fieis, coloridos ao vivo, conformes á realidade. Assim dão a entender que louvores em summo grau são devidos não á mulher que sahio da *volgare schiera* pelo esplendor da vida, dotes de espirito, formosura, manifestações de talento, genio ou actos de civismo; nem, como na concepção germanica, áquella que cultiva com desvelo, em volta do lar, virtudes domesticas; mas pelo contrario, que antepõem a todos os deveres a sua devoção. A's que sujeitando ás suas aspirações á condição severa de uma vida essencialmente de sacrificio, se dedicam á mais abstracta das obras de misericordia, rezando e mortificando-se por bens da sua alma e mais peccadores, gastando as suas forças vivas em exercicios espirituaes, occultas na penumbra do convento. A' mulher santa, virgem e freira — ou freiratica.

*Solo es discreta quien es santa.*

Dos seus *Theatros* e das suas *Galerias* ficaram excluidas por isso mesmo as entidades abertamente más, as naturezas problematicas, e as mulheres fataes, sem outra culpa que não seja o seu encanto feminil. Não quizeram saber das grandes exaltadas, peculiarmente caras aos investigadores modernos, como *Soror Marianna*, auctora

da obra prima do amor feminino, nem das creaturas de alma voluptuosamente apaixonada, olhos, gestos e dizeres de creança que os poetas immortalizaram, como a *Maria* de Christovam Falcão, a das lagrimas doces; a *Menina e Moça* dos olhos verdes que enfeitiçou o romantico Bernardim Ribeiro; a *Natercia* de Camões, cabeça de ouro e neve — figuras que em qualquer Pantheon moderno de notabilidades femininas hão de forçosamente constituir uma categoria á parte, e não a menos interessante e suggestiva. <sup>7</sup>

Ha muito que penso num tal Pantheon e junto materiaes para o construir.

As biographias que vou esboçar não foram todavia subordinadas a nenhum plano geral. Surgiram ao acaso: a primeira, a pedido dos editores do *Plutarco Português*; <sup>8</sup> a segunda para o jornal *A Arte Portuguesa*. <sup>9</sup> Ambas apparecem agora retocadas. Creio porém que mais tarde ainda terão de soffrer alterações sensiveis, a fim de entrarem num conjuncto mais vasto, e tambem porque ha subsidios ineditos que até hoje não me foi dado explorar. Determinou a escolha em ambos os casos um detalhe exterior, mas muito importante — a subsistencia de retratos coevos, authenticos.

\*

*A Infanta D. Maria* é figura digna de attenção debaixo de varios aspectos.

De sangue real, herdeira da corôa, se não morresse um anno antes da catastrophe de Alcacer-Quebir, pertence á historia e teve biographos conscienciosos. <sup>10</sup>

Em crianca e na flôr da idade viu refulgir diante de seus olhos a corôa de França; foi escolhida repetidas vezes para o throno imperial — *orbis destinata imperio* — e outras tantas para o imperio de Hespanha. Acariciando sempre, no intimo do coração, este ultimo projecto, ficou ainda assim *innupta*, uma triste *sempre-noiva*. Este estado tragicomico que lhe foi imposto, mas que a final aceitou com sublime altivez, apparentando tê-lo escolhido livremente, despertou a dolente *sympathia* dos coevos. <sup>11</sup> E ainda hoje é capaz de suscitar a dos posteros.

Latina, *blas-bleu*, ou antes *virago*, no nobre sentido que a Renascença italiana deu ao malvisto palavrão, <sup>12</sup> faz excepção á regra commum, tomando logar na tribuna pouco povoada das eruditas portuguezas. Coarcta tambem neste caso pela educação que lhe deram, não renegou, mas antes aceitou, submissa e grata, essa sorte

que o tempo e as condições mesologicas lhe haviam talhado. Mas no fim de contas, não sei se a despeito d'essas circumstancias ou devido a'ellas, a princesa erudita fica a pouca ou nenhuma distancia do ideal commum, da mulher forte, exaltada pelos hagiographos portuguezes, ou antes da *Vierge forte*. Será por causa da heroica abnegação e paciencia com que tomou sobre si a dupla empresa de solteira e sabia que não escolhera? ou por motivo dos amargos desgostos que fada alguma lhe havia profetizado no berço? ou emfim pela parte activa que teve na cruzada do bem, e pela pureza exemplar da sua conducta?

Tres vezes illustre—no campo da historia, na republica das sciencias e artes, e na constellação das virtudes.

E para que nada lhe falte podiamos collocá-la egualmente na quarta categoria, entre as *Inspiradoras*. Não só porque em pleno renascimento, na era camoniana da litteratura portuguesa que é ao mesmo tempo a idade aurea do humanismo, serviu de assumpto a numerosos poetas e prosadores, em vernaculo e latim, mas tambem, porque foi amada, se a fama não mente, com paixão estremosa por um fidalgo da côrte—parente d'aquell'outro namorado que, um seculo antes, de Amador de uma Infanta, se havia transformado em santo Frei Amador. <sup>13</sup>

O facto em si não pode ser comprovado, como direi no fim d'este estudo. E' mesmo muito provavel que seja mera lenda, como a loucura de Bernardim Ribeiro pela Infanta D. Beatriz. Mas a ser verdade, não prejudicava em nada a purissima fama de D. Maria, nem ia de encontro ao que sabemos dos costumes da época e em geral do genio amoroso dos antigos portuguezes — *da sua constellação natural apurados no amor*, a ponto de ser *quasi costume entre elles* o quererem impossiveis e o morrer, matar, ou enlouquecerem de magoa amorosa.

A quem objectar que a côrte de D. João III e D. Catharina — introductores e fautores fanaticos da Inquisição e da Companhia de Jesus — era antes que tudo *escola de santa doutrina*, respondo que nem por isso deixou de ser o que fôra nos seculos anteriores: *escola de fina galanteria*, de onde sahiram mestres e modelos na arte de amar; e selva de aventuras romanticas onde se desenrolaram innumeros dramas de amor.

Ao dito de D. Francisco de Portugal sobre as damas portugesas podia, quem quisesse, oppôr o de outro observador não menos sagaz — o mote: *son enamoradas porque son discretas* ou, virado ao enves, *son discretas porque son enamoradas*, apontando, além da Religiosa de Beja, muitos mais exemplos comprovativos de que os exercicios espirituaes, longe de embotarem, exaltam ás vezes aquella sen-

sibilidade intensa de alma que aproxima o amor português (não meramente sensual e de cabeça, como costuma ser o da raça latina, mas profundo e de coração) ao dos slavs e germanos, embora com mais frequência resulte funesto.

*Amor de perdição, e não de salvação.*

Páro aqui. A indole amorosa dos portuguezes não é assumpto d'estas paginas. Nem é da Infanta namorada (potencia incognita, se existiu), é de uma victima da politica, que vou tratar, de uma princesa que procurou e encontrou o seu consolo nas letras. Incidentalmente direi alguma cousa das suas principaes companheiras e mestras de estudo *Joanna Vaz, Luisa e Angela Sigea* — as mais conhecidas entre as eruditas que cercavam a Infanta. <sup>14</sup>

*Hortensia de Castro* não pertence directamente ao circulo palaciano. <sup>15</sup> Vivendo longe de Lisboa na capital alemtejana e em Villaviciosa, apresenta aspecto menos cortesão e mais academico. Pelo saber classico é todavia irmã gêmea das que brilhavam no paço real e no da Infanta.



## A INFANTA D. MARIA

---



NÃO se esqueceram, de certo, os que leem, dos epithetos pomposos em que o nome de D. Maria costuma andar envolvido. — *Flor e honra das princezas; esplendor de pureza; primaz das mulheres portuguezas; flor intacta de virgindade; exemplo de castidade; Minerva do seu seculo; formosa Minerva; Pallas desarmada; rara ave ou phoenix pela sua prudencia e singular intendimento de todos os assumptos; eruditissima; segunda Zenobia; inclityta Eudoxia; Placidia bella; Rainha Sabá; Artemisia, e Dido* — eis alguns dos titulos que lhe foram applicados pelos biographos e pelos coevos quando lhe iam dedicando obras eruditas ou amenas. Passo os mais hyperbolicos, por andarem redigidos na lingua de Lacio. Não deixarei todavia de observar que humanistas da mais pura agua, como André de Rezende e Manoel da Costa não se pejaram de lhe tributar honras divinas. Algumas citações, dispersas por estas paginas, mostrá-lo-hão pouco a pouco.

Quasi sempre é a sabedoria e a castidade, que se põe em fóco. Menos vezes a sua formosura e gentileza.

O melhor que teriamos a fazer para avaliar os dotes phisicos, seria considerarmos uma serie de effigies authenticas. Mas onde estão ellas?

Não padece duvida que a filha de D. Manoel foi retratada em diversas occasiões por pintores de renome, nacionaes e estrangeiros, dos mais celebres que trabalharam entre 1520 e 1580 na côrte portuguesa. Além do miniaturista *Antonio de Hollanda* e seu filho *Fran-*

cisco, o *Apelles* português, os que provavelmente executaram pinturas da Infanta ao natural foram: *Antonio Moro* (1551), *Affonso Sanches Coelho* (1551-1554), *Hans van der Straten* (1556), *Christoph von Utrecht* (1557).<sup>16</sup>

Quantas illuminuras, medalhas, chapas de cobre, taboas grandes e telas d'estes mestres, e de outros de menor fama, não seriam enviadas á mãe que se consumia ao longe em amargas saudades durante sete lustros (1523-1558)! Quantas seriam remetidas aos soberanos que requestavam a mão da Infanta! Ou haveremos de acreditar que nem sequer desejavam examinar as feições nobres e delicadas da desposada, os sete noivos platonicos e longinquos que pouco a pouco surgiram no seu horizonte? Quantas ficariam além d'isso no reino a adornar os paços regios, e a fallar aos posteros das obras pias que instituiu!

No estrangeiro (na França, Hespanha e Austria) perderam-se provavelmente varios d'esses retratos, por incendios ou estragos do tempo. Alguns lá estarão ainda em palacios e museus, escondidos ou não identificados.

O unico de que por ora ha noticia, é um que em Madrid faz parte do Museu do Prado, não documentado, mas com attribuição tradicional á Infanta, a qual creio firmada em boas razões. E' o que reproduzo segundo uma bella photographia, tirada directamente sobre o original<sup>17</sup>. D'elle fallarei depois de ter passado em revista os restantes.

Os de Lisboa são tres. Um conserva-se num retabulo da Igreja conventual da Luz.<sup>18</sup>

O facto de a capella-mór d'esse importante edificio ser fundação de D. Maria e destinada para seu jazigo, suscita naturalmente a esperanza de o retabulo ser doação e representar fielmente as suas feições. Mas a suspeita é erronea. A construcção foi acabada depois do seu fallecimento. Sepultada provisoriamente no Capitulo da Madre de Deus, junto á Rainha D. Leonor, só ao cabo de quasi vinte annos, foi trasladada para a sua modesta morada no pavimento da Luz.<sup>19</sup>

O quadro que a mostra em idade juvenil não tem character de authenticidade. Obra do seculo XVIII é, no caso melhor, copia de um original antigo, lá de 1540 e tantos, talvez de Antonio ou Francisco de Hollanda.

Outro, diverso mas muito semelhante, a ponto de devermos considerar um dos dois como repetição do outro, pertencia em principios do seculo ao Real Mosteiro da Encarnação, mais uma das muitas casas santas que a Infanta mandou construir.<sup>20</sup> Sobre ella foi feita uma Estampa<sup>21</sup> que, figurando na collecção iconographica de



1817 <sup>22</sup> e correndo solta <sup>23</sup> vulgarizou um quadro, aparentemente digno de confiança. <sup>24</sup> Ignoro onde pára hoje, e se por ventura o teve á mão um dos paladinos modernos da Infanta que a descreveu do modo seguinte:

« Formosura suavissima, bem revelada na alvura da pelle, no azul celeste dos olhos vividos e na côr loira dos cabellos que por de sobre (sic) uma ligeira coifa, alevantando-se em arredondada frisa até ás fontes, segundo a moda do tempo, lhe coroavam de ouro a espacosa e ampla fronte, onde o talento espontaneo evidentemente se expandia. » <sup>25</sup>

Cumpre conferir essas indicações com as que ácerca do quadro da Luz redigiu um dos poucos que desdenham a erudição da princesa, mas ainda assim não se subtraem ás suas graças mulheris: um sympathico rosto loiro arruivado, com beiços grossos e olhos azues intelligentes, emmoldurado em altiva gorjeira de cassa. <sup>26</sup>

Ainda numa outra fabrica, custeada pela Infanta, mas realizada depois da sua morte, via-se em tempo de Pacheco, e vê-se hoje, a sua imagem. Fallo do Hospital da Luz, perto do convento (hoje *Collegio Militar*). Na capella que ficava no meio das enfermarias, dedicada á Virgem dos Prazeres, lá estava a fundadora aos pés da padroeira, offerecendo-lhe aquella obra de architectura, com umas letras que dizem *Santa Maria succurre Miseris*. <sup>27</sup>

A respeito de uma pintura, de auctor desconhecido, enviada á França em fins de 1541 ou principios de 1542 e que portanto representava a Infanta na flôr da idade, possuimos assentos da propria mãe, numa carta á filha. Accusando a recepção, sem grandes demonstrações de alegria, reprimindo pelo contrario suspiros e lagrimas de desconsolo e medindo cada expressão, a Rainha D. Leonor escreve apenas: *Con vuestra pintura, hija, he holgado mucho. . . pues no puedo ver lo natural. Plega a Dios que pueda ser alguna hora y con vuestro contentamento, que será lo mio!* <sup>28</sup> Quão profundas magoas se escondem sob estas phrases singelas — e quanto é preciso lêr entre linhas, o leitor vê-lo-ha no capitulo seguinte. <sup>29</sup>

Ainda outra taboa houve, ou antes taboinha (*tabula depicta, tabella, tabellula*) pintada um decennio depois, e essa de mão de um artista conhecido, portuguez, que estava habilitado como ninguem para comprehender e interpretar condignamente a alma da Infanta.

Francisco de Hollanda, o já mencionado originalissimo auctor de um tratado extenso sobre a *Arte de tirar ao natural*, <sup>30</sup> que é unico no seu genero, lembrava-se até morrer com profunda saudade da Italia onde havia estudado com summidades artisticas, conhecendo em intimo convivio a Miguel Angelo e sua Diotima,

uma das damas mais illustres e mais dignas d'admiração do renascimento italiano, tão fecundo em celebridades femininas. Comparar fidalgas portuguesas, de espirito culto e costumes impeccaveis, com a Marquesa de Pescara, chamar-lhes por meio d'este simile pensadoras profundas, poetisas excelsas, afamadas não menos pela bondade e nobreza de um caracter privilegiado em que tudo era genuino, do que pelo sangue, engenho e erudição, era uma homenagem primorosa que gostavam de tributar ás suas patricias os quinhentistas de cá que haviam entrevisto e admirado o original em Ischia, Napoles e Roma. <sup>31</sup>

Pena é que não nos seja dado verificar, até que ponto o Miguel Angelo português, o pensamento fito em Vittoria Colonna, e á luz da renascença italiana, sondou e reconstruiu a mais fina organização da renascença nacional.

Com livros não a rodeou, de certo. Seu principal empenho era mostrá-la bella, casta e intelligente, digna de ser amada por Felipe de Hespanha, seu pretendente nos annos de 1549 a 1552. (O pretendente, é bom notá-lo entre parentheses, contava seis annos a menos do que a noiva.) E' o que resulta da referencia ao senhor do mundo nuns disticos latinos que hoje são quanto resta da obra de Hollanda. <sup>32</sup>

Eis os breves mas finos encomios que um douto jurisconsulto, admirador do pintor e do modelo, distribue a ambos: <sup>33</sup>

*Venus depois de ter avistado o retrato de Maria,  
foi levando-o para o mostrar a seu filho. E disse:  
Não ignoras que de ha muito os fados andam á procura  
de um esposo digno d'esta dama e que não o encontram.  
Larga o arco; deixa as settas; leva sómente esta taboa,  
e novos titulos de honra juntarás á tua gloria.  
Reduzindo a captiveiro o monarcha do mundo,  
ganharás um só mas ingente tropheu.* <sup>34</sup>

O segundo epigramma do mesmo humanista é mais explicito, e mais descriptivo:

*Representar ao vivo a divina Maria  
tentou Hollanda — empresa altissima, digna do artista.  
Do mesmo modo a representou como pelo vate meonio  
foi figurada a filha de Alkinoos, igual  
em virginal gentileza á deusa Artemis.  
Os olhos parecem fulgurar na fronte astral;*

*a pudicicia tinge de rosas as suas faces :*  
*Magestatica é a estatura e o porte ; ninguém*  
*pode duvidar se é, ou não, nas alturas que ella se move.*  
*Como outr'ora Zeuxis soube figurar a Penelope,*  
*honesta a ponto de parecer a estatua da propria castidade,*  
*assim o feliz pincel de Hollanda faz entrever n'esta taboa*  
*a pureza dos costumes da augusta donzella.*  
*Se fosse dado aos olhos dos mortaes avistar*  
*a virtude em pessoa, é essa expressão que lhe veriam.*  
*Mas não foi possivel communicar-lhe aquella suave graça*  
*a que não existe nada superior no mundo inteiro.*

As allusões ao Livro VI da Odyssea, em que Homero descreve com inexcelsa maestria o encontro de Ulysses com Nausicaa, equiparando a joven princesa hellenica á pudica irmã de Apollo, podiam provocar em alguém a supposição de Hollanda não ter traçado um simples retrato da Infanta, em traje singelo ou festivo, mas antes uma scena mythologica, mostrando-a cercada de uma alegre comitiva de damas, radiantes de mocidade, as quaes venciam pelo esplendor da belleza, a elevada estatura e o fausto dos indumentos, quer fosse nos bosques de Cintra como Diana caçadora, quer nas praias do Oceano, figurando ahi a incomparavel filha do rei dos Pheacos.

Comtudo, se tal presumisse, andava enganado. A Infanta não era caçadora.<sup>35</sup> E a evocação de uma terceira figura, sempre representada a fiar, ao pé do lar abandonado pelo astuto e multivago Ulysses, embarga completamente tal interpretação.

Apenas se pode inferir o que já indiquei: que a taboa perdida dava ideia adequada da sua pudibunda e nobre formosura.

Nas epigraphes do subtil Manoel da Costa<sup>36</sup> não se acha exarado o nome do pintor. Mas o texto não deixa duvida a este respeito:

*Exprimere ad vivum divinam Ollanda,*  
*Mariam tentavit. . .*  
*Et felix manus Ollandæ monstravit*  
*Eadem Augustæ mores Virginis in tabula.<sup>37</sup>*

Volto ao retrato de Madrid, que tambem é obra de uma notabilidade artistica e respira as mesmas virtudes da Infanta, comquanto lhe falte a franca alacridade que emana das reminiscencias pagans do pintor e do humanista philhelleno.

*Antonio Moro (Moor)*, um dos melhores e mais fecundos retratistas do seculo (1512-88), rival de Holbein e Ticiano, chegou á peninsula cerca de 1550, chamado por Carlos v, ou mandado de Flandres por sua irmã, precisamente quando o primogenito e herdeiro, viuvo desde 1545 de outra D. Maria de Portugal, filha de D. João III, tratava de um novo casamento, visando a nossa Infanta. Moro repartiu então o seu tempo entre Madrid e Lisboa, pintando os soberanos e magnates das duas côrtes. Cá executou, entre outros, dois magnificos retratos dos Reis, os do Principe Real e Infante D. Luiz; lá o da filha de Carlos v, a imperatriz D. Maria, e a princesa D. Joanna, noiva do herdeiro da corôa portuguesa. Quem pôde duvidar que pintasse em Portugal a filha de D. Manoel, escolhida para noiva de D. Felipe? e que não só a taboinha de Hollanda mas tambem um quadro em tamanho natural fosse mandado a Castella?

D. Maria contava então trinta annos, idade perigosa para a mulher meridional, segundo o dizer do povo. Mas o caso era excepcional. Chegada aparentemente ao termo de seus desejos, ás culminancias que outras infantas de Portugal haviam attingido antes d'ella (D. Maria só de 1543 a 1545, D. Isabel de 1526 a 1538), officialmente desposada ao futuro senhor do immenso imperio hispanico, a princesa fulgurava como nunca d'antes, em toda a plenitude das suas faculdades, em todo o esplendor da sua gentileza majestatica, acariciando a fugidia esperanza de ver afinal acabadas as intrigas interminaveis e deprimentes de que fôra alvo.

Ainda assim, Antonio Moro não pôde varrer completamente as sombras de uma dolorosa meditação d'aquella testa alta, espaçosa e geralmente placida. E' que entristecida por repetidas decepções, a filha de D. Manoel mal ousava dar credito ás mais solemnes promessas.

Como symbolo de magoas fôra envolvendo o rosto gracioso, de feições tão regulares e puras, e parte do formoso cabello castanho-claro ou loiro-escuro que o emmoldura, <sup>38</sup> num veu tenue que desce ao peito. A mão direita, de afilados dedos aristocraticos, segura uma perola que lhe serve de firmal. Uma lagrima reprimida? Talvez. Todavia o pintor viu e reproduziu apenas uns olhos azues muito limpidos, com expressão serena e franca, suavemente perscrutadora, nos quaes se reflecte uma intelligencia lucida, altiva rectidão, e principalmente um coração valente. Aos labios finos, cerrados por inviolavel sigillo, e ao terço inferior da cabeça, não falta energia.

Essa bocca tão discreta poderia ter contado toda a agitadissima historia do reinado de D. João III. Da sua prudente resignação dependia a paz da casa real. Mas como o pintor, a nação viu nella

apenas a mulher recatada e submissa, forte por taes virtudes, prompta a todos os sacrificios, fecunda em obras boas. Poucos adivinhavam luctas e angustias debaixo d'aquellas apparencias de *sosiego* e *grandezza* que herdara do pae, sem nunca assumir a exagerada sobranceria que tornou mal vista sua meia-irman, D. Beatriz de Saboia.

Cumpre-me explicar agora quaes motivos me levam a aceitar a antiga tradição artistica, que designa com o nome *Infanta D. Maria* a bella dama pintada por Moro, dizendo porque reconheço no vulto a filha de D. Manoel, comquanto nem no proprio quadro nem tão pouco em documento algum relativo a Moro haja noticias elucidativas. E tambem, por que razão regeito e considero inconsistentes as duvidas levantadas por certos criticos escrupulosos.<sup>39</sup>

De onde essas duvidas nasceram, bem o sei. Da coexistencia de tres damas diversas de nome igual, que, nascidas no terceiro decennio do seculo XVI de allianças entre a casa de Austria e a dynastia manuelina, e casadas ou promettidas em casamento a principes do mesmo sangue, tinham jus a figurar nas galerias de retratos dos Felipes, e deviam, segundo todas as previsões, apresentar certo ar de familia, ostentando trajas de estylo parecido.

Ei-las pela ordem chronologica: Primeiramente temos a nossa Infanta, filha de D. Manoel de Portugal e D. Leonor de Austria (1521-1577). Em segundo lugar, a filha de D. João III e D. Catharina, a qual nasceu a 21 de maio de 1527, casou em 1543 com seu primo Felipe, e falleceu ao cabo de dois annos, ao dar á luz o Infante D. Carlos, de triste memoria. De passagem seja dito, que os dois nubentes eram de idade igual e celebravam o seu anniversario no mesmo dia, como os reinantes actuaes de Portugal. A terceira é a filha de Carlos V e da Imperatriz D. Isabel de Portugal. Essa nasceu em 1528. Casando em 1548 com o Imperador Maximiliano II, conservou-se todavia na Peninsula até 1551.<sup>40</sup>

E' impossivel que Antonio Moro pintasse a segunda, se realmente veio de Flandres depois de 1550, no que todos concordam.<sup>41</sup> Impossivel tambem que o quadro em questão represente uma joven de 17 ou 18 annos. Tambem não póde representar a terceira D. Maria, pois o retrato d'ella conservou-se e lá está hoje no Prado, ao lado do que nos occupa (com a numeração que indico nas Notas), mas tambem sem inscripção comprovativa. Resta portanto a hypothese que defendo e outros impugnam, por confundirem as tres Marias.<sup>42</sup>

A estada do pintor flamengo — *pintor das noivas regias*, como um dos mais entendidos criticos de arte costuma nomeá-lo — na côrte portuguesa, em 1552, com cartas de recommendação da

Rainha-viuva de Hungria <sup>43</sup> para sua irman D. Catharina, é um facto incontestavel e comprovado. <sup>44</sup>

Com quasi igual certeza consta que o eximio artista retratou do natural, além dos reinantes, ao principe real, ao Infante D. Luiz e uma D. Maria de Portugal e que esses quadros foram parar, ainda no seculo XVI, a Hespanha, onde figuraram até 1608 na Sala dos Retratos do palacio *El Pardo*. <sup>45</sup> E como em 1550 havia uma unica *D. Maria de Portugal* é quasi superfluo relevar ainda a perfeita concordancia da idade, e da indole que a pintura revela. Mas não será desnecessario acentuar de um lado os traços de parentesco com os quadros da Luz e o do Mosteiro da Encarnação — como são a testa alta, cabello loiro, olhos azues, tez muito clara — <sup>46</sup> e do outro lado a semelhança notavel da retratada com el-rei D. Manoel. <sup>47</sup>

O trage cujos tons sombrios dão realce á singular alvura das mãos e do rosto, finamente modelado, está em harmonia na sua singularidade distinctissima com a nobreza natural do porte, e com a melancholica suavidade da physiognomia. O velludo preto, afogado, de corte modesto, guarnecido apenas na frente com alguns laços de côr clara que se repetem nas mangas golpeadas, denuncia a elevada categoria do personagem, sem ostentar as suas grandes e falladas riquezas que tantas cobiças despertaram. <sup>48</sup> Poucas joias de preço destacam-se do estofo e do veu de gaze, sem annullar o aspecto tristonho do quadro. Poucas, relativamente — diadema, collar, remate do veu e cinto — se tivermos em mira, conforme reclama a justiça, outros quadros da mesma epoca e do mesmo pintor, representando damas das familias reaes de Hespanha, porque o vestuario de algumas está litteralmente coberto das mais raras preciosidades da ourivesaria e joalheria.

Veja-se o retrato da Rainha D. Catharina <sup>49</sup>, o da outra D. Maria, filha da Imperatriz D. Isabel de Portugal, <sup>50</sup> o da Princeza D. Joanna, <sup>51</sup> todos no Prado. E tambem o da Rainha D. Leonor que juntamos a essas paginas, por ser inteiramente desconhecido em Portugal. <sup>52</sup> Vestida á franceza, com decote discreto, em côres brilhantes, parece tão juvenil como a filha; mais bonita e alegre, não. <sup>53</sup>

Fosse em conformidade rigorosa com o seu estado de innupta, fosse por entender que dizia bem com a tez e o colorido, ou que não precisava de luxuosos atavios e grossa pedraria para se distinguir entre as primeiras, a virgem sábia — *egregium virgo decus innu-  
ptarum* — escolhera aquelle vestido grave, á antiga portugueza.

Em outra occasião, ao receber em seus aposentos, cercada de quatro matronas, quatro damas e tres donzellas que pareciam tres graças, a um legado pontificio, <sup>54</sup> ella apresentou-se com o mesmo recato: toda de velludo preto, e corpo afogado. E' verdade que nesse ensejo contava vinte annos a mais. Mas tendo herdado joias esplendidas da mãe enfeitara-se d'esta vez com ricos adornos de ouro, e uma corôa de rubis e diamantes. <sup>55</sup>

Não faltá, porém, quem a descreva em galas vistosas. Quando na côrte festejavam, n'um dos ultimos momentos de gloria e regosijo de D. João III, a puberdade do Principe D. João, que ensaiava armas no novellesco torneio de Xabregas (1552), a Infanta brilhava em setim encarnado com recamado d'ouro e prata, e dianteira de trança de ouro e perolas. E essas galas tornaram-na tão bella que o poeta que assim descreve as roupagens — um moço da camara do Infante D. Duarte <sup>56</sup> — não se aventura a devassar-lhe os encantos do rosto. Por circumloquios num simile feliz, comquanto pouco novo, diz apenas: « para a eu desenhar vou-me com o pintor que cobriu o rosto de Agamenon no sacrificio de Iphigenea, porque cousas em que a natureza abalisa seu extremo não lhe chega engenho humano para entendê-las. » <sup>57</sup>

Do mesmo modo procedeu o auctor das Decadas. Tocando vagamente na sua graça natural cita o proloquio: *a quem Deus quer bem, no rosto lhe vem.* <sup>58</sup>

Evidentemente, entre os eruditos da côrte constava que a Infanta, bizarra, e na consciencia da dignidade do seu estado, não admittia que ao vulgo profano se fallasse das linhas do seu rosto, ou da elegancia das suas esplendidas formas esculpturaes.

Apenas o velho Resende, ao tributar-lhe homenagens, adiantava-se até tocar em alguns pormenores: os cabellos ruivos, o andar divino, *incessu dea*, lembrando a Venus de Lucrecio: *incessu patuit dea.*

Mas esse . . . fallava latim. <sup>59</sup>

Para findar, mais uma observação.

Parece que graças á robustez da sua constituição, D. Maria conservou longamente certa frescura juvenil. Venturino, o secretario do cardeal Alexandrino, opinava, ao vê-la em 1571, que nenhum desprevenido lhe teria dado os cincoenta annos já decorridos.









B. N. G.



Officinas do «Comercio do Porto»

## II



RA fructo ultimo do terceiro matrimonio do rei Venturoso com a joven D. Leonor d'Austria, irman mais velha do Imperador Carlos v. <sup>60</sup> Meio anno depois do nascimento da Infanta D. Maria (a 8 de Junho de 1521) o monarcha fallecia, <sup>61</sup> deixando ambas, mãe e filha, numa situação melindrosa e anormal, embora legalmente constituida.

D. Leonor fôra promettida primeiramente ao principe D. João (III), quando ninguem podia prever o fim da boa e prolifica rainha D. Maria, e menos ainda a pressa com que o *desolado* viuvo quasi quinquagenario, convolaria a terceiras nupcias, por conselho de poucos, quasi a furto, e exactamente com a noiva do seu primogenito e herdeiro. *Es este el bovo?* havia perguntado, <sup>62</sup> ao entrar em Portugal, fitando surprehendida e com curiosidade o enteado, rapaz viçoso de dezasete annos, dando assim a conhecer os meios illicitos e manhosos que os enviados de D. Manoel haviam empregado, para a fazer mudar de proposito, a ella e seu irmão. <sup>63</sup> Era todavia voz publica que d'esses planos contrariados havia surgido uma verdadeira e violenta afeição que não se extinguiu, mas antes medrara no curto prazo de tres annos de consorcio com D. Manoel. Depois do advento ao throno do successor, um partido numeroso de cortesãos e populares, julgando comprazer-lhe, advogava o consorcio dos dois namorados, enquanto outros o impugnavam, acreditando na opposição da curia contra o casamento do enteado com a madrasta. Boatos calumniosos corriam. O Imperador para evitar escandalos, cortou o nó, decidindo que D. Leonor regressasse sem delongas. <sup>64</sup>

A Infantinha havia de acompanhá-la, pois no contracto, como em previsão do caso, fôra estipulado que D. Leonor podesse, enviando, sahir do reino, com seus filhos e creados, sem precisar de licença especial do soberano portuguez. *Si Dios ordenase que el dicho señor Rei de Portugal fallezca d'esta vida presente primero que la dicha Señora Infanta, que ella, sus hijos y creados se puedan partir de los dichos reinos y señorios de Portugal, queriendo-lo fazer, y se puedan venir a Castella o a otra parte, para donde les pluguiere, sin le ser puesto embargo en ella ni a los que con ella vinieren . . . sin ser obligado de aver licencia del Rey de Portugal, que en aquel tiempo fuere.*<sup>65</sup>

A despeito d'esta clausula D. João III oppos-se, não á partida de D. Leonor, mas á da filha, a qual o clamor da capital, excitada por tres annos de intrigas e calumnias, reclamava, perguntando com vivo rigor: *onde mandaes a nossa infanta, nascida como em nossos braços, filha legitima do nosso natural rey, successora e herdeira em seu grau, nossa paz presente, alliança futura, riqueza certa?*<sup>66</sup> Riqueza certa. E o soberano não achava prudente, nem sabia como restituir no curto prazo legal de quatro annos as avultadissimas quantias a que a Infanta tinha direito.

Se D. Leonor podesse então prevêr o destino ulterior da filha, a sua vida entrecortada de desgostos, as tristes especulações, de que foi alvo por causa dos calculos e manejos profundamente egoistas do rei, seu irmão; se podesse prevêr com que facilidade Carlos V havia de sacrificar affeições pessoaes aos seu planos politicos; se adivesse, insistia com certeza com mais energia no cumprimento do contracto, reclamando os seus direitos! Partiu, porém (Maio de 1523), sem a filha, que não tornou mais a vêr, senão trinta e cinco annos depois, poucos dias antes de morrer (1558)!

Não vou devanear sobre o que aconteceria e qual teria sido a sorte da Infanta, uma vez passadas as fronteiras de Portugal. Assim, permaneceu orfan, com dois annos apenas, em poder del-Rei seu irmão entre *tres malicias coronadas* e desencontradas, que cubiçavam os seus bens. Sob a direcção immediata da Rainha D. Catharina, foi creada por D. Joanna de Blasfeldt, sua aia e depois camareira-mór, que viera de Castella com a rainha D. Leonor, com os desvelos que competiam á sua elevada gerarchia, cercada de fausto e com o apparato de uma grande côrte. Mas é impossivel affirmar que os tutores a trataram com carinho e amizade fraternal. Antes, ha razões de sobejo para crêr que D. João III, embora simulasse attender sempre com muito respeito as opiniões da rainha de França,<sup>67</sup> sympathisava pouco com a meia-irman, fructo de um matrimonio de que sempre se dera por offendido.

Tendo-a detido arbitrariamente e adoptado como filha, não mais a podia deixar sahir de Portugal, salvo se a casasse antes. Nunca tratou comtudo seriamente de tal solução. Desprezou todas as combinações que a Rainha D. Leonor fazia de longe, para dar estado á filha. Póde-se provar, em face de documentos officiaes (correspondencia particular entre D. João III, D. Catharina e a Infanta de um lado, o imperador e D. Leonor do outro), que El-Rei procurou sempre adiar e estorvar os projectos de casamento offercidos, e que o imperador seguiu o mesmo systema, embora com menos responsabilidade. Ambos haviam ao pé de si outras duas Marias, seu proprio sangue e seu amor. A essas é que consorciaram primeiro. É o que podemos e devemos allegar a seu favor.<sup>68</sup>

No tratado de Madrid, depois da batalha de Pavia (14 de Janeiro de 1526), ficou ajustado o casamento da viuva de D. Manoel com o rei galanteador Francisco I « *para que a paz entre a Hespanha e França fosse duravel* ». A rainha D. Leonor, que venerava com amor profundo e respeitoso a Carlos V, cedeu ás suas instancias, cheia de esperanças illusorias, pondo uma unica condição: que ao mesmo tempo se concertasse o casamento do Dauphin com a Infanta D. Maria, o qual se effectuaria logo que os dois principes tivessem doze annos completos, isto é em 1533.

Nenhum historiador indica os motivos que impediram o cumprimento d'esta clausula; póde-se presumir, porém, que foram as novas guerras entre os dois monarchas rivaes que obstaram ao enlace contractado. O que é certo é que o Dauphin viveu até 1536, morrendo na idade de 19 annos, quando a Infanta completára os 15.

Desde então, os embaixadores das potencias estrangeiras começaram a encarecer em cartas e relatorios as virtudes e prendas da Infanta, não esquecendo, bem se vê, o lado positivo. O de Veneza informava do modo seguinte:

*Que havia em Portugal uma Princeza, por extremo rica, porque com o dote que tinha de 400:000 escudos havia ganhado nas Indias 300:000, não fallando nos 200:000 do dote de sua mãe, hypothecado nos Condados de Lorena, afóra joias e custosissimas roupas!*<sup>69</sup>

E assim por deante.

Ainda em 1571 o secretario do cardeal Alexandrino chamava-a *a princesa mais rica da christandade*, referindo-se a suas innumeraveis joias, e milhão de bens patrimoniaes, que ia gastando com os pobres.

Para prevenir as sollicitações dos pretendentes, os tres paes, que não se cansavam de, á porfia, attestar palavrosamente o seu profundo

e desinteressado amor pela Infanta, dispunham de um unico meio. E era: desposal-a novamente por *palavras de futuro*, com qualquer principe muito criança. Escolheram dois. O primeiro era o Duque de Orléans, filho mais novo de Francisco I, proposto e protegido pelos Reis Christianissimos, igualmente interessados na realização do plano, — a Rainha com saudades da filha, o rei para se apoderar dos seus avultados bens de fortuna. O segundo pretendente, apresentado pelo Cesar, era o Archiduque Maximiliano, filho e herdeiro del-Rei dos Romanos Fernando de Hungria, e futuro Imperador d'Allemanha (1558). Restava ouvir a decisão de D. João III. Este depois de longas hesitações desculpou-se com a pouca idade da princesa e com outras razões mais politicas do que verdadeiras. Em vista d'isso, o Cesar decretou que o Duque d'Orléans se fiançasse com a filha do Rei dos Romanos e que o Archiduque fosse reservado para a sua propria filha: « *Pelo que diz respeito á Princeza de Portugal, porque a sua idade admite alguma dilação, julga, confiando nas virtudes da Infanta e nas de sua mãe, fazel-a consentir n'estes casamentos.* (1540) <sup>70</sup>

N'este momento D. Leonor perde a paciencia. Magoadá pela indifferença e pelas infidelidades do voluvel marido, indisposta seriamente contra as intrigas politicas do Imperador, e as hesitações do enteado, decide mandar vir a filha, tomando então o negocio do casamento entre mãos, já que nenhum dos tres paes o tratava com verdadeiro empenho. Era o unico meio de tornar a ver sua filha. Francisco I concordou facilmente com esses desejos e despachou para Lisboa o Bispo de Ade (1542) como enviado extraordinario, reclamando a entrega da Infanta com todos os seus bens, numa forma cortês, mas com muita insistencia. A entrega, porém, não convinha a Carlos V, o qual, embora lhe agradasse annuir aos pedidos de sua irman predilecta, não podia ver passar, sem receio, os grandes cabe-daes da sobrinha para as mãos de um rival poderoso e perfido.

Traça por isso um novo plano. Dirigindo-se á Rainha de França, sua irman, expõe-lhe os perigos que podiam advir da entrega do thesouro, que forçosamente alimentaria novas guerras entre a França e Hespanha. D. Leonor hesita de novo, desconfiada e perplexa, diante da alternativa de prejudicar o Imperador afim de vêr sua filha, ou de sacrificar a sorte de D. Maria para favorecer a politica hespanhola. Atras do bispo-embaxador manda um mensageiro com instrucções secretas á Infanta, tendentes a neutralizar as instancias do diplomata, instrucções que se resumiam numa exigencia unica, impossivel de cumprir-se, como bem sabia. Reclama, ou melhor, manda reclamar pela bocca da filha, a entrega immediata do dote, em cumprimento do que se havia tratado com D. Manoel. <sup>71</sup> Mas onde havia

D. João III de ir buscar a somma enorme de um milhão de cruzados, em face de um thesouro vasio, de um paiz exhausto pelas empresas maritimas, e que tinha dado as reservas para tres casamentos successivos de familia, o d'El-Rei com a Rainha D. Catharina em 1524, o de sua irman, a formosissima Infanta D. Isabel, com o Cesar (a qual levava em 1526 um dote opulentissimo), e finalmente em 1543 o de sua filha, a Infanta D. Maria, com o Principe D. Felipe de Castella que custou a Portugal 400:000 cruzados? <sup>72</sup>

Em publico finge não poder separar-se de sua irman, *a quem criara desde a idade de seis meses como sua propria filha, com desvelo e encarinhado amor, nos tratos e costumes da sua côrte.* Lembra que seria contra o decoro deixá-la sahir de sua casa e do reino, sem primeiro estar honradamente arrumada. Particularmente, em conversa com a pudibunda joven, pondera hypocritamente os perigos da côrte franceza, e *quão mal lhe estaria ir-se para Paris, vistas as deshonestidades que ali se praticavam!* Promette quatro contos annuaes para seu gasto, e pede que não mais lhe falle em similhante projecto.

Oh! espectaculo odioso! Que rede de intrigas em torno da Infanta! Carlos V intercepta os correios portuguezes, expedidos a França. Francisco I manda a Portugal um individuo como espia das cousas de Castella. D. João III colloca ao pé da irman uma mulher, que lhe dá, de continuo, aviso de quanto em sua casa se passa. D. Leonor contraria clandestinamente as instrucções officiaes que dera ao seu proprio embaixador.

E a Infanta? Quaes foram os seus pensamentos? Estaria do partido da mãe, que mal conhecera, pois a separaram d'ella aos dois annos? Inclinar-se-hia a favor dos reis, em cuja côrte fôra criada? Traçara, por ventura, um plano seu, proprio? Pensaria em casar em Portugal, impellida por desejos de uma vida desafogada e independente? Não faltaria quem lhe revelasse as verdadeiras intenções de D. João III, descobrindo enredos aviltantes, que deviam ferir profundamente a sua dignidade?

E' impossivel responder a taes perguntas. Fallecem-nos os documentos. Se a Infanta tivésse tido um confidente ou trocado cartas com uma amiga, um irmão, ou com a mãe; se houvesse confiado suas impressões corajosamente a um diario, livro de memorias e confissões, quão cheias de interesse não seriam essas paginas, desabafo de um espirito torturado, mas superior!

A embaixada do Bispo de Ade foi inutil! Vencidas mais uma vez, a mãe e a filha procuram remedio nas suas virtudes, segundo a receita do Imperador!

Os projectos de casamento nem por isso acabam. Tendo mor-

rido a primeira mulher de D. Felipe em Julho de 1545, ao dar a vida ao desgraçado príncipe D. Carlos, e não encontrando outra alliança mais vantajosa, o Imperador cada vez mais apertado pela mãe da Infanta, viuva de Francisco I desde 1547, lembra-se de casar o filho com a Infanta.<sup>73</sup> Encontra porém como sempre a surda resistencia de D. João III, o qual, depois de novas delongas, declara redondamente, não poder dar o seu consentimento, *porque assim cumpria a bem de seus reinos e de sua real fazenda*. Repugnava-lhe talvez vêr occupado o logar da filha idolatrada, que sempre fôra fraca e doentia, pela bella e robusta pupilla? O Imperador, obrigado a desistir, forja novos projectos, escolhendo para noivo da princesa o Archiduque Fernando, filho segundogenito do Rei dos Romanos. D. Maria regeita-o todavia, na supposição que as negociações com o Príncipe de Castella continuavam em bom caminho, e que breve as suas intimas esperanças se realizariam.

E realmente, as combinações de Carlos V falham. Mas o consorcio da Infanta com Felipe reaparece, d'esta vez sob bons auspicios. D. João III já não acha subterfugios; o contracto é rubricado depois da troca dos retratos; a Infanta assigna, oficialmente, como *Princesa de Castella*; e como Princesa de Castella e futura rainha do immenso imperio em cujas fronteiras o Sol nunca desaparecia, a celebravam poetas e panegyristas.<sup>74</sup> Emfim, o embaixador do Cesar, Ruy Gomes da Silva, Príncipe de Eboli, aguarda em Lisboa, com luzidissimo cortejo, as ultimas ordens para a « receber ». Eis senão quando, vinte e quatro horas antes do desposorio, chega um correio de Castella, com o seguinte despacho laconico:

*« En este ponto tengo aviso que es muerto Eduardo (VI), Rey de Inglaterra, a quien sucede Maria, su hermana. Si no está celebrado el desposorio con la Infanta D. Maria de Portugal, suspenda-se por aora. »*<sup>75</sup> (6 de Julho de 1553).<sup>76</sup>

E ficou suspenso! D. Felipe de Hespanha pediu e obteve a mão da dura, fria e feia Maria Tudor (1554), já quasi fiançada ao Infante D. Luis. Antonio Moro correu para pintar essa noiva nordica. Ella lá está no Prado, perto das Marias meridionaes; sentada, brincando com uma rosa, mas com que expressão seca e concentrada na cara angulosa.<sup>77</sup> D. Leonor e D. Maria, joguetes nas mãos do imperador, *que se consolem com a antiga receita!*

A Infanta consola-se, ou antes resigna-se. Dotada de animo grande e espirito levantado, de accordo com a sua alta posição, revelando a generosidade propria de nobres caracteres, perdoa tantos e tão repetidos agravos, o desvanecimento das suas mais risonhas esperanças. Sem uma queixa, sem um reparo, com discreta reserva, põe



termo a tudo. Renuncia a qualquer enlace; resolve ficar solteira e no reino, no meio das suas amigas, dos seus livros e dos seus pobres, entregue d'ora avante ás sciencias e artes, a obras de caridade e cuidados religiosos. Despede-se do mundo e de seus enganos, preferindo a placidez da vida contemplativa, o ideal de Rachel-Maria, aos cuidados e conflictos da vida activa de Lea e Marta.

Uma testemunha de vista que observou a Infanta depois de 1557 dizia della: « Es persona de grande entendimiento y cordura, muy reposada y de pocas palabras e bien dichas; es de las valerosas personas que he visto y temen-se sus determinaciones como de tal; que no son de mujer moza. . . Tiene otros fines muy santos y honrados, y sin hazer extremos en ello, ha mas de dos años que se ensaya en un vestido e recojimiento muy bueno, y mucha oracion, y esto no como hypocrita, sino como conviene a su edad y persona. »<sup>78</sup>

Mas D. Leonor, a mãe, nunca se conforma. Sentidissima do passado, offendida com o ultimo escandalo, corre de Flandres a Castella, acompanhada de sua energica irmã, a Rainha de Hungria. Chegada a Madrid, despacha para a côrte de Portugal uma serie de cartas, cheias de queixas amargas, mal dissimuladas no meio de formulas diplomaticas, sollicitando, ou melhor, exigindo terminantemente a partida da Infanta.<sup>79</sup> Um embaixador especial, D. Juan de Mendoza, vem entregar estes papeis, sendo apoiado nas suas exigencias pelo enviado extraordinario de Carlos v, D. Sancho de Cordova, cujas palavras acabo de citar.<sup>80</sup>

D. João III, resolvido a não ceder, ensaia nesta occasião uma nova tactica. Depois de ter feito abortar tantos planos de casamento, finge tomar agora a iniciativa, agora quando devia ter a plena convicção de que a irman, enfadada e desilludida, regeitaria, sem a menor hesitação, toda e qualquer corôa que lhe offerecessem.

Os novos pretendentes, propostos pelo carinhoso irmão, são já nossos conhecidos: o archiduque Fernando e seu velho pae, irmão do Imperador, ou, por outra, o já caduco Fernando d'Austria que ia occupar o throno allemão.

A Infanta recusa decididamente; e, como El-Rei insiste hypocritamente, apertando sobre coisas que elle mesmo não queria, a victima perde a paciencia, e cheia de indignação, responde de viva voz, em presenca da côrte toda: *Quando se ofrecian negocios que tratar, que parecian buenos, andava V. A. en dilaciones, y de feria en feria, sin querer-los concluir, y agora que no ay ninguno, me sale con esso? Pues aunque fuesse Monarca del mundo, no lo haré, ni se ha de pensar tal cosa de mi!*

E neste proposito ficou.

O leitor hade imaginar que as peripecias da tragi-comedia acabam aqui; mas engana-se. D. João III, continuando a fingir-se em extremo desejoso de ver casada a Infanta, despacha um agente muito habil á côrte de Carlos v. Este igualmente desejoso, só espera ver concluido o interminavel negocio da Infanta para se retirar a S. Juste! Lourenço Pires de Tavora vem, por combinação de ambos, com as propostas já regeitadas por D. Maria, e regeitadas tambem pelos noivos, os quaes não queriam casar! Com as mesmas propostas iam as mesmas antigas instrucções, que se podem resumir na formula: propôr e dilatar, fingir uma cousa, guardando-se da outra. Mas os artificios estavam estafados; já não illudiam ninguem. D. Leonor resiste e teima em querer levar a filha. El-Rei apparenta concordar na entrega. Antes de effectuada, morre porém (Junho de 1557).

Quem acredita que, se vivesse, teria cumprido a promessa? Eu não.

A sorte da Infanta e sua bondade impressionaram profundamente o povo, cujos clamores a haviam arrancado, em tempo, dos braços de sua mãe. Fazendo seu o querer do soberano, exactamente como na primeira conjunctura, não quis deixar partir a que era o amparo dos pobres, protectora dos poetas e dos sabios, e que havia partilhado todas as dôres e alegrias da nação durante 36 annos. Concedeu-se-lhe, porém, licença para uma entrevista na raia do reino, mas só depois de a Infanta ter prestado juramento solemne de voltar em breve para Lisboa e de não transigir com os desejos da mãe.

D. Leonor, anciosa e afflicta, estava em Badajoz, á espera, havia dois meses! Finalmente, em dezembro de 1557, a Infanta chega com sequito apparatuso, brilhante não, porque ambas ainda trajavam dô, por morte de D. João III. Vinte dias passaram juntas, recordando, entre sorrisos e lagrimas, os innumerados incidentes que as tinham martyrisado durante os ultimos vinte annos. Depois, D. Maria recolheu a Lisboa, fiel á sua promessa, apesar das vivas instancias da mãe que, além dos seus carinhos, lhe offerecia todas as riquezas e estados que possuia.<sup>81</sup> O povo da capital recebeu-a com sinceras demonstrações de alegria. Celebrou-se mesmo um solemne *Te Deum laudamus*, em acção de graças pela sua lealdade.

A mãe não pôde resistir á dôr da partida. Passados dias succumbiu a uma febre maligna, a tres legoas de Badajoz (18 de Febr. de 1558).

Triste desenlace que a todos commoveu. Mesmo o austero Goes que nem uma palavra de louvor, compaixão ou sympathia concede á Infanta, apiedou-se das angustias da mãe que « *sobre todas as cousas do*

*mundo* » havia desejado ter sua filha a par de si, sem nunca o conseguir.<sup>82</sup>

A Infanta ainda viveu mais vinte annos, não sem ter sido importunada uma ultima vez em 1558, logo apos o fallecimento da mãe. Era pretendente, pela 3.<sup>a</sup> ou 4.<sup>a</sup> vez, Felipe II, que enviuvava de novo! Mas a princesa deu a mesma resposta anterior: *Nem que fosse com o Monarca de todo o mundo!*

O ultimo terço da sua vida decorreu mais sereno, se bem que não lhe faltaram desgostos e episodios excitantes como a desunião entre o exaltado e caprichoso D. Sebastião e a Rainha Regente, as expedições a Africa,<sup>83</sup> os casamentos das filhas de D. Duarte, os consorcios planeados e abortados do monarca com Margarida de Valois e mais princessas, que renovavam a recordação humilhante da sua propria sorte e a consciencia dos direitos pessoaes á corôa, se casasse. Em todo o caso, esse periodo foi de independencia, esplendor, actividade bemfazeja. Espoliada do seu patrimonio, estava de posse, parcialmente, das enormes riquezas da mãe; senhora de terras, capitaes, esplendidas baixellas d'ouro e prata, joias, pedras preciosas, tapeçarias, e outros mimos, por meio dos quaes a sua vivenda a par de Santos-o-Novo se transformou em uma residencia sumptuosissima, de verdadeira soberana. Em 1567 uma testemunha ocular insuspeita affirmava em letra redonda ter ella casa honrada em extreme de criados, damas e familiares. « E para se dizer que é igual a todas as rainhas da Europa lhe não falta mais que o nome de uma d'ellas. »<sup>84</sup>

Dispondo com inteira liberdade d'essa fortuna que havia sido causa de tantos gravames e receios, tantas humilhações e cubiças, tantas duvidas e indignidades da parte dos tutores e pretendentes, achava gosto em dispender á medida dos seus desejos e das suas inclinações,<sup>85</sup> encomendando obras d'arte,<sup>86</sup> subvencionando instituições de educação e beneficencia, mandando construir collegios, hospitaes, mosteiros, capellas e egrejas.<sup>87</sup> Seguindo o pendor natural do seu espirito, e fiel aos principios de rigida moral em que a haviam educado, recebeu de preferencia visitas de homens doutos em theologia e philosophia, S. Francisco de Borja, o cardeal Alexandrino, Frei Luis de Granada, Frei Francisco Foreiro, Frei Simão Coelho. Os escritos que esses e outros lhe dedicaram, tendiam naturalmente a levantar o seu espirito e robustecer a sua fé.

Morreu a 10 de Outubro de 1577, meses depois de ter exposto a sua ultima vontade com admiravel lucidez, de um modo digno, em linguagem clara e firme.<sup>88</sup> Sem queixas nem recriminações olhava

para o passado. Sem lagrima encarava o seu proximo fim — segura que, acudindo ao chamamento do Criador com alegria e confiança, seria acolhida aonde recolhe as almas dos seus servos e queridos, de cujo numero, se não foi, pelo menos sempre havia desejado ser. Palavras textuaes.

Da historia do seu testamento e enterro, apenas direi que não foi menos accidentada nem menos triste e vergonhosa que a do seu patrimonio e a dos seus oito desposorios, mallogrados, com os maiores senhores do mundo.

### III



AGORA, que sabemos dos estudos e passatempos da filha de D. Manoel? das artes que cultivou? dos labores de sua mão? do viver no seu paço? do circulo de damas nobres e donzellas eruditas que constituiam a sua côrte e imitavam o seu exemplo? dos poetas e sabios, seus protegidos? das obras que lhe foram dedicadas ou de que foi inspiradora? dos institutos de educação que fomentou?

Mais alguma coisa, felizmente, do que da famigerada *Escola de Sagres*, embora as notas soltas que foi preciso colher em muitas e diversas obras, nem mesmo a este respeito elucidem quanto seria para desejar.

Os coevos pintaram a sua casa como domicilio das Musas e universidade feminina, já o deixei dito a principio d'este estudo. O biographo e os auctores feministas dos seculos xvii e xviii forçam a nota, desenhando-a antes como um mosteiro reformado que podia a religiosas ser espelho e doutrina de bem-viver. Os modernos que se occupam de sciencias, artes e letras, seguem o exemplo do phantasioso polygrapho Manuel de Faria e Sousa, e consideram o seu pequeno reino litterario como verdadeira côrte de amor e gaia sciencia, comquanto, não podendo contradizer em absoluto os antecessores e para afugentar sombras, medos e horrores feministas, tambem ajuntem sempre, á cautela e com justo motivo, ao titulo de *Academia da Infanta* o subtitulo: escola de virtudes e honestidade.

Só estes fallam de *Serões da Infanta*, dando por provado que toda a pleiada camoniana se reunia constantemente em volta de D. Maria, no paço independente onde os monarchas a haviam instal-

lado, <sup>89</sup> mal chegou a completar dezaseis annos. <sup>90</sup> Segundo elles, foi ahi em uma constellação de intelligentissimas bellezas que o cantor dos Lusíadas encontrou as suas Tagides, e se desenrolaram parte das desgraças e venturas da sua juventude, assim como outros successos notorios, alegres e tristes, da vida amorosa de vates palacianos. <sup>91</sup>

O intuito artistico de altear a estatua da Infanta, de fazer d'ella a personificação feminina mais brilhante da cultura classica, e de pôr em contraste os seus dotes liberaes com o obscurantismo dos protectores da Inquisição e do Jesuitismo, levou-os a proceder com alguma arbitrariedade. Exagerando, e muito, de um lado a austeridade dos costumes e o rigor do regimen repressivo que vigorava no paço real, e do outro lado a liberdade e o esplendor mundano da Infanta, pintam D. João III e a Rainha D. Catharina como completamente faltos de intelligencia e saber, sombrios, antagonicos ás artes e a divertimentos, gastando os seus dias em novenas, ladainhas e autos da fé; e transformam a Infanta que na verdade foi mais serio do que graciosa, mais erudita do que artista, e devota como os reinantes, de formosa Pallas-Atheneia em jucunda Venus, ou Musagete feminina. <sup>92</sup>

Tentarei restabelecer a verdade, que fica, a meu vêr a meio-caminho, como de costume.

\*

*Os Estudos da Infanta.* — E' thema não menos controvertido do que o dos *Serões*.

Segundo uns, D. Maria de Portugal fôra de uma precocidade e intelligencia pasmosa. Lições de mestres e leituras proprias haviam-lhe aberto um horizonte amplissimo. Todos os auctores classicos lhe eram familiares. Quasi brincando penetrara os mais reconditos segredos da erudição. Fallava e escrevia a lingua latina perfeitamente bem, não só com fluencia e correção, mas até com graça e singular elegancia, tal qual sua lingua materna <sup>93</sup> — como se todo o mundo, então e sempre, soubesse bem a sua lingua materna! Em segredo, muito em segredo, redigia obras volumosas nos dois idiomas mortos. <sup>94</sup> Do seu entusiasmo pela litteratura patria dava provas diarias, estimulando e recompensando a actividade dos melhores auctores.

Segundo outros, que já conhecemos, foi apenas para poder rezar com entendimento os officios divinos que se dedicara ao estudo. Os volumes manuseados dia e noite, eram a *Escritura* e

outros textos sacros. Assim o havia declarado, em vida da Infanta, a voz aparentemente auctorisada de um varão esclarecido, o veridico auctor das *Decadas*.<sup>95</sup>

Quem terá razão? Não a dou a João de Barros, que sempre foi fraco erasmista, mesmo no tratado da *Mercadoria Espiritual*<sup>96</sup>, porque depois de 1550 o douto escritor fez-se portavoz da orthodoxa reacção tridentina.<sup>97</sup> Na propria peça rhetorica a que alludo — um extenso Panegyrico das qualidades da Infanta<sup>98</sup> — vemos desmentida a tendenciosa insinuação: tão variado é o saber que presuppõe; tantas são as allusões mythologicas, historicas e lingüisticas, tantas as hyperboles com que a festeja. Identificando a era da Infanta com a idade aurea, e as suas damas e donzellas com a nova geração dos *Übermenschen* (*Sobre-homens* ou *Supra-homens*), prophetizada pela sibylla, adianta-se mesmo até applicar-lhe os versos de Vergilio:<sup>99</sup>

*jam redit et virgo; redeunt saturnia regna;*  
*jam nova progenies coelo dimittitur alto*<sup>100</sup>.

Não é, porém, nestes exageros que devemos fiar-nos, mas sim na consentanêidade de outros coevos mais sabios e menos rigoristas, que gabaram com insistencia o character, o bom-senso, os solidos conhecimentos da Infanta. Já ouvimos as informações do embaixador castelhano D. Sancho de Cordova ao soberano.<sup>101</sup> Este recorria continuamente ao seu preclaro juizo e á sua illustração. Vive em intimo convivio com as Musas — *cum Musis rationem studiorum habet conjunctissimam* — escrevia em 1546 sua preceptora particular, Luisa Sigea, fallando d'ella ao Papa Paulo III. Em outra occasião, a mesma designa-a como primaz em humanidades, erudição e virtudes.<sup>102</sup> Com haver-se inclinado ás letras, as honra Vossa Alteza e a todos os seus professores, lhe dizia um ancião veneravel, o austero Navarro, Martim de Azpilcueta.<sup>103</sup> Realmente distincta pelo engenho e força de espirito a proclamava Jeronymo Osorio, o grande Bispo de Silves: *ingenio et animi magnitudine excellit*.<sup>104</sup> Como eruditissima foi apostrophada repetidas vezes por André de Resende e Ignacio de Moraes. « De tal modo te dedicaste ao estudo que não só de passagem e pela rama, como é praxe entre damas, mas a fundo e de coração te entregaste ao convivio das Musas », <sup>105</sup> assim lhe fallava outro humanista notavel, da amizade de Cortereal, ao dedicar-lhe as obras de um sabio.<sup>106</sup> Entre as eruditas do nosso tempo occupa logar honroso: é Vaseu, auctor da *Chronica Hispanica* quem o assenta e divulga *urbi et orbi*.<sup>107</sup> Unica pela prudencia

e conhecimento de todos os assumptos, *prudencia et omnium rerum cognitione tamquam phenix unica*. Sabedora de tudo! . . . Mas com este dicto, lá estamos novamente no campo das hyperboles, que tento evitar.

Fundando-me em taes e em outros elogios singelos e sinceros de varões e damas que a conheceram de perto, nas obras notaveis, scientificas e amenas, que lhe offereceram, e nas poucas amostras do seu estylo cuidado que perduram, julgo que pela leitura reiterada de trechos escolhidos de litteratura sacra e profana, antiga e moderna, em linguas mortas e vivas, adquiriu uma fina percepção da arte: respeito pelas letras; noções muito variadas; um peculio basto de historietas e dictos classicos; plena comprehensão da lingua latina a ponto de entender tanto os discursos recitados por oradores como as eglogas, comedias e tragedias, representadas nos collegios de Coimbra e Evora; facilidade sufficiente para responder de improviso a embaixadores ou legados, e para redigir cartas de agradecimento e congratulações a soberanos estrangeiros. Do grego, os rudimentos, afim de perceber a terminologia scientifica e a decifrar e verificar citações no Novo Testamento, ou allusões como as de Hollanda, na Iliada e Odysseia.

E francamente, não é pouco. Merecia applausos. Constituia caso inteiramente novo entre princessas nascidas em Portugal.

Ainda assim, a interpretação de João de Barros comprehende-se e não carece de todo o fundamento. Portugal havia adoptado tão tarde a reforma da educação no sentido da Renascença que a reacção seguiu a acção muito de perto — antes de o saber classico haver filtrado das camadas superiores para as inferiores, espalhando sementes para colheita futura. Na propria vida da Infanta, mais ainda, no proprio reinado de D. João III e D. Catharina, a catastrophe estalou, e deu rumo diverso tanto ao ensino publico e particular, como ás leituras e praticas da Infanta. Naquelle sentido orthodoxamente catholico, bem se vê, que procreou a *austera, apagada e vil tristeza* que o Vergilio lusitano lamentava, e já fôra apontado como caracteristico nefasto de todos os reinos governados por estultos e monges — *regnum monachorum et stultorum* — pelo sabio de Rotterdam e pelo grande poeta comico portuguez.

Pela minha parte, creio que o ponto de partida para o endoutrinamento da Infanta e seu primeiro norte, francamente liberal, inculcou-lhe um ideal philosophico superior, mas que posteriormente abalada pelos acontecimentos particulares que aniquilaram as suas aspirações mundanas, e coincidiram com a reacção jesuitica, a sua mentalidade tomou evolução mais theologica.



A materia dos livros que lhe foram dedicados, nos primeiros decennios e nos ultimos, confirmam que houve scissão. <sup>108</sup>

\*

De 1520 a 1550 estava-se em pleno renascimento. A cultura classica, o amor á antiguidade, que de modo muito imperfeito havia penetrado na côrte de D. João II e D. Manoel, expandia-se impetuosamente por todo o reino. Quanto á vitalidade intellectual, ao fervor artistico, á energia litteraria, nunca houve em Portugal periodo que se possa comparar aos decennios em que recae a mocidade da Infanta. D. João III, convencido de assim cumprir uma missão civilisadora, tratava muito a serio da reforma da educação nacional. Chamou humanistas estrangeiros e humanistas indigenas, instruidos em Salamanca, Paris e Florença. Uns foram para Coimbra, Evora, Braga; outros para o ensino no paço. Foram secretarios del Rei e mestres dos infantes seus irmãos, e de seus proprios filhos, vultos como Aires Barbosa, André de Resende, Nicolau Clenardo, João Vaseu, Pedro Nunes, Lourenço de Caceres, Jorge Coelho, Diogo Sigeu, Ignacio de Moraes, Pedro Sanches, Jeronymo Cardoso, Pedro Margalho. <sup>109</sup> Em casa dos duques de Bragança, barões de Alvito, condes do Vimioso, de Linhares e outros magnates encontramos os mesmos, e para ensino da lingua patria a João de Barros, Fernam de Oliveira, Francisco de Moraes — e Luiz de Camões, se o seu ultimo biographo descobriu a verdade. <sup>110</sup> Na capital, installaram-se aulas de latim para os moços-fidalgos. E comquanto nem todos aproveitassem e alguns maldizassem a sorte que os fizera nascêr *em sino de latim* (conforme com muita graça confessou um dos mais antigos letrados palacianos), a medida do saber foi subindo consideravelmente entre os aristocratas privilegiados, aos quaes o reformador da poesia havia dirigido pouco antes uns conhecidos aforismos:

*Dizem dos nossos passados  
que os mais não sabiam ler:  
eram bons, eram ousados . . .  
eu não louvo o não saber  
como alguns ás graças dados. <sup>111</sup>*

Quanto á educação feminina, reformistas eminentes como Luis Vives, haviam-na classificado como indicio seguro da civilisação

alcançada por um povo. Persuadidos que só de mulheres solidamente instruidas nas artes liberaes, iniciadas directamente no puro gosto da antiguidade, havia de nascer uma geração de entes superiores, de character, energia e intelligencia privilegiada, exigiam que as humanidades formassem parte integrante tambem da cultura do sexo fragil. <sup>112</sup>

A grande em tudo Rainha Isabel a Catholica já havia aceite o alvitre com entusiasmo. Em idade madura venceu as difficuldades da lingua de Lacio. Fez estudar as Infantas suas filhas. Instituiu na sua aula o posto de mestra latina, a favor de D. Beatriz Galindo, sua preceptora. Em harmonia com o aphorismo então lançado por um dos cortesãos: — *jugaba El-rey, eram todos tahures; estudia la reina, somos ahora estudiantes* — a aristocracia do sangue imitou-a. <sup>113</sup> Quanto á aristocracia das letras, é evidente que, dando o impulso, dera tambem o exemplo. <sup>114</sup>

Em Portugal a evolução foi a mesma, posto que mais tardia, vagarosa e incompleta. As duas filhas da Rainha Catholica que occuparam o throno portuguez de 1495 a 1519 não eram de modo algum hospedas nas letras, como não o haviam sido a esposa de D. João II nem a de Affonso V. Mas ainda assim, não implantaram nos paços da Ribeira a moda erasmiana nem a sua transformação italo-castelhana. A' neta, isto é a mãe da Infanta e irman da rainha D. Catharina, pertence o impulso. D. Leonor era boa latina como a avó e a progenitora, porque mesmo a pobre D. Juana contestava de improviso em latim aos discursos gratulatorios das cidades de Flandres. Logo no primeiro anno da sua assistencia em Portugal, a esposa de D. Manoel conseguiu que lhe representassem na côrte uma engraçada comedia latina, escripta por um estudante em ferias, enquanto Salamanca ardia em febre. <sup>115</sup>

Posteriormente aceitou a homenagem de diversos escriptores de Portugal, Hespanha e França, em latim e vernaculo. <sup>116</sup>

Que maravilha se ambicionava illustrar tambem sua filhinha, segundo o gosto e as exigencias da epoca, de modo que sem desdouro do nome portuguez e castelhano, pudesse luzir em qualquer throno da Europa? Que maravilha se, velando de longe pela sua felicidade, desejou vestir-lhe ricamente a alma, augurando que no convivio com as musas encontraria uma consolação ideal ás mil decepções Moraes que a vida não poupa a ninguem, nem mesmo ás princessas?

Na fé de que ao cabo de breve prazo a Infanta viria, como esposa do Dauphin, residir na côrte culta e galante de Francisco I onde brilhava Margarida de Navarra, não só pediu e aconselhou,

mas ordenou repetidas vezes que aprendesse o latim, e tentasse afeiçoar-se ás letras.

Assim o lemos numa carta que D. Maria escreveu á mãe, quando vencidas as longas agruras da iniciação, começava a avaliar com lucidez o serviço que lhe haviam prestado, occupando-a, interessando-a, ampliando o seu horizonte, acostumando-a a raciocinar e a trabalhar. A principio o estudo lhe fôra penoso. Frequentemente havia desanimado, em briga com os rudimentos enfadonhos da grammatica, *necque laboriosa illa grammaticæ fastidia æquo animo ferre non poteram*. Mas pouco a pouco, o santo desejo de saber invadiu-a. Conseguiu deleitar-se de veras no trato dos livros, realizando assim a predicção de D. Leonor *quod ea res maximam olim mihi voluptatis esset allatura et ornamenti non parum*. Se á mãe parecesse bem o estylo da «missivazinha», a ella, só a ella, eram devidos louvores. Se, porém, descobrisse defeitos, a Infanta diligenciaria aperfeiçoar-se mais e mais no conhecimento do idioma classico.

O estylo é juvenil, de graciosa simplicidade e elegancia. Tentando adivinhar aproximadamente a data de que carece na obra de onde, á falta do original, a copio, calculo, seria escripta entre 1535 e 1537, quando a Infanta contava quinze annos.<sup>117</sup>

Além d'essa amostra conheço apenas mais uma da sua dicção latina, curiosa sob mais de um aspecto.<sup>118</sup> E' dirigida a uma soberana estrangeira, cujo perfil já desenhei nas paginas antecedentes: Maria Tudor, a *bloody Mary*, flagello da Inglaterra protestante. A filha de Henrique VIII, subindo ao throno (6 de julho de 1553), tivera de suffocar uma revolta a favor de Jane Grey, e mandára degolar o duque de Northumberland que a capitaneava. Felicitando a sua parenta e amiga por ter sahido incolume d'este attentado contra os seus direitos, a Infanta emprega expressões exuberantes de amizade. Não existe quem mais lamente os desgostos da Rainha ou quem mais se regozije com a sua prosperidade. As cartas d'ella proporcionam-lhe prazer tal que as agasalha no seio, as acaricia e repete sempre de novo a leitura. Pede resposta rapida, pela qual aneia.

Quem recorrer ás expressões muito mais gongoricas do original<sup>119</sup> ficará surprehendido quando recordar como eu, que pouco antes — em julho, sendo a carta do meado de setembro — a filha de D. Manoel fôra ferida no seu orgulho e nas suas aspirações mais legitimas pelo Emperador, que collocava na mão do herdeiro, com ella desposado, a d'essa mesma Maria I de Inglaterra, cujo casamento com o Infante D. Luis continuava em discussão.<sup>120</sup> Submissão heroica? Sympathia? mal comprehensivel, mesmo se reflectirmos como

essa sua rival era eminentemente catholica, em contraste com a meirman que deu o nome á gloriosa era de Shakespeare— *great Eliza's golden time*. Ou será a carta mero exercicio estylistico? obra de quem, tendo em mente um ideal de epistolographia, abstrahido das cartas de Bembo e Sadoleto, muito se importava com a elegancia e sonoridade e pouco com o sentido das palavras que agrupava em periodos artisticos? Só conhecendo a correspondencia inteira da Infanta com essa Maria Tudor <sup>121</sup> é que poderíamos formar opinião segura a este respeito.

A carta encerra ainda outro problema. Será do proprio punho da Infanta? traçada por um secretario? dictada a uma das *latinas*? Um erro na data, <sup>122</sup> e algumas lettras emendadas tornam crível a hypothese de ella ser autographa. <sup>123</sup> De princesa a Rainha, nada mais natural. Sendo assim, teríamos de juntar aos louvores, tributados aos merecimentos litterarios e musicaes de D. Maria, o de ter possuido uma formosa calligraphia, mascula, digna de uma discipula de Manoel Barata, e não indigna de lhe applicarmos o Soneto camoniano:

*Ditosa penna como a mão que a guia  
com tantas pretenções da subtil arte!* <sup>124</sup>

Não irei molestar os leitores, dissertando sobre os mestres e os livros de ensino da Infanta. Pelo tedio que resentiu, calculo, e pela chronologia reconhecerão que os seus primeiros preceptores não seguiram a orientação pratica e naturalista do douto e jucundo flamengo que instruiu de 1533 em deante os Infantes D. Henrique, D. Duarte e D. Affonso.

Pouco estranhavel seria se, na sua infancia, palacianos eruditos tivessem tentado fornecer-lhe instrumentos aptos a facilitar o trabalho. Com effeito, um letrado, muito seu venerador, que já conhecemos, escrevia então obras philologicas como uma Cartilha, uma Grammatica, um Dialogo em louvor da lingua patria, <sup>125</sup> e um Manual ethico, ou *Dialogo com dois filhos seus sobre preceptos moraes*, em forma de jogo «para que a Infanta D. Maria Nossa Senhora quando fosse desoccupada da verdadeira philosophia christan por que estuda, por passatempo o mandasse jogar deante de si. <sup>126</sup>» Outro escriptor compôs em Castella *Lições de grammatica latina a uma princesa de Portugal em tempo de Carlos v.* <sup>127</sup> Mas verdade, verdade, essas obras não eram destinadas á nossa Infanta, como erroneamente se tem affirmado. <sup>128</sup>

Com relação á primeira, o final da phrase lisongeira que acabo

de citar — e diz: *a verdadeira philosophia christan por que estuda que sam os autos da rainha sua madre* — assim como a data tardia 1540, e mais ainda o nome do destinatario primitivo: um filhinho de D. João e D. Catharina, fallecido no anno indicado,<sup>129</sup> mostram que a Infanta, assim favorecida pelo feitor da casa da India, era filha dos reinantes, aquella futura princesa de Castella, que vemos preferida á orphã de D. Manoel em todos os ensejos.

Quanto á segunda, o titulo *princesa de Portugal*, embora genericamente se possa dar a todas as filhas de reis portuguezes, e se desse a algumas, referia-se em rigor, na era de Carlos v, apenas a D. Juana, a festejadissima noiva do herdeiro da corôa, o Principe D. João, a qual na sua patria fôra educada pelo mesmo systema classico e latinista.<sup>130</sup>

Tenho, de resto, minhas duvidas, sobre se qualquer d'esses livrinhos, e outros que não menciono, seriam realmente utilizados pelos professores da progenie regia. O ensino elementar era ministrado, tanto á pupilla como aos filhos dos reinantes, por um prègador da sua confiança que, prezando-se de habil educador, ia publicando pela sua parte livros de catechese e ensino.<sup>131</sup> Muito desprendimento teria mostrado esse Dr. Frei João Soares, eremita calçado de S. Agostinho, e desde 1545 Bispo de Coimbra, se tivesse posto á sombra os seus meritos pessoaes e collocado em evidencia os de pedagogos estranhos, seus rivaes.<sup>132</sup>

Outros historiadores mencionam como professores de D. Maria ao esmoler da Rainha, D. Julian de Alva, mais tarde Bispo de Portalegre<sup>133</sup>, e ainda a certo Antonio de Abreu, a um Rodrigo Sanches, e Manoel Barata, o eximio calligrapho que já citei.<sup>134</sup> Mas pouco importam os nomes, uma vez que não foram os corypheus do movimento humanista que abriram á filha de D. Leonor os tesouros da antiguidade, explicando-lhe Vergilio e Homero, Platão, Horacio e Seneca.<sup>135</sup>

De peso é apenas o facto que os seus estudos superiores, de latinidades e artes, foram, segundo o louvavel costume hespanhol, dirigidos por senhoras, certamente para que em continua convivencia familiar ampliasse os seus conhecimentos, e aprendesse a conversar não só em latim, mas tambem em francês e castelhano, linguas predilectas das côrtes europeias. De peso igualmente que a mais illustre entre as suas mestras, capaz de a guiar nesses tres campos, viera de Castella, por instigação, salvo erro, de D. Leonor e seu irmão Carlos v.

*As Mestras e Damas da Infanta.* — O testemunho já allegado

do benemerito cathedratico Azpilcueta Navarro põe fora de discussão que no pino do seculo, a filha de D. Manoel mantinha em sua casa mulheres doutissimas, em cujo trato e conversação se deleitava sobremodo.

Simultaneamente Resende, o velho pagão que foi durante toda a sua vida o mais forte esteio dos estudos aulicos — *robur aulae* — ao fazer perante a Universidade reunida o elogio de D. João III e dos seus esforços a favor da instrução, alludia ás melhores letradas, que provavelmente estavam presentes, exclamando: « posso apontar tambem mulheres que rivalizam em saber com os varões mais eruditos, sem por isso despirem a sua gentileza. Entre ellas tem o logar primordial a irman do nosso rei ».

Já em outra occasião, o Eborense havia-se curvado respeitoso e cheio de *sympathia* deante da princesa e suas principaes mestras e companheiras. Nessa occasião nomeára entre as *latinas* officiaes, as duas que lograram fama duradoura: *Joanna Vaz* e *Luisa Sigea*.<sup>136</sup>

Além d'ellas, ainda lhe mereceu menção honrosa *Angela Sigea*, a irman de Luisa, boa latina, mas melhor musica e mestra de canto. Os posteros enaltecera tambem *Paula Vicente*, a tangedora, filha do immortal Gil. *Per nefas* é que incorporaram na Academia da Infanta, como já indiquei, a erudita *Hortensia de Castro* afamada em Evora e Villaviçosa, e duas distinctas fidalgas que, a meu vêr, haviam recebido fóra do paço, no seio das illustres familias a que pertenciam, o impulso para a sua actividade litteraria: <sup>137</sup> *D. Leonor Coutinho*, auctora de um romance de cavallaria,<sup>138</sup> e *D. Leonor de Noronha*, que traduziu do original latino uma obra de historia universal, muito em voga naquelle tempo.<sup>139</sup>

No meio das damas nobres que de facto lhe serviam de *dueñas* de honra, acompanhando-a no seu paço, escolhidas naturalmente entre as primeiras linhagens (Guzmanes, Mendonças, Portugaes, Coutinhos, Noronhas, Meneses, Silvas, Silveiras) não ha nenhuma de cujos talentos restem vestigios ou informações. Entre a seguinte geração de meninas, que estudaram sob a egide de Joanna Vaz, Luisa e Angela Sigêa, quer fosse junto á Rainha, ou na aula da Infanta, as de mais nomeada são de sangue real e sobrinhas suas: a princesa D. Maria de Portugal, e as senhoras D. Maria, futura duquesa de Parma, e D. Catharina, futura duquesa de Bragança.

Das muitas donzellas que sem pretensões nem ostentações eruditas, pela graça, gentileza, formosura e espirito encantaram poetas, uma pelo menos surgirá ao fallarmos dos *Serões*.

Primeiro tratarei das *mestras*, e começarei com as indigenas *Joanna Vaz* e *Paula Vicente*, porque precederam as estrangeiras.

\*

*Joanna Vaz*, a *Vazia* dos latinistas, a *philosopha* dos que escreveram em português, *clarissimo portento do lysio paço* na linguagem bombastica dos versificadores seiscentistas — *Lysiae clarissimus aulae splendor* — já era matrona respeitavel, de fama impolluta e meritos consagrados pelo voto de patricios esclarecidos, quando da casa da Rainha passou para a da Infanta. <sup>140</sup> Assim o patenteia o primeiro que em 1551 traçou em escorço o quadro poetico da regia academia, já repetidas vezes utilizado nas paginas precedentes. <sup>141</sup> Apresentando a Infanta em companhia das duas latinas, ornadas com as insignias do officio, uma empunhando calamo e papel, a outra o livro aberto...

*haec graphium et tabulas gestabat et illa libellos*

— Resende caracteriza a Joanna Vaz <sup>142</sup> como guia excellente das donzellas estudiosas, mestra e directora na aula regia:

... *Laus est ea magna quod aula  
dux bona virginibus latias praeluxit ad artes.*

Terminantemente a declara bastante madura, *iam maturior ævi*, ou pelo menos muito mais idosa que a admiravel Luisa, menina e moça então de apenas quatro lustros, mas já douta em cinco idiomas da antiguidade — *admirabilis virgo linguarum quinque perita*. Um traductor hespanhol ao paraphrasear esses versos carregou as côres indevidamente, designando aquella *que el aspecto mas anciana muestra* como *varon en genio si en las canas dueña*. <sup>143</sup> Mas no fundo terá razão. <sup>144</sup>

O velho aio dos Infantes, não era o primeiro a render-lhe culto. João de Barros, não o historiador e panegyrista, mas antes o cidadão portuense a quem devemos o livro inedito das *Antiguidades entre o Douro e Minho*, havia muito anteriormente elogiado a Joanna Vaz, e em geral as mulheres instruidas, num curioso, se bem que assaz indigesto tratado ethico, denominado *Espelho de Casados*. <sup>145</sup>

Oriunda de Coimbra, segundo informa, consideravam-na mui douta em letras latinas e outras artes humanas, auctora de cartas que vira e admirara. Servindo de criada á Rainha, era por suas virtudes e doutrina mui «aceita a ella». <sup>146</sup> Isso em 1540, ou pouco antes.

Retrocedendo um decennio, encontramos no concerto de applau-

sos ás empresas da dama conimbricense outro vulto superior aos dois citados, o proprio patriarca dos hellenistas, que havia trazido em triumpho para Hespanha e Portugal a arte de Poliziano. O venerando Aires Barbosa, mestre do Commendador Grego <sup>147</sup>, de passagem em Coimbra, fora visitar a latina que já conhecia de fama pelos seus escriptos, movido pelo desejo de a avistar e conversar com ella. Não a encontrando, dirigiu-lhe uns versos elegantes, em que gaba o estylo suave, eloqüente e castiço das suas cartas <sup>148</sup> (*scripta tua*), lamenta o mallogro do passo dado para se aproximar d'ella, e conclue conceituosamente: «de sabor doce é a maçan colhida directamente da arvore; e muito agrada a agua bebida na propria nascente.» Como todavia nem mesmo este galante implantador do gosto atheniense em terra lusitana allude á tenra idade de Joanna Vaz, concluo que em 1530 (anno da morte de Aires Barbosa), a erudita senhora já não merecia o epitheto de menina. <sup>149</sup>

E' quanto sei. A quem me perguntar, se era versada no idioma de Homero e no de Salomão <sup>150</sup>; se uma carta sua, trilingüe, foi entregue ao Papa Paulo III, mandando-lhe este resposta benigna; se realmente casou, e quando, com Fernão Alvares da Cunha; se correm impressas varias obras poeticas d'ella, havendo outras manuscriptas; se é factó que, dotada de dulcissima voz de soprano, costumava cantar versos da sua lavra, a testa coroada de louros, de lyra na mão, qual outra Corinna, enfeitando além dos homens os monstros do Oceano, emmudeço sorrindo, ou respondo que o creia quem tiver a ingenuidade de jurar nas indicações contidas no *Enthusiasmo Poetico* do Padre Antonio dos Reys <sup>151</sup>, ou em todas as noticias laboriosamente enfeixadas por Barbosa Machado. Incerta se metrificou, e se André de Resende allude, como creio, a poesias d'ella, <sup>152</sup> suspeito que esses traços todos foram irreflectidamente transferidos da biographia da Sigea para a de Joanna Vaz, por quem desejava que ambas figurassem na galeria feminina como gemeas em genio, em gloria, e na amizade da Infanta. Phantasia a que a realidade não correspõde inteiramente. Joanna foi a estrella, o Vesper da manhã, Luisa o sol glorioso do humanismo portuguez.

\*

*Luisa Sigea.* — Criança gentil, realmente extraordinaria, cuja fama reboou com rapidez, de um extremo ao outro da Europa. *Luisa Sigea* foi enaltecida em vida por entusiasticos louvores, mas infamada depois de morta, com vilissimas calumnias, inventadas no seio da propria nação, á qual pertence pelo pae, e que



lhe havia imposto, primeiramente, com galharda imparcialidade, o stemma de Heloisa portuguesa, <sup>153</sup> ao propágar pela imprensa o seu melhor escrito. <sup>154</sup>

Francesa de origem <sup>155</sup>, mas castelhana pela mãe, dos Velascos de Toledo, (razão porque ambas as irmãs usavam do appellido de *Velasco* <sup>156</sup>) Luisa era um pequeno prodigio de erudição quando aos doze annos entrou em Portugal (1543) <sup>157</sup>. Diogo Sigeo o sabio progenitor, havia ganhò em quinze annos de magisterio na culta cidade dos Arcebispos Cisneros e Fonseca, a reputação de discipulo notavel do grande Nebrissense, homem de bem, letrado de merito, elegante latinista e glottologo distincto. Aos desvelos d'elle e em parte tambem á amizade que em Toledo o ligava a outros humanistas eminentes, devia Luisa a vantagem de ter aprendido na mais tenra infancia, a lingua de Vergilio e a de Homero. Na idade em que outras meninas só querem saber de bonecas, cultivava a predilecta arte ou mania dos sabios da Renascença <sup>158</sup>. Já então redigia epistolas latinas, ornamentadas com sentenças dos lyricos e philosophos antigos <sup>159</sup>. Mas ainda não satisfeita com estes resultados, havia começado o tirocinio do hebraico, arabe e chaldaico <sup>160</sup>, attrahida pelos sons e caracteres peregrinos e pela estructura estranha das linguas semiticas que actuaram poderosamente sobre o seu cerebro privilegiado de polyglotta.

As suas escriptas orientaes, as cartas que recebera em resposta ás suas missivas, e principalmente uma epistola dirigida ao Papa Paulo III como primicias do seu ingenho — *quosdam ingenioli mei flosculos* — abriram-lhe de par em par as portas da aula regia. Note-se bem, as da Rainha e não as da Infanta. A ella, a Angela sua irman, e ao pae Diogo Sigeo de Toledo <sup>161</sup>, que entrava como Secretario das cartas latinas, servindo ao mesmo tempo de mestre de rhetorica a alguns varões de sangue real, e tambem aos moços fidalgos. <sup>162</sup> Tudo isto por imposição dos monarchas que haviam instado com a familia Sigeo para que transferisse os penates para Lisboa. <sup>163</sup>

Por elle dirigida, Luisa continuou os seus estudos, collocada talvez debaixo do patrocínio maternal de Joanna Vaz, — *in Regum aula adscita — inque lusitanicam aulam benigne admissa*, como assentou em preciosos documentos autobiographicos). <sup>164</sup> Acostumando-se, graças ao exemplo das damas, na convivencia com as meninas da Rainha e com as Infantas, ao trato delicado da vida cortesã, conseguiu decerto apurar as maneiras e o seu estylo; aprendeu a metrificar em latim e cultivou, além do grego e das linguas orientaes, os quatro idiomas romanicos que possuia. <sup>165</sup> Despertando em todas as

espheras do seu trabalho a admiração das condiscipulas, respectivamente das discipulas, fazia nascer entre ellas uma nobre emulação. De pequena estatura, franzina, olhos pretos muito vivos, alegrava sempre pela sua graça franco-castelhana, as severas e ás vezes monotonas lições dos professores.<sup>166</sup>

Quando passou de alumna excepcional a mestra? do serviço da Rainha á companhia da Infanta? Supponho que aos dezaseis annos, depois de haver offertado ao Papa Paulo III a sua obra-prima, um poema descriptivo sobre as bellezas naturaes da serra e villa de *Sintra*, acompanhando-o de uma carta de obediencia em diversos idiomas<sup>167</sup> — offerta a tal ponto fóra do commum que foi recompensada por um expressivo Breve.<sup>168</sup> Pela data vê-se que ainda assistia na aula do invictissimo Rei de Portugal. Na carta ha, porém, elogios sentidos ao character da Infanta, e o poema é, em grande parte, uma apotheose d'ella. A descripção de *Sintra*, rica em bellezas bucolicas e pallida apenas, se a conferirmos com o hymno do bardo mysterioso que na sua peregrinação artistica designou de «gloriosamente paradisiacos» os seus encantos, serve de introducção ao vaticinio de uma nympha, a qual promete a D. Maria o throno imperial dentro de um anno:

*Digna petunt divi regali in principi dona  
imperio ut superet quas superat meritis  
.....  
haec reget imperium felix, quum nupserit, orbis  
.....*

*Ante polum quam sol circumvolvatur utrumque  
quæ cecini venient.*

Não acharia estranho se os protectores tivessem demonstrado a sua satisfação, transferindo-a ao paço da Infanta (1546).<sup>169</sup> A mudança não tornou todavia menos arduas as suas attribuições. Mestra das donzellas, companheira da Infanta, e ás ordens d'ella, sempre que a sua presença fosse desejada, talvez sua secretaria, utilizando as breves horas vagas e o silencio da noite para pôr em dia a sua correspondencia pessoal, ou para idear novos trabalhos litterarios que a tornassem conhecida nos grandes centros do mundo latino, Luisa não podia achar suave e saboroso o serviço palaciano. Posto que todos a tratassem com affecto, como *lume do paço, das musas mimosa*, ella aspirava á independencia, ao livre desenvolvimento das suas faculdades affectivas e intellectuaes, a um lar seu, caricias de crianças.

E quando mais tarde recordava o tempo passado, os treze annos que por junto vivera no paço figuravam-se-lhe não só como de muito assiduo trabalho (*sedulae servitutis*) mas de pesada servidão (*onerosa servitutis*). <sup>170</sup> A ella, ao pae e á irman.

Juntos retiraram afinal para Torres Novas (1555). Não sei se a contento dos soberanos ou contra o desejo d'elles, como penso. Em todo o caso, ainda dependiam da côrte. Luisa teve de sollicitar o regio consentimento, quando após um triennio de descanso resolveu casar e regressar á patria, quer fosse nos ultimos dias de D. João III, quer nos primeiros da regencia de D. Catharina.

Nesse momento em que, jubilosa, liberta, imagina ter attingido a felicidade, alguma cousa de amargo surge no seu caminho. O *sunt lacrymae rerum* do poeta revela-se á sua consciencia. Com orgulho, conscia de ter prestado serviços, e de estar fóra das fileiras (*extra aliorum aleam positam*) espera receber o premio devido (*sat debita praemia*), premio que a eximisse para sempre da lucta pela vida <sup>172</sup>. Quando lh'o negam, lamenta-se, por amor ao dulcissimo conjuge <sup>172</sup>. Repugna-lhe ser um encargo a D. Francisco de Cuevas, fidalgo castelhano, letrado mas pobre, em logar de o fazer participe dos louros e da gloria que sonhara. Repugna-lhe não ter valia bastante para melhorar a situação dos irmãos. <sup>173</sup> Em Valladolid e Burgos redige cartas e memoriaes a Felipe II, Paulo IV <sup>174</sup>, D. Maria de Bohemia e Hungria. Essa concede-lhe espontaneamente o posto honroso de latina em sua casa, e ao marido o de secretario particular. Mas o infortunio persegue-a. Ao cabo de poucos meses, a generosa e energica irman da Rainha D. Leonor fallece (1558). Novamente sem meios sufficientes, Luisa expõe ao rei de Hespanha o que é e fez, o que soffre e pretende. Emquanto este se dispõe a contentá-la, tem a suprema ventura de se sentir mãe. Mas ao apertar a primeira vez a filhinha contra o coração, exhala o ultimo suspiro (13 de Out. de 1560) <sup>175</sup>. Com apenas trinta annos, sem ter chegado ao *mezzo del cammin* <sup>176</sup>. Rica em trabalhos e em encomios, <sup>176</sup> que o leitor, já ensinado pelos muitos exemplos que accumulei, vae adivinhar: Minerva do seu tempo, Christiana Cynthia, decima Musa <sup>177</sup>, gloria do seu sexo, seu tempo, seu paiz. Mais valioso do que taes epithetos, mais significativo que os solemnes necrologios, as sentidas elegias que os amigos lhe dedicaram é o ultimo adeus do marido á esposa, cuja rara erudição só era ultrapassada pela sua suave candidez. *Vale, beata animula. Adeus, bemdita alminha* <sup>178</sup>.

Ao passo que na peninsula redigem epicedios <sup>179</sup> e epitaphios <sup>180</sup>, um francês, relacionado com Diogo Sigeo, resolve tornar conhecida na sua patria a maior polyglotta do mundo. E' Nicot, o da Nico-

tiana, então em Lisboa como embaixador do rei de França (1559-1561), que leva a Paris, juntamente com a decantada flor da Havana, o poema *Sintra*, entretendo-se a lê-lo em frente do cabo da Roca. Com bastante demora o fez imprimir (1566), acompanhado de alguns epigrammas e a carta do Papa. <sup>181</sup>

Antes não o fizesse! Em meado do século xvii, quando ninguém em França se lembrava da mestra da Infanta D. Maria, o nome sonoro e impolluto da Heloisa Portuguesa serviu a um espirito perverso, ingenhosissimo sim, mas de insondavel cynismo, para mascarar uma composição sua, de tal maneira abjecta e abominavel que os bons engenhos a chamaram e chamarão sempre «nascida no orco e digna de trevas eternas <sup>182</sup>, *ex orco nata et perpetuis tenebris damnanda*.

Na realidade, Luisa havia composto, fóra o poema *Sintra* e muitas cartas <sup>183</sup>, um Dialogo entre duas damas sobre a vida rustica e a palaciana, nunca impresso, gabado como engenhoso pelo unico coevo que o viu <sup>184</sup>. Infelizmente, por ora ninguem se lembrou de colleccionar e editar os restos da actividade litteraria d'esta sympathica precursora <sup>185</sup>.

\*

De *Angela Sigea* ha pouco a dizer. Instruida em ambas as linguas classicas, segundo informação do facundo flamengo João Vaseu de Bruges <sup>186</sup> que, em doze annos de residencia entre portuguezes, teve ensejo de saber a verdade, a irman de Luisa era excellente musica a ponto de poder concorrer com os melhores professores. Foi esta a arte que cultivou e ensinou no paço da Infanta, a qual nella se exercitava <sup>187</sup>. Posteriormente, depois de haver casado em Torres Novas com Antonio Mogo de Mello e Carrilho (prole de um filho natural do Conde da Atalaia) continuou amada e estimada por D. Catharina de Bragança. Com ella trocava cartas a miudo. Deixou descendencia em Torres Novas onde viveu, morreu e foi sepultada <sup>188</sup>. Em casa de seu terceiro neto, João de Mello Carrilho e Velasco, via-se, em principios do sec. xviii, a sua effigie com a da irman. A descripção aponta: um rosto algum tanto cheio, nariz mais afilado que redondo, olhos engraçados e por isso negros (*sic*), testa larga, sobrancelhas bem tiradas, côres pallidas, aspecto veneravel, vestidos negros á portuguesa antiga e por isso modestos, estatura bem proporcionada. Estava representada rezando por umas Horas de N. S. e cercada de livros. Dos traços de Luisa, o informador não dá noticia <sup>189</sup>.

\*

*Paula Vicente*, filha do genial poeta comico, se pelos annos e sua nacionalidade caminha de braço dado com Joanna Vaz, estende a mão a Angela na qualidade de musica da academia feminina. Como tangedora a inscreveram no rol dos Moradores da Rainha. Com o titulo modesto de moça da camara figura (1561) no privilegio que obteve em nome de D. Sebastião, para publicação das obras poeticas de Gil Vicente <sup>190</sup>. Segundo calculos que parecem certos entrou no serviço da Infanta por occasião da morte de seu glorioso progenitor <sup>191</sup>. Por ella foi favorecida ainda de outro modo: com a doação de terras nas proximidades da Quinta do Mosteiro (concelho de Torres Vedras), propriedade do pae, onde nascera em 1513.

Tudo quanto se narra dos seus talentos tem, infelizmente, certos laivos de lendario. *Nomen omen*. Paula devia forçosamente lembrar a todos os latinistas, *Pola* a Romana, que ajudou o auctor da *Pharsalia*, seu esposo, em trabalhos litterarios <sup>192</sup>. E' o que torna duvidosos os boatos sobre a sua collaboração effectiva na composição dos Autos. Aceitemos, comtudo, como muito provavel que fez companhia carinhosa ao pae nos annos em que, satisfazendo os desejos de D. João III, preparava para a imprensa, no isolamento da quinta, as suas obras dramaticas e lyricas. E' muito possivel que lhe servisse de secretaria intelligente e mesmo de ajudante chistosa e de fino gosto. Acreditamos piamente que entendia diversos idiomas, bordava e pintava. Menos ainda repugna crer que sabendo dançar, cantar e tocar varios instrumentos, recitasse deliciosamente com graça e naturalidade, trechos soltos e composições inteiras das obras do pae, agradando sem ser formosa. Ou ainda, que a sua veia dramatica e talento mimico a levassem a organizar, no circulo das damas, ligeiras representações scenicas, ex-improvisio, ou com a devida preparação. Ao fallar dos Serões tornarei a tocar nesta hypothese.

Mas ponhamos de remissa o que dizem da sua sabedoria em architectura civil; de uma grammatica inglesa e hollandesa da sua lavra, nunca vista por ninguem; assim como de um volume inteiro de comedias originaes que legou á posteridade <sup>193</sup>.

Angela e Paula, representantes da tradição portuguesa ou Escola velha, conduzem-nos do gabinete de estudo ás salas de recepção. Festas, quer intimas, quer solemnes, sem o suave concerto de instrumentos musicos, tocados por damas gentis, acompanhando cantigas, vilancetes, chistes, elegias, eglogas ou danças artisticamente ordenadas; serões sem declamação de versos, jogos de espirito, motes glosados; representações improvisadas sobre themas dados, ou previamente estudadas, quem as poderá imaginar?

Antes de lá entrarmos, devo apresentar as tres infantas portuguezas que seguiram o exemplo da filha de D. Leonor, progenie sua espiritual. A imitação é evidente e significativa, porque mostra que, embora não fosse muito instruida, nem ligasse excessiva importancia ás sciencias profanas <sup>194</sup>, a Rainha D. Catharina não contrariou, antes favoreceu o alvitre da irman. Entre as filhas de D. Juana, a Louca, a que physicamente e psychicamente mais se parecia á grande Isabel, era a Rainha de Portugal. Bella, energica, esperta, reconheceu a necessidade de mandar educar a nova geração, pelo systema em voga, segura de que convenientemente dirigido o ensino do latim e das humanidades, longe de estorvar os seus scopos, lhes havia de servir de esteio, e de incentivo ás praticas religiosas.

Não só os varões, incluindo o bastardo de D. João III <sup>195</sup> e o do Infante D. Luiz <sup>196</sup>, mas tambem as princessas dão prova d'isso.

\*

*A Princesa D. Maria; a Senhora D. Maria; a Senhora D. Catharina.* — A homonyma da nossa Infante foi a unica filha dos reis que não morreu em idade infantil. Ainda assim, attingiu apenas dezoito primaveras! Por isso os documentos do seu saber e das suas relações com poetas e letrados são diminutos. Já conhecemos um escrito que João de Barros lhe consagrou <sup>197</sup>. Da correspondencia infantil que manteve <sup>198</sup>, extracto a passagem em que o pae, ausente em Almeirim, a censura brandamente porque aos quinze annos ainda preferia o portuguez á lingua dos eruditos: «Com vossa carta, filha, folguei muito, ainda que esperava que fosse em latim» <sup>199</sup>. Um anonymo castelhano fez a relação (inedita) das festas celebradas quando casou <sup>200</sup>. Imagino que não andará despida de louvores á sua formosura, boa indole e esmerada educação. Na mesma occasião uns conselhos propheticos de futuras desgraças, em verso, foram dirigidos aos reis, por seu tio, o discreto D. Luis. Era uma emanção de doloroso despeito, porque não só por conveniencia de estado, para dar mais um fiador á successão manoelina, mas por verdadeiro amor, o Infante havia planeado casar com a sobrinha <sup>201</sup>. A morte prematura da princesa provocou uma lamentação, assaz convencional, da parte de um novato, poeta e musico luso-castelhano, que a seguira, com desejos de entrar como cantor na capella de Felipe II, seu esposo. O novo *Recuerde el alma dormida*, ou seja glosa das primeiras Coplas de Jorge Manrique, é uma composição curiosa, em que Jorge de Montemór a apelidou — receio que com tão escassa veracidade como elegancia — *bella y sana e la mas rica pieza (!)* que nunca viu. <sup>202</sup> Iden-

tica homenagem, comquanto um pouco mais tardia, lhe prestou em latim Ignacio de Moraes, representando-a no Empyreo, em conversa com o principe seu irmão <sup>203</sup>, o ultimo vastago de dez, que em dois decennios foram arrancados aos braços de D. João e D. Catharina (1553).

*Si spectes quoties Lucinam experta faventem  
uxor magna fuit, praesto est numerosa propago.  
Si spectes quoties Libitinam expertus uterque  
de grege bis quino nullum superesse dolebis.  
Tot pueri immaturi ævo, tot morte puellæ  
absumptæ vacuum liquere parentibus aulam* <sup>204</sup>.

De alguns escritos, em vernaculo, hoje perdidos, de Gaspar de Barreiros, é impossivel dizer, qual das duas Marias portuguesas visava, se a Infanta ou a Princesa <sup>205</sup>.

Quando est'ultima deixou vago o seu logar no paço, já lá estavam a substitui-la, no affecto dos paes, as pequeninas orfãs do Infante D. Duarte (1515-1540). Educadas pela Rainha como se fossem filhas suas, os meritos da *Senhora D. Maria* (n. 1538) e da *Senhora D. Catharina* (n. 1539) deixaram rasto, não só na obra de latinos como Diogo de Teive <sup>206</sup>, mas tambem na dos verdadeiros lyricos portugueses.

Ouçamos por exemplo o cysne de Montemór que as avistou no paço da Rainha, ao lado da Infanta, nas festas do Noivado de D. João e D. Juana (1552). Ao dar á luz a sua obra-prima, o romance pastoril de *Diana*, pendurou os retratos das duas meninas num d'esses Templos de Gloria em que era praxe collocar celebidades coevas <sup>207</sup>. Primeiro a Infanta, no momento em que a perda da mãe a perturbou profundamente:

*Mirad, Ninfas, la gran dona Maria,  
De Portugal infanta soberana,  
cuya hermosura y gracia sube hoy dia  
ado llegar no puede vista humana :  
Mirad que, aunque fortuna alli porfia,  
la vence el gran valor que d'ella mana  
y no son parte el hado, tiempo y muerte  
para vencer su gran bondad y suerte* <sup>208</sup>.

E logo em seguida as suas sobrinhas:

*Aquellas dos que tiene alli a su lado  
y el resplandor del sol han suspendido,  
las mangas de oro, sayas de brocado,  
de perlas y esmeraldas guarnecido,  
cabellos de oro fino, crespo, ondado,  
sobre los ombros suelto y esparzido —  
son hijas del infante lusitano  
Duarte valeroso y gran christiano.* <sup>209</sup>

Foram gabadas tambem pelo doutor Antonio Ferreira <sup>210</sup> e seu amigo Pedro de Andrade Caminha, poeta aulico *por excellencia* <sup>211</sup>, e camareiro de seu irmão o Senhor D. Duarte (o mais novo entre os tres Duartes que é preciso distinguir) — vates que nunca fizeram vibrar sua lyra para cantar a Infanta.

Nascidos na era tridentina, de paes devotissimos, as irmans foram criadas numa atmosphaera saturada de clericalismo. A mãe, D. Isabel de Bragança, traçara de sua propria mão um volume de *Notas aos Evangelhos* <sup>212</sup>. Imitando o exemplo, a Senhora D. Maria, a mais douta das duas, boa latina, entendida em mathematicas e philosophia natural, inclinava-se muito ao estudo da theologia e compôs, dizem, um tratado sobre *Sentenças dos Santos Padres*. <sup>213</sup> Por escrupulos religiosos nunca quis exercitar-se na arte poetica. Tão longe levou o seu receio de versos de amor profano que, abrindo duas vezes as Rimas de Petrarca, a poucas regras de leitura, como castigando-se, fechou o livro.

A propensão de genio da Senhora D. Catharina, que em 1580 se revelou como briosa e altaneira competidora de Felipe II na successão portuguesa, foi muito diversa. Amiga, protectora e correspondente de Angela Sigea, parece ter cultivado as artes, especialmente a que foi sempre querida dos Braganças. Ao fallar dos Serões terei de mencionar algumas cultoras de musica que brilharam no seu *Museu*, ou Estudo <sup>214</sup>. Quando em 1565 D. Maria, desposada com Alexandre Farnese, embarcou para Flandres pouco depois de D. Catharina haver celebrado bodas com o Duque de Bragança, estabelecendo residencia no opulento palacio de Villaviçosa, os poetas que citei levantaram hymnos de felicitação, mas tambem queixumes sentidos. <sup>215</sup>

De então em deante os Serões, se não acabaram de todo, cahiram em decadencia. O joven rei, o casto e desequilibrado Sebastião,



fugia do convívio, *aborrendo le donne*. A Regente, sua avó, embora velasse activa e sollicita pelo bem das suas damas e donzellas, venerada como santa velhinha, no seu manto de viuva, só de longe em longe, quando as circumstancias o requeriam, abria as salas outr'ora tão animadas.



Seja qual for a causa da infamia, a honra de  
uma mulher é sempre preciosa, e não se pode  
deixar de ser guardada com a mais exacta  
vigilância. Não se trata de um bem que se  
perde sem mais voltar a ver.

Quando se discute a honra de uma mulher e  
se a honra é sempre preciosa, não se pode  
deixar de ser guardada com a mais exacta  
vigilância. Não se trata de um bem que se  
perde sem mais voltar a ver.

Quando se discute a honra de uma mulher e  
se a honra é sempre preciosa, não se pode  
deixar de ser guardada com a mais exacta  
vigilância. Não se trata de um bem que se  
perde sem mais voltar a ver.

Quando se discute a honra de uma mulher e  
se a honra é sempre preciosa, não se pode  
deixar de ser guardada com a mais exacta  
vigilância. Não se trata de um bem que se  
perde sem mais voltar a ver.

Quando se discute a honra de uma mulher e  
se a honra é sempre preciosa, não se pode  
deixar de ser guardada com a mais exacta  
vigilância. Não se trata de um bem que se  
perde sem mais voltar a ver.



## IV



ERÕES! Mas Serões da Infanta? Ou teremos de entender Serões Reaes, em que a pupila de D. João III e de D. Catharina tomou parte? Creio que sim, mas não tenho por ora quem me acompanhe neste modo de ver.

Repetindo os dizeres com que principiei o capitulo anterior, constato novamente que todos quantos hoje se occupam de litteratura patria estão persuadidos que o esplendor do reinado manuelino ficou completamente obumbrado pelas tristezas da côrte do successor; mas que esse esplendor renasceu em volta da Infanta, devendo-se exclusivamente a ella e ás suas damas a vibração d'esse accorde maravilhoso, intenso, final que fez estremecer todas as almas: o despertar do ideal de poetas immortaes como Luis de Camões <sup>216</sup>. Nessa firme convicção acharam irrelevante a apresentação de documentos comprovativos. Mas, ainda que os procurassem, não os encontravam.

Não ha louvores dos Serões, nem queixas parecidas ás que o philosopho da Tapada fez ecoar ao longe quando, mergulhado em saudades profundas, se lembrava dos alegres tempos manuelinos, *laudator temporis acti*, como todos os velhos:

*Os momos, os serões de Portugal  
Tão falados no mundo, onde são idos?  
E as graças temperadas do seu sal?  
Dos motes o primor e altos sentidos?  
Uns ditos delicados, cortesãos,  
Que é d'elles? quem lhes dá sómente ouvidos? <sup>217</sup>*

Nem uma só Ode existe em que algum dos bons engenhos glorificasse a Infanta como alma, coração e soberana de reuniões palacianas. Nenhuma composição com estrophes distribuidas exclusivamente ás suas damas, ou em que ellas collaborassem.

Entre os principaes moradores da sua casa não descubro poetas, como entre os do Infante D. Duarte, Senhor D. Duarte e Principe D. João. Apenas um que era filho e neto de poetas. <sup>218</sup> Entre as damas ha uma unica, aureolada por versos camonianos. E essa unica — nem mesmo foi reconhecida como tal pelos meus predecessores! De balde procuro nos cancioneiros impressos e manuscritos, entre milhares de redondilhas festivas, alguma nota de franca alegria que sahisse indubitavelmente do seu cenaculo; de balde referencias em autos e comedias, comparaveis ás que Gil Vicente dirigiu com tanta graça ás filhas mais idosas de D. Manoel. Raptos de admiração respeitosa, em bocca de eruditos venerandos, isso sim; homenagens em que cedo se introduziu um tom plangente de piedosa magoa, eco tenue do pesar com que todos presenciavam o desfolhar de tanta formosura, o abandono de tanta riqueza, virtude, sciencia e nobreza. E' pouco. Não ha negá-lo.

Em vista d'esta falta de provas, conhecendo de mais a mais a Infanta principalmente pelo lado devoto, um investigador estrangeiro, espirito critico de primeira ordem, a quem Portugal deve muito, levantou a questão dos Serões, e deu-lhe um feitio peculiar que talvez faça encolher os hombros a mais de um leitor. E é: se o sexo forte teve, ou não, ingresso no paço da Infanta; e em especial, se é verosimil qualquer contacto pessoal entre a princesa erudita que personifica o renascimento portuguez e o principe dos poetas lusitanos — expressão perfeita do genio nacional. Ponderando os prós e os contras, pelo modo que se poderá verificar na sua *Vida de Camões*, Wilhelm Storck <sup>219</sup>, responde negativamente.

E nós? o leitor e eu? Comquanto a respeito de Camões devamos estar de accordo com o sabio allemão, como logo mostrarei, não podemos nem queremos tirar illações tão categoricas. Ponhamos que o scepticismo germanico é excessivo. Deixemos em suspenso a decisão, sobre se no proprio paço da Sempre-noiva, menina em cabello, segundo a comprehensão do vulgo, houve festas para ambos os sexos, ou apenas reuniões de damas; e se todos os escritores que lhe offereceram o fructo das suas vigalias, tiveram a honra de lhe beijar a pequenina mão no seu reino litterario, ou contribuíram a abrilhantá-lo apenas de modo indirecto, fazendo ceremoniosamente, de longe, entrega das suas obras á camareira-mór <sup>220</sup>. Mas não admittamos que lá fóra desenhem a sua casa como um convento.

Repliquemos, allegando o testemunho de Goes e Venturino sobre a sua faustosa residencia que a arte ennobrecia de tantos fulgores. Juntemos novos indicios, nova luz, para desfazer a nebulose que em volta d'ella se ia formando. Digamos bem alto que um mestre de dança fez parte de sua casa e que não faltaram pagens de serviço (meninos) <sup>221</sup>. Por causa de um criado seu, grande reposteiro, mantieiro maravilhoso, «mui destro nesta cousa de banquetes», brigaram na partida para a Africa o Prior do Crato e Christovão de Tavora, um dos que então eram do bafo del-rei e tanto seu privado que: «queria, podia e mandava» <sup>222</sup>. Nas esplendidas festas que á custa de D. Maria se celebraram em Almada na chegada de um sobrinho do Papa Pio v, um improvisador cantou á guitarra trovas em honra d'ella e dos convidados <sup>223</sup>. As suas damas casaram a seu contento, e muitas vezes graças á sua intervenção <sup>224</sup>. Entre os seus familiares houve aventureiros galantes, como aquelle Antonio de Mendonça o qual, desprezado pela sua dama que se enclausurou, entrou tambem no convento. <sup>225</sup> André de Resende, Frei Simão Coelho, Frei Francisco Foreiro foram admittidos á sua presença. Quando o delegado pontificio com larga comitiva foi recebido de noite, em aposentos pomposos, reluziam em torno historias devotas e profanas, exemplos heroicos de virtudes humanas; e aos sentidos fallavam fabulas e mythos, tecidos em pannos de ras, de seda e ouro.

Mais lhe lembraremos o que de resto bem sabe: que se tudo isso não fosse, ainda assim a Infanta haveria de continuo logrado ensejo para de muitos modos conhecer e apreciar o espirito privilegiado de Camões e as suas creações não só no palacio de Dom Duarte, e no dos outros Infantes seus irmãos, dos duques de Bragança e Aveiro, mas tambem na residencia dos Condes do Vimioso, Redondo, Linhares e outros fidalgos de menor categoria que estimavam e sabiam a arte, como por exemplo aquelle Estacio da Fonseca, em cujo patio se representou o *Rei Seleuco* de Camões. Mas especialmente no paço regio, onde junto á Rainha floresceu até 1543 a noiva de Felipe, até fins de 1559 o principe D. João, cujo fervido amor ás artes e letras havia alvoroçado todos os seus cultores; e até 1565 a prole de D. Duarte.

Da existencia d'estes *Serões Reaes* é que estou convencida, apesar de Sá de Miranda, cujo suspiro retrospectivo illude. Serões certamente diversos dos *manuelinos*, cuja pompa e alegria exuberante e cujas graças familiares, tantas vezes indiscretas, se revelam por mil maneiras estranhas no Cancioneiro e nos Autos de Gil Vicente. Muitas modas velhas perduraram todavia. Os bobos chocarreiros, anões

e corcundas graciosos, não eram banidos das salas. Os reis e fidalgos divertiam-se então como d'antes, em grande parte com as chalaças de Antonio Panasco e João de Sá e com os chistes do Chiado. As representações de autos e farças continuaram De quarenta e tres obras dramaticas de Gil Vicente, metade pertence á epoca del Rei D. João III (até 1536), e não é a menos valiosa. Os Condes do Vimioso, da Sortelha, do Redondo eram extremados em galanteria. Fernam Cardoso mostrava-se eminente na arte de revestir de estylo metaphorico materias joco-serias. As notaveis differenças que se realizaram, marcam todas um progresso evidente — progresso que, de resto, não devemos abonar a D. João III, pois é fructo de sementes lançadas pelos antecessores. As etiquetas tornaram-se mais atiladas, os costumes mais polidos; os divertimentos menos ruidosos.

As danças *baixas* (passeadas) substituíram as *altas* (puladas). A culta escola italiana ou petrarchesca prevalecia sobre as formas tradicionaes. A comedia togata e a tragedia ganhavam terreno, contra o auto e a farça popular. Tivemos os *Amphitriões*, *Os Estrangeiros*, *Os Vilhalpandos*, *A Euphrosina* e *Ulyssipo*, *O Cioso*, *O Bristo* e a *Ignez de Castro*. A poesia heroica aclimara-se e desabrochava, dando pequenos poemas narrativos em oitavas. O romance de cavalleria, a novella pastoril tinha cultores. Em toda a familia real não havia um só varão que não se esforçasse por mantêr aceso o fogo sacro das letras.

A lista das obras dedicadas a D. João III, D. Luis, D. Duarte, D. Affonso, D. Henrique, ao Principe D. João e a D. Sebastião é extensissima e muito curiosa. Igualmente a das que eram destinadas á Rainha, ás Princesas, á Infanta. Quem levou a melhor parte, resta por decidir. Que D. Catharina não fosse complacente, vá. Os heroes de intrigas e dramas de amor eram perseguidos por ella sem dó. A sua austeridade e os seus escrupulos deram motivo para um Camões a amaldiçoar como «soberana infernal». <sup>226</sup> Mas, sem esses justos ou injustos rigores regios, quantas entre as maravilhosas creações lyricas, que são desabafos de peitos magoados e descontentes, seriam escriptas, se é verdade ser poeta sómente quem soffre e chora?

E' facto incontestavel que no paço da Rainha viviam ou se reuniam as inspiradoras de fama. Foi dama sua, tanto aquella D. Maria Manuel que havia enfeitado o velho Duque de Coimbra, como D. Anna d'Aragão, a briosa defensora da independencia nacional; tanto a Natércia de Camões, como aquella gentil D. Margarida da Silva por cuja causa o melhor amigo do poeta morreu nos campos africanos, senhora tão gentil que em seu louvor concorreram trinta a quarenta fidalgos da côrte, <sup>227</sup> incluindo o grande estoico, no seu retiro

minhoto. <sup>228</sup> Dama da Rainha foi D. Francisca de Aragão, entre todas as formosas a que melhor sabia fazer o officio de dama, contentando a severa soberana e inspirando, apesar d'isso, não só o suave Jorge de Montemór, e o ceremonioso Caminha, mas também o sentimental D. Manoel de Portugal, da casa Vimioso, e o proprio Luis de Camões, sem que por causa de tantas homenagens galantes o filho de São Francisco de Borja desdenhasse consorciar-se com ella <sup>229</sup>. Dama da Rainha, emfim, aquella D. Guiomar Henriques cuja esquivéz inflammou D. Simão da Silveira, e não desagradou ao inclyto D. Diego de Mendoza. <sup>230</sup>

Foi portanto nas salas da Rainha onde desabrocharam, para onde eram remittidos e onde os cortesãos saboreavam a maior parte dos intermezzos lyricos que constituem o livro de ouro da litteratura portuguesa: motes chistosos, voltas alegres, glosas requintadas, trovas satiricas, cartas mui galantes, sonetos cultos, eglogas sentimentaes, epithalamios solemnes, epistolas judiciosas, oitavas narrativas, elegias graves e affectuosas, odes sublimes.

Foi lá que se deram esses incidentes fallados, essas aneddotas picantes, esses ditos graciosos que continuaram a sustentar no seculo XVI a antiga triple fama de: namorados, de galantes, e de promptos e agudos nas respostas, de que gozavam os portugueses, conforme assentei na Introduccão.

A difficuldade consiste em fazer a melhor escolha entre os contos que constituem a chronica aulica.

João Lopes Leitão, pagem da lança do principe, mancebo atrevido e galanteador, muito amigo de Camões, e um dos combatentes no torneio de Xabregas, foi preso por ter entrado no recinto das damas sem licença do porteiro. <sup>231</sup>

D. Simão da Silveira passeia vestido de tafetá, num dia d'Abril muito chuvoso e frio, e explica aos cortesãos sorridentes: «Faço o que devo a Abril; Abril que faça o que nos deve» — caso repetido posteriormente por mais de um pisaflores.

O mesmo galan contou uma vez todo alvoroçado, no Terreiro do paço, aos que o seu bom humor surprehendia, que finalmente conseguira enternecer D. Guiomar a ponto de ella lhe dar uma... figa! —

Em outra occasião, vendo um pobre, satisfeito de cebolla e pão, exclama em voz alta, afim de ser ouvido da que desprezava a sua pobreza, e das mais damas que distinguia á janella: «Homem, pelo amor de Deus, vae dizer a D. Guiomar quam pouco basta para passar a vida!»

O Conde do Vimioso, depois de D. Simão o melhor dizedor da

côrte, media armas constantemente com o de Redondo que costumava fallar um pouco alto, gesticulando: — «Senhor, vamos, porque dirão que estamos fazendo versos.» «E nós diremos que elles não os fazem» eis um dialogo dos dois que tambem teve nos seculos subsequentes diversas edições, melhoradas.

D. Manoel de Portugal, censurado pelas excessivas finezas com que fazia a côrte a D. Francisca de Aragão, ao avistá-la na azoteia de uma torre alta, citou o verso biblico: *Altissimum posuisti refugium meum.*

Mas basta de anedotas. <sup>232</sup> Entremos nas salas e jardins do paço. Não me aventuro a phantasiar um sarau joannino — digamos antes, um serão camoniano — delineando as figuras gloriosas da idade aurea, entre damas e cavalleiros, porque o quadro é vasto demais <sup>233</sup> para as acanhadas dimensões d'este estudo. Eis apenas alguns apontamentos historicos que no futuro poderão servir de elementos para uma descripção eloqüente e colorida da vida aulica. Começo com uma pequena nota de um testemunho classico:

«Ao domingo seguinte (6 de Junho de 1552) teve el rey serão real em que os cavaleyros do torneio vieram vestidos muyto galantes, e alguns dançaram com as damas, em recompensa de seus trabalhos, o que antre Portugueses he de tanta estima, que nenhum trabalho temem nem receam por conseguir este desejado premio. E no cabo do serão apresentaram os juizes suas sentenças dos preços do torneio.» <sup>234</sup>

Estavam em voga as graves galhardas e as pavanas. <sup>235</sup> Nas bodas do Duque de Aveiro com D. Juliana de Lara, a nossa Infanta dançou com o Infante D. Luis. <sup>236</sup> Já mencionei o mestre de bailados do seu paço, certo Antonio do Valle. <sup>237</sup> D. Leonor, sua mãe, tinha fama de ser uma grande dançadeira. <sup>238</sup>

Depois da dança, a musica. João de Barros falla da paixão de D. Maria pela divina arte, e dos seus exercicios assiduos. <sup>239</sup> Entre as musicas da côrte, ao serviço das filhas de D. Duarte, as mais festejadas eram Caterina da Costa, Leonor da Costa, á qual o muito fidalgo camareiro do Infante mandava trovas suas (entendo, texto e musica, tudo da sua propria lavra) para ella as cantar; <sup>240</sup> e certa Maria de Parma, grande mestra e figura formosa, de voz divina que foi exaltada pelo mesmo fidalgo:

*Dos olhos e dos ouvidos  
quando vos ouvem e vos vem  
igual gosto as almas tem.* <sup>241</sup>



Essa ainda era lembrada em 1633 pelos cantores e correspondentes de D. João IV como *milagre da natureza*.<sup>242</sup>

Muito mais estimada do que a dança e o canto, artes eminentemente sociaes, foi comtudo a poesia. A preferencia era dada naturalmente aos generos ligeiros da escola velha. Conservam-se versos talhados então em pedra<sup>243</sup>, cortados em arvores<sup>244</sup>, inscriptos em folhas d'era<sup>245</sup>, certamente na epoca estival, durante alegres merendas em Santos-o-Velho e em Sintra. Versos gravados em pedras de beijoim.<sup>246</sup> Versos lançados nos aposentos das damas<sup>247</sup>, hoje de amor, amanhan de escarneo. Versos sem conto para Livros de Memoria, Cancioneiros ou Albuns.<sup>248</sup> Innumeros vilancetes em louvor de damas, homenagem em geral de um só galan, mas freqüentemente collaborados por uma sociedade de cortesãos. Temos p. ex., além das estancias ás damas da Rainha no *Canto de Orfeo*<sup>249</sup>, uma composição ás oito predilectas da soberana<sup>250</sup>, que estavam resolvidas a acompanhá-la a Castella; um *Receo de louvor* em honra de D. Margarida da Silva, composto por trinta e seis fidalgos; outro a uma innominada<sup>251</sup>; e uma symphonia de quarenta instrumentos á Pascuala de Pedro de Andrade Caminha,<sup>252</sup> grande empresario d'estes divertimentos. Uma legião de motes, escolhidos pelas damas, servia para os seus servidores adivinharem e explicarem em quintilhas e decimas ora, engraçadas ora profundas, o *entendimento*, ou seja a *tenção* que ellas, as proponentes, lhes ligavam.

Um dia, alguma que a sorte havia em qualquer jogo de espirito designado para inspiradora — digamos D. Catharina de Ataíde, proferiu o thema:

*Olvidé y aborreci*

fitando o amado.

E o Camões, fingindo de repentista, replicava:

*Ha-se de entender assi :  
que desde os di mi cuidado  
a quantas huve mirado  
Olvidé y aborreci.*<sup>253</sup>

Outra vez é D. Francisca de Aragão que escreve a lapis num bilhetinho perfumado a regra: *Mas porém a que cuidados*, (sem pontuação elucidativa, bem se vê) resuscitando por esse meio o magno poeta que ella, por um amuo qualquer, havia enterrado no esquecimento durante alguns dias, favorecendo ostensivamente a D. Manoel de Por-

tugal, ou ao privado do Senhor D. Duarte. Regra tal que o Camões lhe deu tres entendimentos, accompanhados de uma cartinha primorosa. *Se forem bons, é mote de V. M., se forem maos são as glosas minhas.* <sup>254</sup>

Innumeras trovas ha relativas a successos e accidentes occorridos na sala dos Serões ou nos gynecos da côrte.

Em geral não levam indicação do nome da dama. <sup>255</sup> Sirva de exemplo, por bons motivos que logo se revelarão, uma que faz excepção á regra, pois leva o subscripto *A. D. Guiomar de Blasfé, queimando-se com huma vela no rosto :*

*Amor que todos offende  
teve, senhora, por gosto  
que sentisse o vosso rosto  
o que nas almas acende.*

A juntar-se a Terpsichore, Erato, Polyhymnia, Euterpe, ou a substituí-las, porque a variação deleita, descia ás vezes do Parnasso ás salas da Ribeira, Thalia, a gentil musa da comedia. Possuimos um epigramma a uma menina que em traje de cavalleiro, de capa e espada, *matante de olhos e graça*, havia feito o papel de *Matante*. <sup>256</sup> As damas haviam representado uma comedia entre si, amestradas — a hypothese é licita — por Paula Vicente, mas não em reclusão tão absoluta, que o Camareiro pelo menos não as tivesse visto e admirado, se elle tudo esquadrinhava!

Nesses ensejos, e mesmo nos verdadeiros saraus, algumas damas versejavam tambem. Lembro aquella Leonor de Mascarenhas que deu a replica a Bernardim Ribeiro e Sá de Miranda, nos tempos de D. Manuel e D. Leonor. <sup>257</sup> Os motes, apresentados sempre como inspirações livres, tal-qual os improvisos dos cantadores e das cantadeiras, eram ás vezes momentaneas, ás vezes adaptações e variantes de outras composições conhecidas, ás vezes simples repetição de um proverbio, ou fragmento de outra canção.

Pena é que tantas coisas de folgar e gentilezas pertençam ao rol das perolas perdidas!

E a Infanta?

Já sabemos que era pouco expansiva. Receando indiscrições preferia ouvir e callar. Obrigada a pairar intangivel nas alturas, acceitava homenagens e galardoava talentos. Comprehende-se bem que, mesmo muito nova, desdenhasse entrar em concorrência com as mais damas, a não estar certa de *merecer* a palma. Quando muito, faria entrever que, se quisesse, bem poderia ter levado de vencida as

curiosas dilettantezinhas que se ufanavam de saber rimar e inventar motes, quadras, trovas.

Uma vez, quando as intimas a importunavam com pedidos reiterados para que tomasse parte num torneio poetico, replicou, com voz melodiosa, mas bastante decidida:

*Se soubera fazer trovas  
de que me satisfizera . . .  
inda assim as não fizera.* <sup>258</sup>

Podia ser d'ella o famoso suelto: *no tan simple que no haga una, ni tan loca que haga dos* <sup>259</sup>, ou o aphorismo: *hacer una es entendimiento; y muchas, parto de necedad.* <sup>260</sup>

Verdade é que apesar d'estas recusadas formas não se livrou totalmente de ver o seu nome em cançioneiros de mão. <sup>261</sup> Um cantar *alheio*, por ella entoado em triste solidão, e colhido de ouvido por algum aulico, logo passava a ser assente como obra «da nossa Infanta», em cadernos de lembranças, sendo tresladado, repetido, glosado, cantado em todo o paiz.

Sei de um, não posterior ao anno 1549, que encontrei consignado em uma *Miscellanea*, como desabafo melancolico *Da Infanta D. Maria que nunca teve dita para casar, sendo grande senhora*. E diz:

*Já não posso ser contente,  
tenho a esperança perdida.  
Ando perdida entre a gente,  
nem mouro, nem tenho vida.* <sup>262</sup>

Sei tambem de diversos lyricos de boa veia que paraphrasearam esta copla, julgando-se «vencidos da vida», em momentos de tristeza. Dois são magnates coevos: o velho conde de Vimioso e Francisco de Sá de Meneses. Outro é um anonymo do Cancioneiro de Evora. Seguem poetas de profissão: Luis de Camões e seu emulo, o suave cantor do Lima, Diogo Bernardes. Além d'essas posso apontar glosas de seiscentistas como Francisco Rodrigues Lobo na sua *Primavera*, e Simão Machado, na interessante peça magica *Alfea*. Todos elles sem nomearem a Infanta, fallando apenas de um *Mote alheio*. Emquanto não se descobrir um nome de auctor, anterior á Infanta, não é illicito todavia propagar a quadra como da sua lavra, tendo em conta de obra de D. Maria tambem a Volta seguinte, que é anonyma e falla em nome de uma mulher:

*Nem descanso, nem repouso,  
Meu mal cada vez sobeja;  
O que a minha alma deseja  
Não posso dizer nem ousar.  
Assi vivo descontente,  
De assaz dôr entristecida.  
Ando perdida entre a gente:  
Nem mouro, nem tenho vida.* <sup>263</sup>

Passo a dizer duas palavras da razão, obvia, porque tantos lyricos lusitanos se abstiveram de offerter versos profanos á Infanta. Não significa de modo algum que era fria, soturna, sem alma e coração, *bas-bleu* desengraçado. A discricção dos poetas, o rigor da etiqueta que vigorava no paço, emfim a nobre altivez da filha de D. Manoel que, igual nisso á Imperatriz D. Isabel, pretendia ser senhora do mundo — *Ou Cesar ou cessar* — inhihiam toda a familiaridade.

*Beseligend war ihre Nähe  
Und alle Herzen wurden weit;  
Doch eine Würde, eine Höhe  
Entfernte die Vertraulichkeit.*

Mais do que a sua alta gerarchia, o seu estado obrigava á reserva.

Casasse! sahisse do reino ou morresse antes do tempo! e os vates todos teriam, na tuba canora ou flauta agreste, desafojado o fervoroso amor que lhe dedicavam, amor que transparece mesmo das obras serias em que os eruditos prestaram homenagem ao seu saber, apresentando-a ao publico em companhia das mestras latinas, cercada de *dueñas*, assistindo na Universidade a sessões solemnes. O mesmo affecto transparece dos escriptos em vernaculo em que *Forge de Montemór* a desenha estrella, mas não sol no firmamento portuguez, ou *Jorge Ferreira de Vasconcellos* a mostra em dependencia dos reinantes. Comparando os reis a Jupiter e Juno, este ultimo continua dizendo na já citada descripção do torneio de Xabregas: «e pera mais semelhança tinham a seu lado a Infanta D. Maria que se mostrava a formosa Minerva, com que pode contender, com devida confiança, assi em rara gentileza e subtil engenho, como em toda outra sobre-humana perfeição.»

Mas, dirão os lidos, então não é factio que *Luis de Camões* dedicou versos á Infanta?

Em primeiro logar, os versos que é uso interpretar nesse sentido — um Soneto funebre e um Poema sacro — se lhe fossem dedicados, não destruiriam, antes confirmariam o que deixo dito.

Em segundo logar, no Soneto o Poeta não chora a morte d'ella; o Poema sacro não é criação de Camões; a glosa ao Mote da Infanta a que já alludi, talvez nem seja d'elle, mas antes de Diogo Bernardes.

Historiemos os factos.

Até 1685, não houve quem conhecesse versos consagrados pelo cantor dos Lusíadas a D. Maria de Portugal. Só d'então para cá correm sob esta gloriosa bandeira.

Quanto ao Soneto, para desauthorizar a lenda, basta lermo-lo, na redacção primitiva:

*Que levas, cruel Morte? — Hum claro dia.  
A que horas o tomaste? — Amanhecendo.  
Entendes o que levas? — Não entendo.  
Pois quem to faz levar? — Quem o não entendia.  
Seu corpo quem o goza? — A terra fria.  
Como ficou sua luz? — Anoitecendo.  
Lusitania que diz? — Fica dizendo:  
Emfim não mereci dona Maria!  
Mataste quem a viu? — Já morto estava.  
Que diz o Amor? — Fallar não ousa.  
E quem o faz callar? — Minha vontade.  
Na côrte que ficou? — Saudade brava.  
Que fica lá que ver? — Nenhuma cousa!  
Mas fica que chorar sua beldade.* <sup>264</sup>

Incluida desde 1598 nas edições das Rimas camonianas, e nunca encontrada em manuscriptos ou impressos com attribuição a outro poeta, devemos aceitá-la como obra de Camões.

Mas nem por isso ficamos sabendo quem é a *dona Maria* da oitava regra. Evidentemente uma *menina*, que deixou saudades na côrte portugueza, repentinamente privada da sua gentil presença. Flor cortada antes do tempo. Um *claro dia* que se apagou *amanhecendo*.

A Infanta pelo contrario, fechou os olhos aos cincoenta e sette, num crepusculo lugubre, quando indicios terrificantes denunciavam a catastrophe de Alcacer-Quebir.

Nas impressões antigas o soneto carece de epigraphe. Varios manuscriptos subsistentes, explorados pelo Visconde de Juromenha,

teem apenas a rubrica *A' morte de D. Maria*, abstrahida do texto, e que nada explica. Dois dizem porém explicitamente: *A' D. Maria de Tavora, Filha de Luiz Alvares de Tavora*. E essa Maria de Tavora, *Dama da Rainha D. Catharina*, bella entre as mais bellas, morreu de facto de pouca idade, e inesperadamente, sendo chorada por mais de um poeta aulico — como Pedro de Andrade Caminha <sup>265</sup> e Felipe de Aguilar (Bocanegra), <sup>266</sup> tio da Natércia do Camões.

Isso basta, creio. Resta explicar quem se lembrou de affirmar que *dona Maria* era a Infanta dos Serões e de retocar o soneto neste sentido, pondo *a gran Maria* <sup>267</sup>. Quem, senão o phantasiioso Faria e Sousa? fecundo polygrapho, colleccionador incansavel, e um benemerito como commentador e biographo de Camões, apesar dos gravissimos senões que deturpam a sua physionomia porque *in maiorem Camonii gloriam* attribuia ao seu poeta todas quantas poesias quinhentistas, editas ou ineditas, podiam fornecer mais uma nota para a *Vida*, mais uma pedra preciosa engastada na sua corôa de poeta? editor sem consciencia que emendava os textos a sabor do seu gosto e dos seus fins?

Avido de relacionar o Poeta com reis, principes e magnates, Faria e Sousa resolvera attribuir-lhe um poema sacro que um dos melhores quinhentistas, e por isso um dos mais saqueados e calumniados, havia offerecido á Infanta. Para authenticar a novidade precisava provar relações entre Camões e a princesa. Eis o motivo que o levou a transformar o soneto *A' morte de D. Maria de Tavora* num *Soneto á morte da Infanta D. Maria*, o qual soneto pela sua vez serviria para tornar aceitavel as suas affirmações sobre o Poema. Um circulo viciosissimo, como se vê. Um genio independente, fegoso, altivo como o creador da epopeia nacional, certamente levantava a voz apenas quando o furor divino o impellia, e não honrava, depois de morta, uma dama que não tivesse venerado com affecto sincero em quanto vivia. De mais a mais, em 1577, nos ultimos arrancos seus e da nação, e na linguagem que vimos. <sup>268</sup>

O caso do *Poema* é mais complexo.

Diogo Bernardes havia publicado no anno 1594 — note-se bem, 14 annos depois da morte de Camões, e 17 depois do fallecimento da Infanta! — num volume inteiro de versos sacros, seus, intitulado *Varias Rimas ao Bom Jesus* — uma *Historia de Santa Ursula*, dirigida á Infanta D. Maria, conforme manifesta na oitava quarta:

*Serenissima Infante, produzida  
Do grão Tronco Real, sublime planta,  
No titulo, nas obras e na vida  
Retrato natural de Ursula Santa, <sup>269</sup>  
Desta virgem, tambem de reis nascida,  
Ouvi com ledo rosto o que se canta.  
Dae o sentido um pouco a tal sogeito;  
Não tire o preço d'elle o meu defeito.*

Obra bem feita é, mas de modo algum genial.

No Soneto que o acompanha, o suave Diogo allude a uma fraude ou intriga, um *vil engano* que prendeu e demorou o poema numa primeira redacção, ainda não bem limada, nas mãos de um *tyranno*, roubando-lhe a honra de ser conhecido, aceite, estimado e remunerado como auctor. Isto obrigou-o a offertar novamente á Infanta outra copia mais castigada.

O critico allemão julga que houve intercepção e desvio intencional do manuscrito. E a suspeita tem fundamento. Não só as cabeças de motes, mas até todos os versos destinados ás Damas, corriam por muitas mãos antes de chegarem ao seu destino. Confiados á camareira-mór que os passava ao mordomo eram entregues á destinatária que os levava á Rainha, a qual finalmente abria o rolo e os fazia ler! — Impertinentes cerimoniaes de que se queixa o auctor da *Arte de Galanteria* <sup>270</sup>. — Com relação á Infanta, creio porém que o processo era directo?

Seguindo á risca o teor das expressões empregadas por Bernardes, adopto parecer diverso. De duas uma. Maliciosamente suprimido foi apenas o nome do auctor (que imagino inscripto numa folha especial em carta-dedicatoria) e não a poesia inteira. Esta chegou anonyma ao seu destino, foi aceite, agradou, e suscitaria por ventura apostas entre as damas, sobre o artifice de tão bellas oitavas. Ou então, o poema, ainda não levado ao ultimo apuro, foi prematuramente apresentado á Infanta por um desconhecido, zeloso em demasia, a quem Bernardes o havia confiado. <sup>271</sup>

Inconfidencias e curiosidades d'amigos eram freqüentes. Muitos auctores de raça latina queixaram-se, porque escritos seus sahiram a lume sem a sua licença, clandestinamente. Penso no *Cortigiano* de Baltasar Castiglione <sup>272</sup>; e penso na *Hispaniola* de Maldonado <sup>273</sup>.

Deixando de parte estas minhas ideias sobre os «erros» do Poema de Santa Ursula, direi que Faria e Sousa, o qual farejava furtos e plagiatos em toda a parte, mal ouviu a palavra *roubada*, quando transformou o acontecimento á sua maneira. Bernardes, de roubado

passou a ser roubador. Opinando que versos tão limpos, altos e affectuosos não podiam ser senão do Principe dos Poetas, reivindicou para este o direito de propriedade. E para que ninguem se maravilhasse de que durante meio seculo não houve quem desse pela falsidade de Bernardes, principiou afoitamente o seu libello com uma summaria declaração, absolutamente gratuita «bebida no ar», segundo o dicto allemão, affirmando que «sempre foi opinião constante dos que sabiam julgar de estylos que as Oitavas á Santa Ursula foram escriptas por Luis de Camões», mas que elle Faria, profundo conhecedor de mais de quatrocentos poetas, não precisava attender aos dizeres de ninguem para reconhecer a garra do leão no dito Poema. Está claro que o transformou e «melhorou» a seu bel-prazer. <sup>274</sup>

Fechando o parenthese, em que tentei desarreigar falsas convicções, vou finalmente nomear a dama que, pertencendo ao paço da Infanta, constituiu um elo pessoal e directo entre a Academia das eruditas e o Poeta, durante o curto periodo da sua aceitação na aula regia, isto é entre 1543 e 1549, antes do desterro a Ceuta, motivado pelos seus desmandos.

Fallo de D. Guiomar de Blasfé (Blasfeldt), a gentil donzella que ao ligeiro accidente de ter queimado as pestanas e a face com uma vela de cera, deve a gloria de ter sido cantada pelo grande artista lyrico, em duas composições diversas. E' a primeira um Soneto galante e culto:

*O fogo que na branda cera ardia,  
vendo o rosto gentil que na alma vejo,  
se acendeu d'outro fogo do desejo  
por alcançar a luz que vence o dia.*

*Como de dous ardores se encendia,  
da grande impaciencia fez despejo  
e remetendo com furor sobejo  
vos foi beijar na parte onde se via.*

*Ditosa aquella flamma que se atreve  
apagar seus ardores e tormentos  
na vista de que o mundo tremer deve!*

*Namoram-se, Senhora, os elementos  
de vos, e queima o fogo aquella neve  
que queima corações e pensamentos. <sup>275</sup>*



A segunda é o Mote anteriormente citado, cuja volta diz:

*Aquelle rosto que traz  
o mundo todo abrasado,  
se foi da flamma tocado,  
foi porque sinta o que faz!  
Bem sei que Amor se lhe rende;  
porém o seu presupposto  
foi, sentir o vosso rosto  
o que nas almas acende.*

Ambas, puramente affectuosas, sem ironias nem allusões ao sentido metaphorico da phrase que tão bem quadrava a uma discipula de Luisa Sigee e Joanna Vaz, mostram que as graças reinavam conjuntamente com as musas no palacio de D. Maria.

Neta de Francisco de Guzman e de D. Joanna de Blasfé, que serviu de amiga maternal á Infanta desde os seus mais tenros annos, D. Guiomar foi creada no paço da Infanta, <sup>276</sup> como o fôra sua mãe, D. Maria Guzman. Com D. Francisco Coutinho, o pae, aquelle illustre Conde do Redondo, que governou a India de 1561 a 1564 (um dos homens de sala mais gabados e de que correm uma infinidade de dictos alegres, um dos quaes contei ao leitor), sustentou o Camões expatriado relações intimas. A elle dedicou por tres vezes trovas de folgar <sup>277</sup>; uma vez a glosa de um Mote significativo que o proprio Conde havia apontado ao Poeta <sup>278</sup>; e além d'isso uma bellissima Ode. <sup>279</sup>

Em vista d'esta pequena descoberta <sup>280</sup>, alguns tenues indicios, que sem ella de nada valiam, ganham superior importancia. Considero como taes a paraphrase anonyma do Mote que attribuo á Infanta: *Já não posso ser contente*. Duas composições sobre o thema popular:

*Perdigão perdeu a penna,  
não ha mal que lhe não venha,*

applicado, se a tradição não mentir, a D. Jorge da Silva e á sua lendaria paixão pela Infanta. Em terceiro logar, certas voltas de Camões a dois themas diversos, colhidos, sem duvida alguma, durante o periodo aulico, num livro portuguez, dedicado a D. Maria por um seu devoto fervoroso, e muito lido, não só no circulo das suas damas, mas especialmente na casa em que o Vergilio lusitano vivia em Lisboa.

Fallo do *Palmeirim de Inglaterra* de Francisco de Moraes,

familiar no paço dos primeiros e segundos Condes de Linhares, avós e paes de Antonio de Noronha.

Importante como a melhor novella de cavallaria que a peninsula produziu no seculo XVI, a ponto tal que o auctor do D. Quixote a quis salvar num escripto de ouro contra o auto de fé geral, o *Palmeirim de Inglaterra* tem valia e significação para nós por ser a unica obra decididamente romantica, de phantasia, em prosa vernacula, entremeada de versos de amor, que um cortesão de D. João III consagrou á Infanta, ainda na primeira metade da sua vida.

O auctor, Francisco de Moraes, na sua juventude moço fidalgo em casa de D. Duarte,<sup>281</sup> entrou, provavelmente no anno da morte do Infante, como secretario no palacio de D. Francisco de Noronha e D. Violante de Andrade (desde 1556 Condes de Linhares). Mais tarde fraternizou provavelmente com Luis de Camões, amigo e mentor dedicado do primogenito, Antonio de Noronha, que já conhecemos como um dos mantenedores do Principe no Torneio de Xabregas, e como namorado de D. Margarida da Silva. Na opinião solidamente fundamentada de W. Storck, a qual faço minha, até foi seu preceptor e aio.

Em 1541, D. Francisco de Noronha, enviado a França como embaixador de D. João III, levou consigo a Francisco de Moraes.<sup>282</sup> Na côrte galante de Francisco I estacionou tres a quatro annos<sup>283</sup>, em intimo convivio com as mimosas del rey e as damas da Rainha Christianissima, de quem recebeu favores. Em Paris, Fontainebleau, Melun, Dijon teve ensejo de estudar habitos e costumes exóticos que, parecendo-lhe completamente novos e muito divertidos, transformaram o seu credo ethico, «que cá parece muy bem o que na nossa terra não parece assi.<sup>284</sup>» Tanto assim que, embora estivesse em idade já desviada de pensamentos ociosos, ardeu em violenta paixão por uma das formosuras parisienses, figura historica á qual Clément Marot dedicou uma das suas *Etrennes*<sup>285</sup>. Mas a paixão foi infeliz. A dama preferiu o Duque de Châtillon ao inflammavel fidalgo portuguez. A historia d'estes seus amores com Madame Torsi<sup>286</sup> forma um delicado episodio no *Palmeirim*, que então estava elaborando, e deu assumpto ainda para uma ingenua confissão publica: *Desculpa de uns amores que tinha em Paris com huã dama frãcesa da Rainha D. Leonor por nome Torsi, sendo portuguez, pela qual se fez a historia das damas frãcezas no seu Palmeirim.*<sup>287</sup>

De volta a Portugal, Moraes consagrou a sua novellesca creação (em manuscripto, ou mais provavelmente numa primeira impressão promovida em França<sup>288</sup>) á Infanta, então noiva do Duque d'Orleans. Na carta-dedicatoria recorda as mercês que ali recebeu de

D. Leonor, a obrigação em que lhe ficou, e relata á filha como até nos reinos estranhos e mais remotos ella havia logrado nome e fama de casta e culta.<sup>289</sup>

Sem duvida a Novella foi avidamente acolhida pela Infanta e suas donzellas, quer conhecessem, ou não, os textos castelhanos do *Amadis*, do *Palmerin de Oliva* e do *Primaleon*. O *Clarimundo* português, por João de Barros dedicado a D. João III, e fragmentos da Segunda *Tavola Redonda* que outro servidor do Infante D. Duarte, o tantas vezes citado Jorge Ferreira de Vasconcellos, destinava ao pequeno Principe, deviam ter aguçado o apetite.

Como todos os viajantes que voltavam de França, onde se haviam aproximado da Rainha D. Leonor, Moraes soubera insinuar-se no espirito da Infanta pelas novas que trazia, descripção artistica da côrte, caracterização viva e colorida dos principaes personagens, e uma infinidade de contos, discreta e agudamente narrados.

Durante semanas as aventuras tanto do fidalgo e poeta namorado, que havia sustentado lá fóra a fama do typo nacional, como os feitos de D. Duardos e D. Florendos, e a esquivez de Miraguarda, no castello de Almourol, alimentavam de certo a imaginação do cenaculo. Reunidas na bibliotheca, ou na sala de lavor, emquanto a Infanta e as suas damas bordavam custosos paramentos, dando côr e vida ás linhas traçadas por Francisco de Hollanda, as latinas Luisa e Joanna, e as musicas Angela e Paula revejavam-se na leitura do *Palmeirim*. Acabado um capitulo, começava a discussão das bellezas litterarias. Os merecimentos dos heroes como amadores e cavalheiros leaes eram ponderados. Paula lembrava as formosas tragedias de *D. Duardos* e do *Amadis de Gaula*, em que o pae havia dramatizado a quintessencia dos apreciados livros de cavallaria, e entoava no fim o romance de Flerida:

*En el mes era de Abril,  
de Mayo antes un dia,  
cuando lirios y rosas  
muestran mas su alegria,*

romance que tanto havia agradado á Infanta quando, menina e moça, o ouvira pela primeira vez em 1533, e que já então passára á rua, e de Portugal a Hespanha.

D. Guiomar de Blasfé, ou uma de suas irmans (quer fosse D. Isabel Henriques, quer D. Juana de Guzman) desafia a Infanta e as companheiras e amigas, como a gentil filha do marquês de Villareal, a do senhor de Villaverde, ou a neta do coudel-mór, a colher na

prosa de Francisco de Moraes motes novos para á noite intrigarem os vates e provocarem o seu estro no paço da Rainha.

D. Maria, sem nada manifestar, fixa a attenção em phrases singelas, tão rhythmicas que por si só são versos de redondilhas e se agrupam em trechos cantaveis, recolhendo dois:

*tenho a esperança perdida,  
não morro nem tenho vida* <sup>290</sup>.

Das damas, uma escolhe a elegiaca quadra *Triste vida se m'ordena*. <sup>291</sup> Outra dá a preferencia ao expressivo nome de *Miraguarda*, o qual inscripto no escudo de marmore junto á imagem da princesa, tanto dera que scismar aos cavalleiros errantes. <sup>292</sup>

Ambas apresentam jubilosas, no dia seguinte, o fructo da sua empresa: ligeiras voltas de Luis de Camões

*Vêr e mais guardar  
de vêr outro dia . . .  
quem o acabaria?*

sobrescriptadas: « Eis a *tenção* de Miraguarda (isto é o *entendimento*, a interpretação que eu, vosso humilde servidor, dou ao Mote que vós, Senhora me enviastes ». <sup>293</sup> E uma glosa apaixonada de *Triste vida se m'ordena*. <sup>294</sup>

Outras lá resolvem propôr aos ourives do paço scenas patheticas do livro de cavallaria para assumpto decorativo de salvas ou taças destinadas a serem entregues como lembrança á dama da Infanta que primeiro casasse. <sup>295</sup>

Ainda outras preferem bordá-las em ricas colchas e pannos de mesa. Sem genio inventivo, recorrem aos pintores da côrte, reclamando esboçetos, <sup>296</sup> e proporcionam assim a Francisco de Hollanda o ensejo sempre almejado de mais uma vez, em linguagem pitoresca, lhes expôr as suas theorias: a do *decoro*, a do *grotesco* ou humorismo na arte, exemplificando, com figuras caprichosamente compostas de elementos humanos, animaes e vegetativos; e depois ideias e experiencias pessoaes sobre a arte de *Tirar pelo natural* um retrato colhido de relance n'um esboçeto a *sanguina*; um panegyrico do Renascimento italiano; anedotas de Miguel-Angelo; amargas lamentações sobre o pouco apreço dado em Portugal á arte do Desenho.

Mas estas scenas intimas affastam-nos dos Serões, levando-nos ás salas annexas de estudo e labores e á bibliotheca da Infanta.

Entreabrindo a porta, o nosso olhar abrange de relance a sua

installação: pelas paredes quadros de familia e elegantes instrumentos de musica; nos vãos das janellas, cavalletes com pinturas principia-  
das e bastidores com trabalhos de agulha; arcas e estantes cheias de  
livros; e artisticamente espalhados pelas mesas, entre flores em jarras  
da India, manuscriptos com preciosas illuminuras, e volumes com  
sumptuosas encadernações. Adivinhamos ahi as obras-primas da  
literatura portuguesa, e em especial as que haviam sido dedicadas,  
por servidores dilectos, á Infanta, a suas damas e a diversos repre-  
sentantes da casa real <sup>297</sup>.

Quanto á primeira categoria, quem duvida que a erudita filha  
de D. Manoel possuísse tudo quanto sahiu, digno de nota, dos prelos  
patrios no primeiro seculo da arte de Guttenberg que em Portu-  
gal finda com a funebre data de Alcacer Quebir? obras eruditas e  
amenas, sacras e profanas, em linguagem e em latim, tanto em  
verso como em prosa: biblias, vidas dos santos e de Christo, cancio-  
neiros, dramas, poemas narrativos, livros de historia, novellas, ora-  
ções festivas e funebres, traducções e edições commentadas de clas-  
sicos latinos, grammaticas, dictionarios. Os *Autos* de Gil Vicente, as  
*Decadas* de João de Barros, os *Lusiadas*, para mencionar apenas tres  
titulos, de refulgente brilho <sup>298</sup>.

Quanto á segunda categoria, já conhecemos tantas que seria  
superfluo insistir <sup>299</sup>. Para marcar mais uma vez o contraste entre o  
caracter mundano das eglogas e novellas, dos poemas e discursos  
com que na sua idade juvenil a mimosearam os poetas e mestres au-  
licos, e o peso dos tratados graves e devotos que lhe foram offertados  
depois de 1555 (anno da sahida de Sigea) por sacerdotes eruditos,  
vou chamar a attenção do leitor para mais quatro volumes que  
ainda não tive occasião de mencionar.

Um é o *Memorial da Vida Christan* de *Frei Luiz de Granada*,  
o insigne prégador mystico, tão bem acolhido em Portugal, quando  
a Inquisição o perseguia em sua patria. <sup>300</sup>

O segundo intitula-se *Chronica da Ordem de Nossa Senhora do  
Carmo*, de *Frei Simão Coelho*. <sup>301</sup>

Compõem o terceiro as obras latinas, completas, do humanista  
italiano Cataldo Siculo, predecessor de Diogo Sigeo não só na se-  
cretaria dos reis mas tambem como preceptor da juventude cortesan  
em artes liberaes. Impressas graças aos cuidados de *Antonio de Cas-  
tro*, um dos seus melhores discipulos, da amisade de Corte-Real e  
André Falcão de Resende, foram por elle dedicadas á Infanta, com  
uma extensa introducção laudatoria <sup>302</sup>.

Finalmente temos um tratado douto e devoto sobre a *Trindade  
e a Fé*. Consagrado no seculo v da era christã por um bispo andaluz

a uma princesa virtuosa e de intelligencia mascula, a famigerada imperatriz Placidia, foi arrancado ás trevas cem annos depois por *Achilles Estaço*, celebre humanista, das relações de João de Barros, André de Resende e Damião de Goes — varão de qualidades taes que a elle e aos Gouveias devemos o adagio que «os Portugueses fóra da patria se esmeram no procedimento até não mais» — e remetido de Roma á Placidia moderna, cujos meritos eram respeitados e applaudidos mesmo nas margens do Tibre <sup>303</sup>.

## V



STAMOS chegados ao termo.

A Lenda, sempre mais indiscreta, mas muitas vezes mais humana do que a Historia — como acertadamente escreveu, com respeito a outra princesa portuguesa, um mallogrado historiador da dynastia brigantina — encarregou-se de romancear a memoria da sempre-noiva erudita. Já o deixei dicto na Introducção.

Como a Imperatriz D. Leonor, sobrinha do Infante, e filha de El-Rei D. Duarte, que inconscientemente enfeitiçou o Beato Amadeu <sup>304</sup>; como D. Isabel, outra Imperatriz e filha de D. Manoel, cuja formosura, num só dia, cadavericamente decomposta em ascorosa podridão, transformou um Duque de Gandia em asceta e santo; como D. Beatriz de Saboia que arrastou a um louco amor o sonhador da *Menina e Moça*, assim mesmo a Infanta D. Maria inspirou uma violenta paixão a um dos muitos fidalgos do paço que lograram ensejo de a admirar em festas diurnas e nocturnas — sempre, bem se vê, no dizer da fallaz e phantasiosa Dama-Lenda, verdadeira no primeiro caso; mentirosa nos outros dois, conforme está hoje provado <sup>305</sup>; e problematica com respeito á Infanta.

Eis o que ella conta:

«Jorge da Silva, filho terceiro do 4.º Regedor das Justiças, João da Silva, e irmão de Diogo da Silva, casou com D. Luiza de Barros, filha herdeira de João de Barros e de D. Philippa de Mello, de quem não teve filhos. Foi fidalgo de grandes brios e altivos pensamentos. Sendo moço namorou a Infanta D. Maria, filha de El-Rei D. Manoel e fez taes extremos, que, chegando á noticia d'El-Rei D. João III, irmão da Infanta, o mandou prender no Limoeiro, onde

esteve o tempo que pareceu bastante para seu castigo. A esta prisão e amores fez Luiz de Camões umas Voltas áquella cantiga velha

*Perdigão perdeu a penna etc.*

que começam:

*Perdigão que o pensamento etc. »*

Pelo teor, o leitor reconhece logo nessa vaga Lenda da Infanta uma tradição genealogica; motivo sufficiente para encará-la com certa desconfiança. E as suas suspeitas augmentarão, ouvindo que o trecho citado, unico conhecido, e sem confirmação em outras fontes não se acha em resenhas coevas, mas apenas na compilação tardia de um Nobiliarista anonymo; surgiu mais de um seculo após os factos e personagens a que diz respeito, para logo depois se sumir até nossos dias<sup>306</sup>. Ignota ou muito de proposito posta de parte, por todos os historiadores e biographos que tiveram de occupar-se da Infanta ou de Jorge da Silva<sup>307</sup>, a *Quarta Parte das Familias Nobres de Portugal*, preenchida pela ramificadissima arvore dos Silvas, foi manuseada exclusivamente pelo Visconde de Juromenha que aproveitou o trecho tresladado, como illustração ás Redondilhas de Camões<sup>308</sup>.

Certo é que o grande poeta lyrico, ao paraphrasear o adagio popular<sup>309</sup>, pensava em qualquer aventura, determinada, de amor: no vôo de Icaro de algum temerario moço palaciano que, menos calado, retrahido e circumspecto do que o Beato Amadeu, tornára publicos os seus mais secretos sentimentos, sendo por isso despenhado, de asas quebradas e ferido, do alto dos seus sonhos. Certo tambem, que a familia dos Regedores, e a dos Silvas de Portalegre, lhe era conhecida<sup>310</sup>. Mas nenhum manuscripto das Rimas indica como nome do apodado *Perdigão*, o de Jorge da Silva. Se realmente um — julgando que o amor como a morte iguala tudo — amou onde não devia, e não soube ou não quiz encobrir a sua paixão, tendo de soffrer as consequencias fataes de tão doce e tão louco engano d'alma, seguramente não foi o unico a quem se podiam referir as vagas condolencias de Camões. Hoje mesmo, á distancia de tres seculos e meio, sabemos de infelizes empresas amorosas de João Lopes Leitão, D. Antonio de Noronha, D. Antonio de Mendonça, D. Manoel de Portugal, Luiz de Camões, para citar apenas fidalgos que já apresentei ao leitor. — Quem nos diz que entre os olvidados não houve um da familia *Perdigão*?



Mas fosse quem fosse, ao Icaro, visado pelo Poeta, havia succedido, a meu vêr, apenas um desastre tragicomico, numa aventura galante de pouco alcance, como a de João Lopes Leitão e que não produziu profundo abalo psychico, de effeitos perduraveis. Tão lindamente ligeiras são essas voltas com os seus equivocos e trocadilhos banaes entre *pena* e *penna*, *ganhar* e *perder*, *açado* e *desasado* :

*Perdigão, que o pensamento  
Subiu a um alto logar,  
Perde a penna de voar,  
Ganha a pena do tormento.  
Não tem no ar nem no vento  
Asas com que se sustenha :  
Não ha mal que lhe não venha !  
Quis voar a uma alta torre,  
Mas achou-se desasado,  
E vendo-se depennado  
De puro penado morre.  
Se a queixumes se soccorre,  
Lança no fogo mais lenha :  
Não ha mal que lhe não venha ! <sup>311</sup>*

Pelas circumstancias da vida, assaz conhecidas, e pelo character de Jorge da Siva, delineado por muitas pennas, nada de decisivo se apura <sup>312</sup>. Como seu pae, o *Regedor* por excellencia, que, durante quarenta annos, administrou as Justiças de Portugal e, como seus irmãos e sobrinhos, Jorge da Silva era da confiança de D. João III e da Rainha D. Catharina, a qual tentou garantir-lhe, em 1557, o cargo de *Regedor* <sup>313</sup>. Um dos mais graduados no serviço do Principe D. João <sup>314</sup>, entrou, após alguns annos de abstenção, no Conselho de D. Sebastião, a quem serviu até á hora da morte. Acompanhando-o na ultima jornada, não obstante a sua idade avançada, ficou sepultado nos areaes adustos de Alcacer-Quebir <sup>315</sup>, longe do logar que lhe competia em S. Marcos de Tentugal, no admiravel Pantheon dos Silvas-Regedores <sup>316</sup>. Varão de rara inteireza, e virtuosissimo, chamado « servo de Deus », « pae dos pobres » pela sua estremada caridade e insigne clemencia, havia assistido aos ultimos momentos de D. João III, ajudando-o a bem morrer <sup>317</sup>. Escriptor apreciado, compôs *Homilias*, *Tratados* e *Poemas sacros*, muitas vezes impressos, lidos com tal afan que os exemplares subsistentes são raridades <sup>318</sup>.

Todos esses titulos e essas virtudes, claro, não põem embargo a que na sua mocidade se apaixonasse por uma Infanta. Podiamos

mesmo considerar a sua mystica fugida da côrte, realizada antes de 1549, segundo chronistas coevos <sup>319</sup>, e sua actividade como escriptor devoto <sup>320</sup>, conseqüencia de um profundo desgosto e de uma crise affectiva. Mas ainda aqui, varias difficuldades inhihem-nos de ceder á tentação.

Se um homem de bem como Jorge da Silva casou <sup>321</sup> — ignoro quando, mas pela idade d'elle e dos sobrinhos calculo seria antes de 1540 — se morreu sem successão, quem nos garante que não foi a maior dôr humana, — a perda da mulher amada e de filhos dilectos — que o deprimiu e santificou?

Collocando a sua mocidade entre 1526 e 1540 <sup>322</sup>, noto que mesmo nos primeiros momentos do escasso decennio em que o genio de Luis de Camões illuminava a côrte (1544 até 1549; ou 1543 até 1553 se quiserem estender o prazo o mais possivel), a Infanta já contava mais de quatro lustros, passando dos trinta o supposto amator. Ambos deviam por isso ser, não lhes parece? tanto pela sua categoria como pela sua indole peculiar, superiores não a ternos e profundos affectos, mas a loucos devaneios e atrevidas galanterias, que merecessem reparos e castigos dos soberanos?

Em terceiro logar, se foram precisas medidas severas, como se concilia e entende então que um dodivanas, capaz de manchar, levemente que fosse, a honra de uma filha de D. Manoel, continuasse dentro do paço, com entrada franca na Camara do Principe? Num reinado em que era costume desterrar da côrte para os campos de batalha da Africa, ou para a India, os moços-fidalgos arrebatados de paixão, como João Lopes Leitão, D. Antonio de Noronha, Luis de Camões? a não ser que livremente tomassem o habito, como D. Antonio de Mendonça.

Reservei para o fim a objecção principal. Já sabemos que até 1543 coexistiam na côrte portuguesa duas Infantas, de nome Maria. Do mesmo modo havia entre os moradores da côrte, outro Jorge da Silva <sup>323</sup>, além do filho do Regedor. Esse, dos Silvas de Portalegre (que já conhecemos como parentes dos condes de Linhares <sup>324</sup>, em cuja casa Luis de Camões vivia), irmão alem d'isso de uma dama da Rainha <sup>325</sup>, expiou, é certo, após assaz longa detenção na Torre de Belem, delitos graves que os reis não lhe queriam perdoar; batalhou depois nos campos africanos, e foi morrer em Mazagão! Isto no anno 1544. Os historiadores e genealogistas registam como origem do desfavor regio as suas relações com o celebre cardeal D. Miguel da Silva, seu tio «a quem el-rey tinha desnaturalizado <sup>326</sup>». Alguns relacionam o caso todavia com a outra Infanta D. Maria, filha dos reinantes, contando com discrição, que só ás supplicas d'ella, no

momento em que com apenas dezaseis annos, sahia de Portugal para casar com Felipe II (1543), deveu Jorge da Silva a permutação da pena maior em desterro <sup>327</sup>.

Nos caminhos arriscados e sempre tortuosos da hypothese é raro acertarmos. Mas d'esta vez, o tempo, o nome, o infortunio concorda tão perfeitamente que é justo perguntar, se as relações illicitas com D. Miguel da Silva não seriam mero pretexto, sob o qual se escondem loucuras de paixão d'esse Jorge da Silva (Portalegre)? O auctor tardio, explorado pelo visconde de Juromenha, confundiu-o nesse caso com o seu muito mais notavel homonymo, o ancião morto em Alcaccer-Quebir.

Quanto á nossa Infanta, é natural que nova, bella, cheia de espirito e amavel, exercesse tambem certa seducção mundana sobre os moços-fidalgos da côrte. Um sorriso benevolo, um lampejo de luz nos olhos geralmente serenos, uma suave commoção na voz bem timbrada, ao pronunciar palavras de agradecimento, seriam de longe em longe a recompensa de acções nobres, feitos cavalheirescos praticados, ou de versos sublimes escritos em sua honra; resposta digna e recatada á admiração submissa, manifestada ora por rubores ou pallidez, ora pelo emmudecer de uma boca geralmente buliçosa. Galanteios exagerados não podiam, porém, ser do seu agrado. Uma grande reserva, seu justo orgulho de filha e irmã de reis protegiam-a, como couraça impenetravel, contra a paixão dos outros, e os impulsos do proprio coração. Como D. Leonor, a gentilissima irman de D. Affonso V, venerada casta e occultamente por João Amadeu da Silva, podia dizer de si, com a Beatrice do Dante:

*Io son fatta da Dio, sua mercê, tale  
Che la vostra miseria non mi tange,  
E fiamma d'esto incendio non m'assale.*

\*

\* \*

Não faltará quem, á procura de aphorismos sobre o « proveito de tanta erudição », goste de vêr levantada numa especie de epilogo essa questão *utilitaria*?

A meu vêr, esse proveito é positivo.

Quanto ao mundo, é factó que em litteratura a Infanta não lhe legou nada que perdurasse. Mas nem por isso os seus estudos foram estereis.

Aos coevos deu um exemplo luminoso de abnegação e força d'alma; inspirou poetas e sabios; instigou a imitá-la as princesas e damas da côrte.

Aos posteros deixou valiosissimas instituições de educação e beneficencia, algumas das quaes ainda subsistem, embora modificadas.

Varias disposições do seu testamento revelam a superioridade do seu espirito. Especialmente os seus carinhosos desvelos pela saude, o bem-estar, e a boa direcção das religiosas e dos collegiaes aos quaes edificou casas, mostram como o muito saber, longe de paralyzar as virtudes femininas da sua psyche, lhes serviu apenas de directriz pratica <sup>328</sup>.

Quanto á propria Infanta, os fructos ideaes que colheu não foram de menos preço.

A filha do Rei Venturoso era uma infeliz, uma victima. Como grande parte das mulheres, talvez mesmo a maior parte, pertence ao numero das sacrificadas — sacrificadas a interesses alheios, ás conveniencias politicas dos que se consideravam seus senhores e tutores naturaes.

Bem inspirado foi portanto o amor materno que, não podendo torná-la feliz, lhe proporcionou no trabalho intellectual desinteressado um elemento compensador — o melhor, ou antes o unico que existe.

A verdadeira cultura, excluindo ostentações pedantescas, obriga a uma longa e ardua iniciação, e leva-nos a esquecer o nosso pequenino eu. Quem estuda a serio já não se preocupa demasiadamente, num egoismo acanhado, da sua pessoa e do seu gozar. Quem estende a vista pelo universo, sente dilatar-se não só o seu intellecto, mas tambem o coração, e fica mais apto a comprehender tanto a humana pequenez como os deveres sociaes, e a cooperar na solução dos magnos problemas que agitam o mundo.

A primeira e infantil carta latina da Infanta revelou-nos as suas ideias e o seu intimo sentir a este respeito.

Estou a vê-la, meditando, absorta em qualquer leitura scientifica, erguendo o limpido olhar ao firmamento, para confessar que

do estudo ardente relampejam prazeres ideaes, feitos para as almas nobres: « *Il y a dans l'ardeur de l'étude des joies idéales faites pour les nobles âmes.* » <sup>329</sup>

Estou a ouvir-lhe benções

*ao doce estudo  
mais certo manjar d'alma emfim que tudo.*

para concluirmos com um conceito do magno Poeta que antecipou tudo quanto nós, modernos, pensamos.





## NOTAS

*Algumas marcadas de algarismos que não figuram no texto, são additamentos, juntados á ultima hora. Não é difficil encontrar o logar que compete ás Notas 107<sup>b</sup>, 126<sup>b</sup>, 149<sup>b</sup>, 160<sup>b</sup>, 164<sup>b</sup>, 197<sup>b</sup>, 215<sup>b</sup>, 216<sup>a</sup>, 225<sup>b</sup>, 250<sup>b</sup>.*

1 E' admiravel a arte com que o sempre practico Romano condensou, em seis palavras, todo um programma de economia domestica.

2 Damião de Froes Perim (anagramma de Frei João de S. Pedro), *Theatro Heroino, abecedario historico e catalogo das mulheres illustres em armas, lettras, acções heroicas e artes litterarias*, Lisboa, 1780.

3 Frei Luis dos Anjos, *Jardim de Portugal*, Coimbra, 1626.

4 Padre Manuel Tavares (servindo-se do nome de seu irmão Diogo Manuel Ayres de Azevedo), *Portugal illustrado pelo sexo feminino, Noticia historica de muitas heroínas portuguezas que floresceram em virtudes, lettras e armas*, Lisboa, 1735.

5 Antonio de Sousa de Macedo, *Flores de España, Excellencias de Portugal*, 1631 e 1737.

6 *Retratos e Elogios dos Varões e Donas que illustraram a nação portugueza*, 1806-1817. — Publicação promovida por Pedro José de Figueiredo (de cuja penna são as biographias na maior parte), em collaboração com Luis Duarte Villela da Silva, José da Cunha Taborda, e outros. — Cumpre-me citar ainda o *Gynecæum Hispanæ Minervæ sive de gentis nostræ foeminis doctrina claris ad Bibliothecam Scriptorum*, compilado por Nicolas Antonio e impresso no vol. II da *Bibliotheca Hispana Nova* (1672). Tambem são dignos de menção os capitulos que o consciencioso Desembargador Duarte Nunes de Leão dedicou ás mulheres lusitanas, na sua *Descripçam de Portugal*. No Cap. 88.º trata: *Da honestidade e recolhimento das mulheres portuguezas e de suas perfeições*. No Cap. seguinte: *Do valor e ensino das mulheres portuguezas*. No 90.º: *Da habilidade das mulheres portuguezas para as lettras e artes liberaes*.

7 Ignoro, se estava destinado a retratar essas inspiradoras um trabalho do poeta Luis de Palmeirim sobre *A Mulher Portuguesa*, varias vezes annuciado, e subvencionado pelo estado, se não me engano, mas que nunca sahio á luz.

8 *Plutarcho Portuguez, Collecção de Retratos e Biographia dos principaes vultos historicos da civilisação portugueza*, Porto, 1882.

9 *A Arte Portugueza* (Lisboa 1895) teve de recolher, infelizmente, após seis clangorosos toques de rebate.

10 A lista dos auctores que se occuparam da Infanta é muito extensa. Citarei aqui apenas tres dos mais importantes, a que me refiro repetidas vezes neste estudo. O primeiro que empreendeu traçar o seu simile, ainda durante a sua vida, foi o historiador João de Barros num *Panegyrico* extensissimo, de 80 capitulos. Escripito quando D. João III a fez duquesa de Viseu, creio que em 1555, a obra sahio ao cabo de um seculo, com as *Noticias de Portugal* de Severim de Faria (1655); novamente em 1675 (isto é intercalado na obra que consignarei em segundo logar), e ainda em 1740 e 1791. — Com muito mais desenvolvimento tratou d'ella o historiador Frei Miguel Pacheco. O volume, amplamente documentado que lhe dedicou em castelhano — *Vida de la Serenissima Infanta D. Maria* (Lisboa, 1675) — consta de 204 folhas. — Nos nossos dias, o Conde de Villa-Franca publicou uns apontamentos que chama «extractos de um estudo inedito», mas que a meu vêr constituem apenas um primeiro esboço de um livro projectado. Nelle ha alguma novidade, mas tambem muitas inexactidões. E' a *Nota H* do volume sobre *D. João I e a Alliança Inglesa*, Lisboa, 1884.

11 Riquezas, que costumam apressar casamentos, impediram-os no caso da Infanta, com espanto do publico, não iniciado nas machinações politicas. *Variis casibus innupta* (o que, bem interpretado, quer dizer: solteira por força maior ou considerações machiavellicas) — *joven que nunca teve dita para casar, sendo grande senhora* — eis o estribilho repetido pelos poetas, durante a sua vida e depois da sua morte, conforme o leitor verá.

12 André de Resende, um dos admiradores mais entusiasticos da sabia Infanta, chamou-a directamente *animosa virago*, em allocução solemne, perante a Academia reunida. Cf. Nota 59.

13 Luciano Cordeiro occupou-se de D. João da Silva na interessante monographia sobre Infanta D. Leonor, *Uma sobrinha do Infante*, Lisboa, 1894.

14 Confira-se p. 35 — 44 d'esta monographia.

15 Por licença poetica, os que se occupam do grupo da Infanta, costumam aggregar-lhe D. Hortensia de Castro. Cf. p. 36.

16 A respeito dos pintores citados, importa recorrer á obra de Raczyński, *Les Arts en Portugal*, e aos *Dialogos da Pintura*, de Francisco de Hollanda, commentados por Joaquim de Vasconcellos, na primorosa edição de Vienna de Austria, 1899 (p. LIII s.) Cf. a nossa Nota 29.

17 A photographia é de Laurent; a reprodução é das officinas do *Commercio do Porto*.

18 O altar que o retabulo encima é hoje do S. Sacramento. Está no cruzeiro, do lado do Evangelho. Uma imagem de N. S. do Cabo, mencionada por Gabriel Pereira num artigo inserto na *Revista Archeologica* IV 186, só esteve temporariamente na Igreja da Luz.

19 No paragrapho segundo do seu Testamento, a Infanta havia ordenado o seguinte: «Mando que mi cuerpo sea llevado a la Capilla que ora hago en el Monasterio de N. S. da Luz» e no Codicillo: «y la Capilla mayor de N. S. de la Luz, que ora labro, si no quedare acabada, se acabará luego, conforme a la traça que está echa.» A capella-mór, principiada em sua vida, estava pronta em 1585. Mas os testamenteiros, pouco zelosos, não queriam saber de pressas. Só a 30 de junho de 1597, pouco antes de se finar, Felipe II, seu sobrinho e ex-noivo, mandou realizar a trasladação. — Parece-me significativo que Frei Miguel Pacheco, não conhecesse o quadro da Igreja da Luz. Tudo quanto refere da execução do testamento (cap. XVIII), cujos encargos ao cabo de meio seculo ainda não se haviam cumprido, sendo encarregado d'elles o proprio auctor da *Vida*, leva-me a pôr em duvida que alguém se lembrasse logo a principio de dar ao seu retrato o logar de honra que lhe competia.

20 A construcção d'este convento para Commendadeiras de S. Bento de Aviz, tambem não se concluiu, e talvez nem mesmo se começasse, em vida da Infanta. Creio até que foi principiado depois de 1620. — No § 15 do Testamento ella dizia: «Mando que se haga un Monasterio de Monjas, de la Orden de S. Benito en el sitio que al General y Padres de S. Benito... pareciere bien... La invocacion desta casa será N. S. de la Encarnacion...»

21 Semelhante, quanto á physiognomia, bem se vê.

22 A estampa é a 47.<sup>a</sup>, na ordem da publicação, cujo titulo deixei consignado na Nota 6.

23 A estampa entrou p. ex. na Collecção de Barbosa Machado, conforme se vê do Indice, publicado por Innocencio da Silva, vol. VII p. 102.

24 Eis o que diz a este respeito o Padre José de Figueiredo: «O retrato que desta Senhora offeremos he copiado de um quadro do seu mesmo tempo, que a representa ao natural, com muito primor. Conserva-se no Real Mosteiro da Encarnação com grande veneração e devemos á Ex.<sup>ma</sup> Commendadeira a generosa franqueza com que prestou seu consentimento para utilidade do publico.»\*

25 Conde de Villa Franca, p. 275 da obra citada na Nota 10.<sup>a</sup>

26 Julio de Castilho, *Lisboa Antiga*, vol. VII, pag. 339. O Snr. Visconde tem o quadro na conta de antigo e da escola portugueza.

27 E' d'este e só d'este quadro que Frei Miguel Pacheco deu noticia na *Vida* (a fl. 101 v. e 108 v.), infelizmente sem indicar quando e por quem foi pintado. — Quanto á authenticidade, está, portanto, em condições um pouco mais vantajosas do que os quadros da Igreja da Luz e do Mosteiro da Encarnação. — Dos danos que todos estes edificios soffreram em 1755, e das restaurações modernas, nada digo.

28 A carta é de 2 de Março de 1542. Vid. Pacheco fl. 24 ss.

29 Não é impossivel que a taboa pequena, mandada a França, fosse obra de Francisco de Hollanda. O mesmo direi do original reproduzido nas tres pinturas que apontei como existindo em Lisboa, e que todas mostram a Infanta na idade de vinte annos! A data exacta em que o discipulo entusiasta de Miguel Angelo voltou da Italia, para onde fôra no anno de 1538, em viagem de estudo, continua incerta. As ultimas investigações deram apenas em resultado que já estava de regresso em 1545, e talvez em 1543, e que no intervallo entre Novembro de 1543 e Julho de 1545 tirou pelo natural o retrato de D. João III para a filha ausente, a princesa D. Maria. — Vid. Joaquim de Vasconcellos, *Francisco de Hollanda, Quatro Dialogos da Pintura*, Ed. Vienna de Austria, 1899 p. XXXIX s. — Assentemos a hypothese que depois da morte de D. Leonor, o quadro voltasse a Portugal, ao paço da Infanta, servindo mais tarde de modello aos copistas da Luz e da Encarnação. Mas estabeleçamos tambem o facto que nos tratados de Hollanda não subsiste observação alguma



que auctorize essa conjectura. Nem uma só vez menciona a Infanta D. Maria. Portanto o que não é impossível, figura-se-me pouco provavel.—E' certo que antes da vinda de *Moro, Sanchez Coelho, Van der Straten, Christoph von Utrecht*, retratistas de merito trabalharam na côrte portuguesa, embora desconheçamos seus nomes.

30 O tratado *Do Tirar pelo Natural* ainda não teve edição avulsa. Por ora só existe impresso no hebdomadario *A Vida Moderna* (Anno 1895).

31 O primeiro escritor português que nomeou Vittoria Colonna foi o grande reformador da poesia lyrica em sentido italiano. Ao trocar com D. Leonor de Mascarenhas uns versos á maneira antiga, num dos Serões Manoelinos (ou antes no acto de os copiar em 1551, a favor do Príncipe Real), Francisco de Sá de Miranda juntou ao nome d'essa dama do paço a nota seguinte: «polo d'ela que é cousa rara, pus aqui isto, porque se veja que tambem Portugal teve a sua Marqueza de Pescara».—Vid. *Poesias de Sá de Miranda*, Ed. Carolina Michaelis de Vasconcellos, pag. 40 e 744. D. Leonor de Mascarenhas sahiu de Portugal em 1526 como dama da Imperatriz D. Isabel, meirman da nossa Infanta, vindo ser a primeira educadora de Felipe II e posteriormente a do infeliz príncipe D. Carlos.—Mais tarde, outros escritores que cultivaram o ideal italiano, entre elles: Gaspar Barreiros, Frei Heitor Pinto, Duarte Nunes de Leão e Hollanda, seguiram o exemplo de Miranda.—Eis o que disse de Vittoria Colonna o pintor português: «E' polo conseguinte a senhora Vittoria Colonna (Marqueza de Pescara e irman do senhor Ascanio Colonna) uma das illustres e famosas damas que ha em Italia e em toda a Europa, que é o mundo, casta e inda fremosa, latina e avisada e com todas as mais partes de virtude e clareza que numa femea se podem louvar. Esta, depois da morte de seu grão marido, tomou particular e humilde vida, contentando-se do que já em seu stado tinha vivido, e agora só Jesu-Christo e os bons stados amando, fazendo muito bem a proves mulheres, e dando fructo de verdadeira catolica». *Dialogos*, pag. 12.

32 Raczynski, ao fallar do retrato perdido—por informação do Visconde de Juromenha—confunde a nossa Infanta com a outra D. Maria, filha de D. João III, a que me referi numerosas vezes neste estudo. (Vid. pag. 13 e 43, e *Notas* 40, 41, 42, 50, 52 e 68.) Além d'isso parte de uma data inexacta (1532, em vez de 1552). *Dictionnaire*, pag. 152.

33 Os versos são do Dr. Manuel da Costa. As obras d'este varão appareceram em primeira edição em Lyon de França, no anno 1552. Ha outra de Salamanca 1584: *Emanuelis Costa Lusitani Jurisconsulti Commentarii*. E' d'ella que me sirvo. O original (a p. 492), diz:

Vidit Maria: pictam Cytherea figuram  
Abstulit et nato sic ait illa suo:  
Scis ut consortem iam dudum fata laborent  
Huic Mariae, et dignum vix reperire queant?  
Pro pharetra atque arcu solum hanc fer nate tabellam.  
Accedet titulis gloria summa tuis,  
Vnum etenim referes sed summum immane trophaeum  
Captiuo summi principis imperio.

34 Não creio que o monarca alludido fosse um dos Imperadores da Austria (Fernando II, Maximiliano II, ou Carlos V), comquanto os primeiros dois fossem, com effeito, temporariamente noivos de D. Maria, e o ultimo tambem appareça no rol dos pretendentes, tal qual historiadores modernos o elaboraram. Desconheço as provas da affirmacão e julgo que se deixaram illudir por uma liberrima paraphrase de um poema latino de André de Resende, impresso na obra de Pacheco. No original uma phrase, relativa á Infanta, diz que seu excelso irmão a destinava ao imperio do globo e ás culminancias do poder—*frater quem maximus orbis destinat imperio ac rerum ad fastigia summa*. O traductor substituiu essa proposição vaga pelas hyperbolicas asseverações seguintes:

La infanta augusta de quien ya predica  
Dichoso vaticinio que el imperio  
De todo el emisferio  
Emperatriz la llama,  
Que suena ya la trompa de la fama  
Que Carlos Quinto esposa la destina  
A la Infanta Maria su sobrina.

Confesso não perceber bem. Haverá erros de escrita? Será preciso lermos:

Que Carlos Quinto esposa ya destina  
Al principe Felipe su sobrina?

35 João de Barros assim o exarou no seu *Panegyrico* § 45: «deixada a caça a que muitas

princesas em outros reynos são inclinadas, Vossa Alteza . . . em lugar de cães que desassossegão . . . penetra a sagacidade e ligeireza de seu espirito os cavados das pedras, desencovando aquella formosa pomba de Salamão que he a graça do Espirito Santo e os sentidos da Escritura, . . . e quando o tempo lhe não dá lugar a esta caça, porque em huma ha de semear e em outra ha de colher, gasta estes intervallos no exercicio da musica. . . ». — Que jogos florais, ou jogos malabares, de espirito!

36 *De Tabella qua depicta fuit Serenissimi Joannis III Lusitanorum Regis Soror Maria Princeps Augustissima:*

Exprimere ad viuum divinam Ollanda Mariam  
Tentavit, raro dignum opus artifice.  
Et talem expressit, qualis collata Dianæ est  
A vate Alcinoi filia Mæonio.  
Scintillare oculi stellata e fronte videntur.  
Et micat in roseo viuidus ore decor.  
Vultus maiestas est cui fastigia rerum  
Deberi, iusta cum ratione putes.  
Quod si Penelopes formam celeberrimus olim  
Depinxit Zeuxis cum probitate simul,  
Et felix manus Ollandæ monstravit eadem  
Augustæ mores Virginis in tabula.  
Denique si posset mortali lumine cerni  
Hac facie Virtus conspicienda foret.  
Nec tamen ostendi potuit satis illa venustas,  
Qua toto visum est gratius orbe nihil.

37 Pacheco reimprimiu os epigrammas e addicionou uma versão de um vulto « de ingenio subido ». Ainda assim não é boa nem fiel. O traductor supõe p. ex. que o vocabulo *Ollanda* (deturpado em *blanda!*) significa a tela sobre a qual fora traçada a pintura. (Mais provavel é que fosse sobre taboa). Tão pouco percebeu quem eram o vate Meonio e a filha de Alcinoio. Por estas e outras deficiencias privou a poesia do capitoso aroma classico que a redacção latina exhala.

38 Resende trata de *ruivos* os seus cabellos (*flavos*), e ruivos, como os de todos os membros da casa reinante, são em todos os quadros lisboenses. Os da mãe eram acastanhados.

39 No *Catalogo de los Cuadros del Museo del Prado*, D. Pedro de Madrazo dizia singelamente, tanto na edição de 1833 como na de 1850: «N.º 1376, Retrato de la infanta doña Maria, hija de don Manuel rey de Portugal». Posteriormente substituiu a forma afirmativa pela dubitativa, pondo: « Retrato de una dama joven desconocida. La tradicion la supone hija del Rey D. Manuel de Portugal, pero no hay fundamento que la abone ». (Ed. 1873, N.º 1489). Na *Revista de Archivos* está em via de publicação um *Catalogo de Retratos* que talvez nos ministre esclarecimentos.

40 A filha de Carlos V viveu até 1603. Cf. Nota 198 205.

41 E' costume afirmar que Moro veio á peninsula em 1552. Todavia, se pintou ao natural a filha de Carlos V, na côrte do pae, o pintor deve ter chegado a Madrid em 1551, a mais tardar. A Portugal é que passaria no anno immediato.

42 Para comprovar a alludida confusão entre a filha e a meia-irmã de João III, remetto o leitor não só novamente á obra de Raczynski, mas tambem ao *Diccionario Historico* de Cean-Bermudez (III, 202). Ahi se afirma que Moro, tendo retratado em Madrid ao Principe Felipe, seguiu para Portugal a pintar *la princesa D. Maria* (o que pode ser exacto, tomando nós princesa em sentido generico) *y primera muger de Felipe II* (o que é impossivel, visto essa ter fallecido em 1545). Cf. p. 42 e. Nota 52.

43 Essa irmã de Carlos V, que igualmente apparece na *Vida da Infanta* (a p. 23 e 41), chamava-se tambem *D. Maria*. E seu retrato, pintado por Moro, tambem lá estava no *Pardo*, até 1608.

44 A 22 de Setembro de 1552 a Rainha D. Catharina de Portugal mandou pagar a Moro a somma de 200 mil reis (500 cruzados) pelos retratos d'ella e de D. João III. Vid. Raczynski, *Lettres*, p. 255.

45 Vid. Cean-Bermudez, *Diccionario III*, pag. 204.

46 Nos retratos da *Luz* e da *Encarnação* nota-se todavia, numa bocca pequenina, uns beiços um pouco grossos que lembram os da casa de Austria, ou digamos os de D. Leonor. — E' uma differença que logo se impõe á primeira vista. O nariz tambem é differente, sendo mais bem talhado no quadro que reproduzimos.

47 Em 1882 Joaquim de Vasconcellos dizia a este respeito numa Nota sobre a proveniencia do *Retrato* publicado no *Plutarcho*: « A tradição é veridica e em abono d'ella citamos o seguinte documento, desconhecido de Madrazo. E' um quadro em taboa do sec. XVI, que appareceu na Exposição de Arte Ornamental em Lisboa em 1881 (N. 178 do Catalogo p. 201). Representa Nossa

Senhora com o Menino, sob cujo manto se abriga de um lado o Papa Julio III (1550-1551) e a familia de D. João III: o rei, a rainha, D. Sebastião, sua mãe D. Joanna, e as irmãs del Rei D. Isabel e D. Maria, com os respectivos nomes. Do outro lado estão uns frades trinitarios, em oração. Pertence á Casa Pia de Lisboa. O retrato da Infanta D. Maria concorda, perfeitamente, com o de Madrid». Não o vi ainda. Estranho todavia ver figurar num quadro, pintado entre 1550 e 1551, ao lado de pessoas vivas, uma filha de D. Manuel, que sahindo de Portugal em 1526, morrera em 1538. E D. Sebastião? Como se vê, a questão dos retratos exige novos estudos *in loco*.

48 A descripção de Madrazo diz: «Está en pie: lleva trage negro, de cuello alto y una toca o velete de cujas puntas unidas al puño pende un joyel que tiene asido con la mano derecha. — Mas de media figura; tamaño natural. Decoraba el antiguo Alcazar y Palacio de Madrid cuando ocurrió el incendio de 1734. — F. L. (i. é Fotografia Laurent) Alto 1,07; ancho 0,83. (1873).

49 Prado N.º 1485 (ant. 124); Laurent 412. Da Collecção de Felipe II no Alcaçar de Madrid. Vid. Raczyński, *Lettres* 255. E' interessante comparar o luxuoso trage com a descripção, dada por Jorge Ferreira de Vasconcellos, na obra citada na Nota 56.

50 Prado 1486 (ant. 1258); Laurent 213. Copia de Pantoja, mas sobre um original que parece ser de Moro (1554); *classificado outr'ora como Infanta de Portugal*. Da Collecção de Felipe II no Alcaçar de Madrid.

51 Prado 1488 (ant. 1792). Da Collecção de Felipe III no Palacio de Valladolid.

52 O retrato de D. Leonor é reproducção de uma formosa heliogravura, publicada numa revista allemã, de arte. (*Zeitschrift für bildende Kunst* XXI 322). O original, attribuido a François Clouet, mas tambem a Bernhard van Orley, pertence á collecção Minutoli (Liegnitz, na Silesia). Virada levemente para a esquerda, D. Leonor segura nas mãos uma carta sobrescritada *A la cristianissima y mui golírosa (sic) siñora la Reyna mi siñora (sic)*. Cabello castanho, com fita de perolas e firmal; collar de pedraria no collo descoberto; corpo de bronze esverdeado; mangas de purpura com fios de prata, golpeadas de branco e com debrum de pelles. Fundo verde. E' obra de arte de alto valor. O busto parece de pessoa baixa. Quanto á physiognomia, repito que os beiços denunciam claramente a casa de Austria — muito mais do que nas effigies da filha. Uma certa contracção da testa ou depressão nas fontes, que parece indicar concentraçãõ dolorosa, é commum ao retrato de D. Leonor e ao de D. Maria no convento da Encarnaçãõ.

53 O retrato condiz com as descripções de D. Leonor, feitas por embaixadores estrangeiros. Um que D. Manoel havia enviado a Castella para contratar o seu terceiro casamento, formulou a sua impressãõ nas palavras; «nom he muy hermosa, nem lhe podem chamar feia; tem boa graça e bom despejo... nom tem bons dentes e he pequena de corpo.» *Corpo Chronologico I*, Maço 21 N.º 26, apud. Villa Franca p. 276. Outro, de Veneza, opinava: «Non è brutta nè bella. A me pare sia molto buona. Non ha per alcun modo di quelle grandezze espanne, ma è vera fiammenga.» — No Retrato da Misericordia de Lisboa parece alta e gentil. Creio que não foi feito *in loco et tempore*.

54 Miguel Bonello, mais conhecido como Cardeal Alexandrino, enviado do papa Pio V, cujo sobrinho era.

55 A descripção da viagem do cardeal, escrita pelo secretario Venturino, foi publicada por Herculano no *Panorama*, vol. V. (*Opusculos* VI p. 90).

56 Jorge Ferreira de Vasconcellos na *Segunda Tavola Redonda* cap. 47. A descripção do vestuario da Infanta é extensa e complicada; muito mais, porém, a das vestimentas da Rainha que só em aneis ostentava dez, de rubins e esmeraldas.

57 Manuel da Costa serviu-se da mesma figura rhetorica ao descrever o lucto da Rainha D. Catharina, no funeral de seu esposo. (*Op. cit.* p. 459). Ambos se lembraram de um famigerado quadro grego de Timante, imitado frequentes vezes, p. ex. num fresco de certa casa de Pompeja, reproduzido em diversos Manuaes de arte e archeologia.

58 *Panegyrico* § 61.

59 *Epistola ad D. Emmanuelis P. F. Invicti Filiam D. Joannes III Invicti Sororem Mariam principem eruditissimam*. E' uma das producções em que a Infanta é equiparada ás deusas da mythologia grega, em especial á da sabedoria: *Pallada crediderim — incessu dea maxima certe eredi digna fuit — namque dearum esse aliquam dubitare nefas*. Resende e os seus discipulos, muito cesaristas, divinisaavam toda a familia reinante.

60 D. Leonor nascera em 1498.

61 E' erro muito repetido chamar filha posthuma á Infanta D. Maria, erro que como tantos outros provém da inaudita leviandade do aliás benemerito auctor do *Epitome de Historia Portuguesa*. — Vide *Rimas de Camões*, ed. Faria e Sousa, vol. I p. 164.

62 O quadro da Misericordia de Lisboa, representativo do casamento de D. Leonor com D. Manoel, a que já me referi, acha-se reproduzido na *Arte Portuguesa* (p. 110), acompanhado de um artigo de Gabriel Pereira.

- 63 Frei Luiz de Sousa, *Annaes*, Parte I, cap. 4.
- 64 Nas paginas do Conde de Villa Franca a caracterisação dos monarchas é incompleta e injusta.
- 65 Pacheco, *Vida*, f. 17 e Cap. XX, Documento 4; Sousa, *Hist. Gen., Provas* II 419. O tratado de Zaragoza de 22 de Maio 1518 foi ratificado posteriormente pelo proprio D. João III.
- 66 Francisco de Andrade, *Chronica de D. João III*, cap. 19.
- 67 Veja-se o *Panegyrico de D. João*, pelo mesmo João de Barros a quem devemos o *Panegyrico de D. Maria* (p. 150).
- 68 Conf. *Nota* 32.
- 69 Visconde de Santarem, *Quadro Elementar*, vol. III, p. 252.
- 70 *Ib.* III p. 275 e 282 e ss.
- 71 As clausulas do contrato de casamento não eram bem claras. Disputou-se longamente, se lhe competiam 200 ou 400 mil dobras de ouro, e tambem sobre o prazo em que havia de ser entregue o patrimonio de D. Manoel. O nascimento e fallecimento de um filho varão de D. Manoel e D. Leonor, o Infante D. Carlos, complicara o caso. Vid. Pacheco, cap. IX e Parte II, f. 186-204.
- 72 D. João III tambem deixou de satisfazer por inteiro a sua legitima paterna ao Infante D. Luiz.
- 73 Já alludi aos boatos indecisos, relativos a projectos de casamento entre Carlos V e a Infanta.
- 74 Entre os escriptores que alludiram entre 1545 e 1555 ás sempre baldadas tentativas de dar estado á Infanta, e ao seu intimo desejo de subir ao throno de Hespanha, contam-se André de Resende, Jeronymo Osorio, João de Barros, Manoel da Costa e Luisa Sigea. Esta, ao prometter-lhe um throno (em 1546), vaticinando, não deixou de accrescentar que sem a voz divina que lhe desvendara o futuro da Infanta, não lhe teria dado fé (*ego quæ Infantis causa dubitare solebam.*) — E' significativo, não é verdade?
- 75 Vid. Pacheco I p. 46.
- 76 Quanto á impressão produzida pelo incidente, Pacheco cinge-se ás informações do insigne Dr. Martim Azpilcueta Navarro, testemunha de vista, pois vivia em Portugal desde 1537. Este erudito, theologo entre os juristas e jurista entre os theologos, patenteia a dolorosa suspensão dos que queriam bem á Infanta, quando declara que todos se accusavam lacrimosos das suas culpas e pediam continuamente a Deus para que não se esquecesse d'ella, nem permittisse que outra princesa estranha lhe fosse preferida!
- 77 Museu do Prado, N.º 1484 (1446).
- 78 D. Sancho de Cordova. Vid. Pacheco f. 58 e 59.
- 79 «Quien ponderare las palabras de estas cartas verá que aunque se acompañan del respeto y cortesía con que suelen tratar-se entre si los Principes, tambien llevan mezcla de otras que insinuan agravios muy sensibles y que pestanean rompimento quando se falte al desagravio.» Pacheco f. 54.
- 80 São do mesmo embaixador as seguintes palavras, relativas a D. Leonor: «porque se apasiona mucho de ver las maneras que traen aqui para que no aya efecto lo que desea.» Pacheco f. 57.
- 81 Varios escriptores estrangeiros censuram esta resolução da Infanta, acoimando-a de filha pouco affectuosa. Desculpando-a, o Conde de Villa Franca cahe no exagero opposto, afirmando que D. Maria idolatrava a mãe. Se fez bem em cumprir a palavra dada, talvez teria feito melhor em não dar nenhuma, salvaguardando o seu livre arbitrio. Mas nesse caso, a nação teria, seguramente, desvirtuado as suas intenções, chamando-a ingrata, sem patriotismo, descaridosa com os seus pobres. E caso se rebelasse, seria apodada de virago emancipada. Na situação falsa em que as circumstancias a haviam collocado, qualquer resolução estava sujeita a interpretações malevolas. Victima em tudo, não chegou a ser heroína tragica.
- 82 *Chronica de D. Manoel*, Parte IV, cap. 68. No mesmo sentido se pronunciou Venturino, conforme já sabemos.
- 83 Ignoramos o que pensava sobre os planos de D. Sebastião. Apenas consta que, morrendo, contribuiu com 30:000 cruzados para a guerra contra os Infieis. A tradição falla de sonhos terrificantes da Infanta, cuja presaga mente prenunciou a catastrophe de Alcaacer-Quebir.
- 84 Damião de Goes, *Chronica de D. Manoel*, Parte IV, cap. 68.
- 85 Ha instituições pias, fundadas ou favorecidas por ella durante a sua vida, não só em Lisboa, mas tambem em Evora e Villaviçosa e nos seus dominios em Viseu e Torres Vedras.
- 86 Sei apenas de uns pannos de ras (*colgadas de Tunes*) que lhe haviam custado 20:000 cruzados, e que legou a D. Sebastião (Testamento § 35). Um *Livro de Horas*, ricamente illuminado e encadernado, que possuia, avaliado em 10 mil reales de plata (f. 108), era dadiva da mãe que o mandara fazer em Flandres.
- 87 A maior parte das instituições, fundadas pela Infanta, foi criada tarde, por decisão testamentaria. No respectivo documento reconhece-se certa magoa por não ter distribuido, em vida, com sufficiente largueza e desprendimento os bens de que dispunha — escriptulos sem duvida de uma alma

torturada. Eis o que diz: «assi para descarga de mi alma como para disponer de los bienes que el Señor me dio en cosas de su servicio, porque ya que biendo en esta vida con ellos no le servi como deviera, por lo menos despues de mi muerte se empleen y dispendan todos en su servicio.» Testamento § 1.

88 São desoladoramente significativas as palavras com que a Infanta pede aos ultimos sobreviventes da dynastia que «teniendo respeto al grande provecho que a la corona destes reynos recrecio de yo nunca pretender otro modo de pagamento y satisfacion del patrimonio que el Rey mi padre me dexo que la que tuve», tomassem a peito obrigar os testamenteiros a cumprir inteiramente com muita diligencia as suas disposições, perguntando-lhe muitas vezes se o faziam, e mandando saber em segredo, se com efeito o executavam. Mas D. Sebastião morreu ao cabo de dez meses. D. Catharina havia-o precedido. D. Henrique lhe seguiu de perto. E depois. . .

89 A Infanta residiu primeiro modestamente na Alcaçova Velha; em seguida no campo de S. Clara; e finalmente com ostentação perto de Santos o Novo, no bairro aristocratico de Xabregas. (Pacheco f. 126). No tempo provavel dos Serões (1538 ou 1540 até 1555), o seu domicilio era no segundo dos paços citados.

90 Já sabemos que, obrigados por contrato a entregarem-lhe a sua legitima, quatro annos depois do fallecimento de D. Manoel, ou segundo outros aos dezaseis, os reinantes não haviam cumprido, e nunca cumpriram esse dever, sob varios pretextos, entre os quaes avultam o seu estado de filha adoptiva, a inconveniencia de a deixar sahir do paço, enquanto não estivesse casada, as duvidas acerca da importancia da somma devida. . . e a falta de dinheiro.

91 Nos poemas e dramas, nas novellas, e nos romances historicos, dedicados a Camões, um logar proeminente é em geral concedido á Infanta. Sirva de exemplo, entre muitos, o drama de Cypriano Jardim, publicado por occasião do centenário.

92 Alguns costumes, quer delicados, quer primitivos, da côrte portugueza, como por ex. o de as damas não tomarem parte em banquetes, ou ainda o de não se sentarem em cadeiras altas, mas antes rente ao chão, em cadeiras e estrados baixos, são erroneamente considerados por alguns auctores como outros tantos indicios de reacção austera contra o esplendoroso mundanismo do Renascimento italiano.

93 Nem mesmo sabemos, ao certo, qual era a lingua materna de D. Maria. Filha de uma infanta castelhana, entregue aos cuidados de outra castelhana, que a confiou aaios da mesma naturalidade (D. Francisco de Guzman e sua esposa), é quasi certo que fallava castelhano muito cedo. Mas, portugueza de nação, servia-se sem duvida, diariamente, tambem da lingua *patria*. Pacheco, que redigiu a sua obra em castelhano, não só allega, naturalmente, todos os seus ditos nesse idioma, mas mesmo o testamento, sem indicar, se o traduziu. Uma carta apenas está redigida em portuguez. Por um acaso singular, essa é dirigida ao Imperador Carlos v. Acho estranhavel este procedimento, se realmente o castelhano lhe era absolutamente familiar.

94 O primeiro que a metteu na lista dos escriptores portuguezes foi Faria e Sousa. Sem provas, bem se vê. Nicolas Antonio seguiu o exemplo. E outros o repetiram.

95 Vejam o § 19 e 24 do *Panegyrico* cujas edições enumerei na *Nota 10*.

96 A' vista do documento, pelo qual o monarca concedeu á Infanta o senhorio de Viseu (e o titulo de duqueza?), deve ser facil apurar a data do *Panegyrico*, pois foi em celebração d'este acontecimento que João de Barros levantou a voz, conforme já indiquei na *Nota 10*. No admiravel *Catalogo Chronologico de todos os Titulos que tem havido em Portugal até á occupação dos Filippes*, o qual forma um avultado Appendix do *Livro Segundo dos Brasões da Sala de Cintra* de Anselmo Braamcamp Freire (Lisboa 1901) não encontro verba alguma relativa a esta nomeação.

97 A *Ropica pneuma*, um Colloquio erudito entre o Tempo e o Intendimento, a Vontade e a Razão, escripto em 1531, nada contém contra o dogma, embora fosse prohibido nos *Indices*.

98 Segundo elle, D. João III foi um maravilhoso reformador da religião christan! *Panegyrico* § 18. Cf. § 26 e 33.

99 e 100 *Ecloga IV*, 6.

101 O leitor acha-as a p. 23 d'este estudo.

102 *In humanitatis et eruditionis nec non virtutum antistitem.*

103 Pacheco f. 132. Não consegui ver o original latino, impresso em Coimbra, no anno 1550.

E' uma carta-prologo que acompanha o tratado do *Jubileo: Commentarium De Anno Jubilaeo et Indulgentiis omnibus*.

104 *De Rebus Emanuelis*. P. IV, Livro XII.

105 *Te totam summis labiis ita musis tradidisti ut eas non transeunter aut carptim ut plerazque solent libaveris sed eas ipsas penitus imbiberis.*

106 Antonio de Castro, no Prologo que acompanha a edição das Obras Latinas de Cataldo Siculo, por elle promovida. Vid. *Hist. Gen.*, *Provas VI*, 391.

107 *Hispania Chronica*, cap. IX, em Schott, *Hispania Illustrata*, vol. I.

107<sup>b</sup> Na livraria da Rainha D. Catharina havia uma grammatica portugueza, manuscripta, totalmente desconhecida (*Principios da lingua portugueza*), uma grammatica latina, tambem inedita

(Vide *Nota* 127); um *Abecedario* em grego, datado de 1540; oito exemplares da *Arte* de Lebrija, comprados em 1541.

108 A scisão na alma e nos actos de D. João III começou cedo. Temos em 1536 a Bulla da Inquisição; em 1539 seu irmão, o Cardeal-Infante foi transformado em Inquisidor-Mór; em 1540 instaurou o primeiro Auto-da-Fé; a Companhia de Jesus veio no anno immediato; em 1542 a primeira publicação de penitencia inicia a era do zelotismo; em 1545 temos a iniqua revogação de Damião de Goes, sob pretexto de o nomearem mestre de letras do principe real, mas na verdade para o incriminarem como heterodoxo; em 1547 a Bulla da carne humana; em 1551 a abertura do Collegio dos Jesuitas em Evora; em 1555 a entrega da Universidade e todos os collegios á mesma ordem; em 1564 o Indice dos Livros Prohibidos. Lembrarei ainda no campo estrictamente politico o abandono de Safim e Azamor (1542); o de Arzilla e Alcacer (1549). — Outra ordem de acontecimentos de familia enlutava os reinantes e a nação: o fallecimento successivo de seis filhos de D. Manoel e oito de D. João III, a ponto de uma dynastia florescente ficar reduzida em 1557 a tres representantes: uma creança desequilibrada; um cardeal, senil antes do tempo; uma infanta inupta.

109 Na *Nobres Litteraria* de F. A. Martins Bastos (Lisboa 1854), ha apontamentos a este respeito, nem sempre collidos nas melhores fontes.

110 Wilhelm Storck, depois de ter vertido para allemão todas as obras de Camões, escreveu um estudo importantissimo, d'inquirição critica sobre a vida do poeta, a qual tentei nacionalizar: *Vida e Obras de Luis de Camões* (Lisboa 1899).

111 *Poesias de Sá de Miranda* N.º 105. Essa carta a João Rodrigues de Sá e Menezes, um hymno ás letras humanas e divinas, está repleta de aphorismos agudos e de censuras á rudeza dos costumes antigos, ainda não extinctos, segundo os quaes

*sangue e bens de fortuna  
é tudo entre os portuguezes.*

112 A respeito da Mulher da Renascença consulte-se a obra classica de Jacob Burckhardt *Die Cultur der Renaissance in Italien*, 3.ª ed., Leipzig 1878. Na Peninsula não só as damas do mundo mas tambem as freiras liam enthusiasmas, na sua clausura, ás escondidas, alguns *Colloquios* de Erasmo, de que 24:000 exemplares corriam de um extremo ao outro da Europa. Citemos o tratado *Da Donzella que aborrece o Matrimonio (Misogamos)*, *Da Virgem arrependida* (sc. de ter professado) e o *Da Mulher erudita*. — Na *Historia dos Heterodoxos*, de Menendez y Pelayo, ha alguns esclarecimentos (vol. II).

113 As mais nomeadas entre as fidalgas douts que então brilharam na côrte hespanhola eram filhas do duque de Tendilla (D. Mecia de Mendoza, marquez de Zenete, e a Condessa de Monteaúdo, D. Margarida Pacheco), e tres irmans de D. Juan de Zuñiga (D. Isabel, Duqueza de Alba, D. Elvira de Sotomayor e D. Maria de Estuñiga).

114 D. Francisca (ou Antonia) de Nebrixa, filha do grande reformador dos estudos, professava em Salamanca sobre rhetorica e poetica, em substituição do pae. D. Lucia de Medrano explanava textos latinos, segundo consta por relação de Lucio Marineo Siculo. Isabel de Vergara, irman dos famosos erasmistas Juan e Francisco, traduziu para romance alguns dos escritos do grande vulto de Rotterdam. — Juana de Contreras, a Sepulveda, *linda doncella muy sabedora*, e Anna de Cervaton lograram nomeada entre latinistas e hellenistas.

115 Essa comedia, intitulada *Hispaniola*, conta, segundo dizem os poucos que a leram, não sem graça, mas antes com pilheria plautina e facundia terenciana, varios casos e successos festivos de dois amantes. O auctor, chamado Juan Maldonado, veio a ser mais tarde um dos mais notaveis humanistas hespanhoes, da observancia erasmista. A obra, composta quando contava vinte e cinco annos, e divulgada contra sua vontade (*prodiit lucem, nolente me*) foi sumptuosamente encenada e representada em presença da Rainha D. Leonor e todos os proceres da côrte: *et apud Helionoram Gallia reginam quæ tunc erat Portugollia non levi sumpta acta, spectante procerum caterva summoque senatu*. Assim o conta o proprio Maldonado na impressão de 1535, queixando-se de que outra sahir: subrepticamente em Valladolid (1525). Vid. Gallardo, *Ensaio* s. v. Maldonado, vol. III, col. 605; Nicolas Antonio, *Bibl. Nova* I 557; Menendez y Pelayo, *Antologia* v 194 e *Heterodoxos* II 74.

116 Sirvam de exemplo uma obra astrologica de Frei Antonio de Beja *Contra os Juizos dos Astrologos 1523*; uns versos latinos de Antonio de Gouveia, o qual foi, como todos sabem, um dos principaes intermediarios entre a cultura francesa e a portuguesa e talvez o primeiro que tornou conhecidas em Portugal as poesias de Clement Marot (Vid. *Antonii Goveani Epigrammata Eiusdem Epistola quatuor*, Lugduni 1540), e uma composição hespanhola de Francisco de Guzman. Bem intencionado e incansavel cultor da poesia ethica, sentenciosa e paremiologica, este capitão dedicou á Rainha uma Glosa sobre as Coplas de Jorge Manrique, o famoso *Recuerde el alma dormida*, que é a que maior numero de edições obteve (1.ª em Lyon de França em 4.º got. s. a., ed. post. de 1558 e 1598). O nome do auctor infere-se de umas coplas acroscopicas de arte maior que precedem a obra.

Vid. *Antologia* vi, 144. — Os auctores portuguezes formam em geral, ideia pouco adequada da terceira esposa de D. Manoel, interpretando como simpleza a candida bondade que a distinguia.

117 A Carta acha-se impressa na obra de Pacheco, Parte II Cap. 2.º, f. 88 v., e tambem na *Hist. Gen., Provas* II 741, N.º 118. — O motivo porque a colloco entre 1535 e 1537 é que D. João III exigiu da propria filha que aos quinze annos fosse não só apta mas vezeira a fazer a sua correspondencia em latim, conforme indico no texto.

118 Esta segunda carta latina da Infanta tambem não é inteiramente desconhecida. O Visconde de Santarem, que possuia copia desde 1846, aproveitou-a no *Quadro Elementar*, vol. XV p. 86 (1854). Figanière, indicando o paradeiro, deu um extracto no seu *Catalogo dos Manuscritos do Museu Britannico* p. 123 (1853), noticiando ao mesmo tempo que fôra impressa numa collecção de cartas originaes, illustrativas da historia inglesa (Ellis, *Original Letters illustrative of English History*, vol. II da 2.ª Serie a p. 247).

119 Como a obra inglesa, citada na *Nota* anterior, é pouco vulgar em Portugal, dou o traslado, directamente sobre o original, que faz parte de uma Miscellanea da Secção Cottoniana do Museu Britannico. (Cod. Vespasiano F. III f. 48.) A' sollicitude do incansavel bascologo e bascopihilo E. Spencer Dodgson e aos bons serviços do photographo do Museu (E. Dosseter), devo uma excellente chapa em tamanho natural. A Carta consta de uma folha grande: 16 linhas no rosto e 6 no verso. Sem assignatura, que a epigrapha tornava desnecessaria, como em geral nas cartas latinas, está guardada de um sello em obreia com o escudo da Infanta, bipartido, tendo as armas reaes de Portugal á esquerda, e o lado direito em branco. E diz:

«*Mariae Angliae Reginae Severissimae: Mariae Portugalliae Infans  
Regis Emanuelis filia. S. P.*»

Cum primum de foelicis rerum tuarum successu nuncius adlatus est, eam cepi animo voluptatem quã et ratio sanguinis postulabat et uero summi erga te amoris integritas exigebat. tum quod deus opti. Max. inter infelicitum temporum concitatos motus illesam te, et uelut e mediis tempestatibus ereptã ac seruata, cui summam regni traderet, solam dignã esse iudicauit: tum quod tali ac tam prudenti moderatrici populis tuis bene consultum esse uoluit, et universo orbi christiano iucunditatem summã attulit qua in re incertum profecto nobis reliquit utrum tibi iure sanguinis, an potius clarissimarum virtutum (e, emendado para i) meritis, quibus inter huius temporis principes elluces, tam alta, et nobilis possessio (sic) debita sit: quã dum ego tibi cupio gratulari, quibus in tanto, et tam effuso meo gaudio uerbis uti debeam, prorsus ignoro. Nec enim quisquam est (ut ex superioribus literis meis intelligere potuisti) quem magis laeserint (oe ligado, emendado para e) aduerse tuæ res, nec cui magis ex animo cesserint prosperæ. Nam si mihi iucundissimæ literæ tuæ tam mirificam voluptatem olim attulerunt, ut eas, et in sinu gestare et manibus tenere et sæpius legere nunq[ua]m mihi fuerit satis; quãta animum meum letitia oblatu hoc summi gaudii argumento (o emendado), exhilaratum (tu emendado) esse existimas, Quare te oratam uelim ut quãto maior ex hoc prospero tuarum rerum statu (estatu com e apagado) voluptas ad me peruenit, tanto crebriores literas quas auidissime expecto, de tua incolumitate in posterum ad me des. Interim a deo Opti. Ma: uotis omnibus contendam ut qui regni tui author extitit, idem tuam hanc felicitatem firmã et stabilem esse velit, ac te populis tuis in summa tràquillitate diu seruet incolumem. Vale, Olyssippone 19 cal. octob. anno Dni 1553.»

P. S. — Como na imprensa faltassem algumas abreviaturas, tive que desdobrá-las.

120 Vid. Santarem, *Quadro Elementar*, vol. XV. O casamento de Felipe II com Maria Tudor realizou-se no anno immediato, a 25 de Julho.

121 Como viram, a Infanta refere-se na carta a outras missivas anteriores em que havia manifestado a sua afeição á pessoa e á causa da Rainha d'Inglaterra. — Quanto a esta soberana, parece que não lhe correspondia com affecto igual. Pelos extractos de Santarem, vemol-a agastada pelo desposorio de Felipe II com a Infanta, em razão do intimo parentesco dos nubentes. Mas isso não tolhe que as suas cartas fallassem a mesma linguagem superlativa, de urbanidade, usada entre todos os latinistas, coroados ou não coroados.

122 O mes de Outubro não tem 19 das calendas. A data deveria ser 18 Cal. Octob (14 de Sept.)

123 Figanière affirma ser toda do proprio punho da Infanta, sem indicar qual o *autographo* de que se serviu para fazer o confronto. — Até hoje os esforços de pessoas amigas, que amavelmente se offereceram a procurar na Torre do Tombo documentos com letra da Infanta, e tambem de Luisa Sigea e Joanna Vaz, não surtiram effeito. Averiguou-se apenas que entre as dâmas do paço ha duas, cuja calligraphia é muito parecida á da Carta da Infanta, e que a de Joanna Vaz era pessima. Eu, pela minha parte, posso affirmar que a de André de Resende era semelhante á da carta, a ponto de se poderem confundir. A da Rainha D. Catharina e tambem a de D. Leonor era difficillima de entender; a do Principe D. João, pelo contrario, era bella como a da Infanta e igual quasi á de seu mestre, Manoel Barata. (Vid. Faria e Sousa, *Rimas de Camões* vol. I, 298). — A este respeito vejã-se as observações de Castilho no seu opulento estudo sobre Lisboa, vol. VII p. 414.

124 O Soneto (187) de Camões recommendava ao publico a *Arte de escrever* do illustre calligrapho (1572).

125 Estas tres obras, e mais um *Dialogo da viciosa vergonha*, foram impressas em 1539 e dedicadas pelo auctor das *Decadas* e do *Clarimundo* ao Principe D. Felipe de Portugal, que então era herdeiro da corôa. Mas o pequenino filho dos reis expirou, na tenra idade de seis annos, antes que sahisses dos prelos de Luis Rodrigues.

126 Esta obra foi impressa logo a seguir, nos ultimos dias do anno indicado e no immediato, pelo mesmo livreiro. Não é portanto impropria a hypothese que a principio esse *Dialogo* sobre moralidades fosse destinado igualmente ao fallecido.

P. S. — Cumpre registrar aqui, em additamento á *Nota* precedente, um facto importante: Ha pouco que a Bibliotheca Nacional adquiriu uma *Grammatica latina* de João de Barros de que nunca ninguém tinha fallado, manuscripto em pergaminho com algumas illuminuras! Sei isso, mas só isso, por informação do Snr. Dr. Sousa Viterbo (por carta de 26 de Junho). Lamentando não a conhecer por ora *de visu*, prometto occupar-me d'ella na primeira occasião! Que surpresa agradável, se ella incluísse uma Dedicatoria elucidativa!

127 Esse livrinho conserva-se na Bibliotheca Nacional de Madrid. Quanto ao auctor, apenas posso registrar que no Catalogo, impresso no *Ensaio* de Gallardo (vol. II, Apêndice p. 3 e 14), uma vez o chamam Martin Agreda de Perques, e outra vez Frei Juan Lopez de las Parras.

128 P. ex. por Th. Braga na *Historia da Universidade*, vol. 1 p. 287.

129 A respeito do Principe D. Felipe, mencionado nas *Notas* 125, 126 e 132, veja-se a *Hist. Gen.* vol. III p. 538. Como os mais filhos de D. João III, jaz em Belem.

130 Uma grammatica elemental em castelhano foi composta para o Principe por Juan Fernandez de Sevilla, e impressa em Coimbra no anno 1551.

131 Frei João Soares publicou uma *Cartinha para ensinar a lêr e escrever* (1549 e 1554) com o *fazimento das Graças* (1560). Mas anteriormente os seus manuscriptos poderiam ter servido na Casa real.

132 O proprio João de Barros não se enganava a este respeito. O dialogo linguistico entre Pae e Filho principia do modo seguinte: «*Senhor, já sabe esta nova? — Qual? — Que o Principe Nosso Senhor começou ontem daprender a ler. — E quem o ensina? — O prégador del rey frey Joam Soares. . . Que importa o meu trabalho, ao principe nosso senhor, pois tem preceitor de vida e leteras que lhe ordenará os principios, conformes á sua idade e magestade do seu sangue?*

O biographo da Infanta, sabendo que esse prelado fóra mestre do Principe, assentou como muito provavel que tambem dirigisse os estudos superiores da Infanta, pelo menos em philosophia e theologia (*Vida*, II p. 90). Os posterios deram forma affirmativa á hypothese, por elle enunciada. A' vista dos assentos de João de Barros, ella parece-me fidedigna. Cf. *Nobreza Litteraria* p. 138 e 139.

133 Pacheco combate essa noticia, propagada por Garibay. Os argumentos que emprega são todavia inconsistentes. Diz que havendo na côrte uma mestra como Luisa Sigea, os reis de Portugal a teriam, decerto, chamado para ensino das primeiras letras. Ao escrever isso, o douto varão esquecia que os Sigeos, vindos a Portugal em 1538, quando a Infanta contava 16 a 17 annos, já a encontraram adulta e bem ensinada. Se em logar de Luisa Sigea pusessemos o nome Joanna Vaz, a objecção seria mais justificada, como o leitor reconhecerá se tiver a paciencia de continuar com a leitura d'este opusculo.

134 *Nobreza litteraria* l. c.

135 Pelo que deixei apontado nas *Notas* 133, 149 e 157 fica provado quão inaceitavel é a affirmação de Diogo Sigeo ter sido o primeiro mestre de latim da Infanta.

136 O algarismo está fóra do seu logar. E' á linha 12.<sup>a</sup> da pag. 36 e não á 16.<sup>a</sup> que diz respeito esta nota. O discurso academico do qual extractei a passagem allegada, foi impresso em Julho de 1551: L. Andr. Resendii *Oratio habita Conimbrica in Gynnasio Regio anniversario dedicatiois eius die*. Tem dedicatoria á Infanta: *D. Emmanuelis P. Invicti filia D. Joannis III P. F. invicti Sorori Mariae principi eruditissima*, quasi igual á do Poema-Epistola, citado na *Nota* 59. Devo emendar aqui uma asserção inexacta, contida nessa *Nota*. Resende não teceu louvores a Angela Sigea. O unico entre os coevos que dedicou algumas palavras elogiosas á irman de Luisa, foi João Vaseu. — Uma emenda de redacção fez-me affirmar o que nunca pensei.

137 Fernão d'Oliveira, a quem os Portugueses devem a primeira grammatica em vernaculo (Cf. *Nota* 107b), havia ensinado antes de 1536 não só filhos-varões de alguns principaes da terra, mas tambem algumas damas. E como elle, houve indubitavelmente mais mestres, que seguindo o exemplo do Nebrissense, dos Giraldinos, de Marineo Siculo, longe de se negarem, se orgulhavam de ensinar fidalgas.

138 D. Leonor Coutinho, 4.<sup>a</sup> Condessa da Vidigueira e mãe do 1.<sup>o</sup> Marquês de Niza (1606), pertence á geração immediata. A *Chronica do Imperador Belindoro e de D. Belindo* (ou *Belindor*), ficou inedita, mas existe em varios treslados, em bibliothecas publicas e particulares.

139 D. Leonor de Noronha, filha do Marquês de Villareal, era, pelo contrario, da idade da



mãe da Infanta. Não é estranhavel que Nicolas Antonio lhe desse o appellido de Meneses.—Nascida em 1488, em Evora, morreu em 1563, venerada pelas suas virtudes, conforme se lê no *Agiologio Lusitano* de Jorge Cardoso (1454). Essa dama traduziu do latim a *Chronica do Mundo* de Marco Antonio Sabellico, chamada *Enneadas* por andar dividida em onze partes (e não *Aeneidas* ou *Eneida*!) O livro sahiu dedicado á Rainha D. Catharina (1550 e 1553). As duas partes que tratam do christianismo ou da *Redempção*, tiveram edição separada, a qual o editor João Barreira endereçou em 1570 á Infanta D. Maria. D'ahi a fama que D. Leonor pertencera á Academia da Infanta.

140 Falta-nos até hoje copia exacta e completa das listas dos moradores da Infanta. Quanto ao livro das moradias da casa de D. Catharina, tambem só possuímos extractos insufficientes. Na *Hist. Gen. (Prevas II e IV)*, nem mesmo estão consignados os nomes de Joanna Vaz e Luisa Sigea, que o Visconde de Juromenha descobriu nos originaes, com verba de *latinas* e 6\$000 reis de ordenado. Vid. *Obras de Camões* I p. 31.

141 A Epistola poetica a que me refiro — o titulo está impresso na *Nota* 59 — foi a meu vêr composta no mesmo anno de 1551, em que o Eborense recitou o seu discurso academico. Mas anteriormente a 9 de Junho, dia de annos do reinante, em que era praxe celebrarem a reforma da Universidade em commemoração solemne. Na Dedicatoria, anteposta ao Discurso, Resende affirma ter sido «outro dia» recebido pela augusta dama com muita affabilidade: *qua me etiam in tuam fidem non gravate pridie adsepisti*.

142 Ignoro se *Joanna Vaz* (Nicolas Antonio, seguido de muitos outros, dá-lhe o nome de *Anna*) estava por ventura aparentada com a mãe de Resende. Essa chamava-se Angela Leonor Vaz, segundo consta do pathetico epitaphio que o grato filho inscreveu na sua lousa. Graças ás investigações de Barbosa Machado sabemos apenas que o pae de Joanna era licenciado (João Vaz) e o irmão, conego e doutor (Antonio Vaz).

143 D. Manoel de Salinas y Lizana, Preposito e Conego da Catedral de Huesca, no reino de Aragão.

144 Quem, abrindo a *Vida da Infanta* se der ao trabalho de estudar as folhas 135 a 143 ficará surprehendido ao ver attribuido a Achilles Estaço o poema que eu lhe apresentei como obra de Resende. Não sei explicar o erro de Pacheco, que já passou para livros de consulta como o *Catalogo* de Salvá (n.º 3484). Apenas posso affirmar que o douto frade se enganou e que sou eu quem lhe diz a verdade. Possuo o rarissimo folheto que o Eborense mandou imprimir em Coimbra, nos prelos de João Barreira e João Alvares, em Junho de 1551 (*Quarto Calendas Julii*) a fim de offerter á Infanta a Oração, a Dedicatoria, o Poema, e ainda uns versos a Christo Crucificado. — Salinas y Lizana illustrou as obras de Gracian com uma versão dos Epigrammas de Marcial, e contribuiu com rimas para varios certamens celebrados na segunda metade do seculo XVII.

145 João de Barros principiou a redacção do *Espelho de Cosados* em 1529, coucluindo-a no anno 1540, que é o da impressão. Ha edição moderna (Porto, 1846). — De passagem seja dicho que o *historiador* designa como patria sua a cidade de Viseu no § 32 do *Panegyrico* da Infanta.

146 Eis o teor literal do trecho em que Barros quer demonstrar a these que as mulheres são em sciencia tão habeis e tão «sabedoras» como os homens. «Mas acabo este conto, com quem fora razam hir mais cedo, que he Joana Vaz, natural de Coimbra, criada da Rainha Nossa Senhora, por suas virtudes e doctrinas muy aceita a ella nas letras latinas e outras artes humanas mui docta, de quem vi algumas *cartas* por que bem se pode provar esta noticia que dou della».

147 Fernan Nunes de Guzman, Comendador da Ordem de Santiago (1553), é mais conhecido por esse titulo, que os coevos lhe deram — distinguindo assim o varão que em Alcalá e Salamanca era o mais profundo conhecedor do idioma de Homero. Hoje estimamo'-lo especialmente como collecter de 6:000 proverbios peninsulares.

148 Os versos dirigidos a Joanna Vaz formam parte de um livrinho raro e precioso: *Arii Barbosa Lusitani Anti-Moria*, Coimbra, Santa Cruz, 1536. — Vid. p. xxxvi: *Ad Johannam Vaaz*.

149 Calculo que ella entraria em 1530 no paço da Rainha e que nesse anno começaram os estudos de latim da Infanta D. Maria. — Do Cardeal-Infante D. Affonso sabemos que gastou sete annos nesse estudo, com mestres competentissimos como Ayres Barbosa. — E' este erudito que assim o confessa na Introducção ao livro acima citado, que dedicou ao discipulo: *Hoc alterum laboris nostri munus septennio absolvimus in quo & loquendi & orandi & disserendi artem didicisti cum ceteris humanitatis munditiis*. Com respeito a Joanna Vaz, ainda o seguinte: No Poema de Resende ha uma passagem que parece estar em contradicção com as phrases sobre a sua idade, pois diz, gabando os seus bons costumes, que até então passou sem culpas a sua juventude (*ut sileam mores inculpateque iuventam hoc tenus exactam*). Não seria, comtudo, inexacto traduzirmos: *toda a sua juventude*.

P. S. — Graças ás inquirições a que procedeu o distincto paleographo a que já alludi ao fallar da letra da Infanta, sei agora (a 28 de maio de 1901) que não me enganei nos meus calculos. O 1.º livro de Moradias da Casa da Rainha em que aparece Joanna Vaz, é de 1530.

Sei mais (em data de 27 de junho) que a Joanna Vaz estavam entregues e confiados em 1534 os codices e livros da Rainha D. Catharina. Vid. a laboriosa e muito interessante Memoria de

Sousa Viterbo sobre *A Livraria Real, especialmente no reinado de D. Manuel* (p. 37), que acaba de sahir dos prelos da Academia (Lisboa, 1901).

150 Para fallar de Joanna Vaz explorei todas as fontes indicadas por Barbosa Machado, menos duas que não pude compulsar, e são: Frei Luis de S. Francisco, *Prologo ás Linguas Sanctas* e C. J. Imbonati, *Bibliotheca Latino-Hebraica*. Acho pouco provavel que estes auctores soubessem da illustre portugueza mais do que os conterraneos e coevos. Ainda assim deixo em aberto, se por acaso apurariam noticias que desconheço sobre os seus estudos hebraicos. — A este respeito lembrarei que Frei Fortunato de S. Boaventura, não satisfeito de repetir as informações de Barbosa Machado, avança no caminho das affirmações não provadas, dando por mestre a Joanna Vaz o pae da Sigea. Como Diogo Sigeo sabia e ensinava o hebraico (em Toledo pertencera ao circulo dos que trabalharam na Biblia Polyglotta de Cisneros) não é impossivel que o ensinasse a Joanna e Luisa, juntas. Tambem pôde ser que de mestre figurasse Frei Francisco Foreiro, o qual, sendo conhecedor eminente das linguas semiticas, era muito do agrado dos Reis e da Infanta.

151 Escrito em tempo de D. João V (*Pro epistola nuncupatoria*) o *Enthusiasmus* foi publicado no tomo I do *Corpus Illustrium Poetarum Lusitanorum*. Alli diz:

Vasia prima sedet Lysiae clarissimus Aulae  
Splendor, operta comas lauri viridante corona,  
Plectra canora manu feriens sic dulciter, immo  
Posset ut e pelago melius Delphinis in auras  
Vellere quam vulsit quondam Citharaedus Arion  
In sua damna fera cum vidit surgere nautas.

João de Sousa Caria, ao verter em 1731 para português as exagerações encomiasticas do Padre Antonio dos Reis, foi muito mais além na demasia dos louvores, traduzindo p. ex. *splendor* pela palavra *portento*, conforme já foi indicado por Silvestre Ribeiro na biographia da Sigea, que mais abaixo terei de citar.

152 No Poema de Resende vemos applicado a Joanna Vaz a expressão *carminibus tibi nota suis* isto é, «conhecida a ti, Resende, pelos seus canticos». Infelizmente, nas Obras do Eborense (1551 e 1600) lê-se: *tuis*. A meu vêr é erro, que os posteros emendaram com toda a razão.

153 *Primeiramente* aqui não significa «antes de ninguem». Não foi Nicot quem lhe conferiu o nome romantico de Aloysia. Nem tão pouco João Vaseu, que o usou no seu *Chronicon (Hispania Illustrata*, I, 593). Inventor do termo foi o papa Paulo III em 1556, ou antes um dos seus secretarios. Bembo? ou Sadoletto? — Ainda assim, os latinistas peninsulares, não podendo ter conhecimento do Breve do pontifice, utilizaram até 1566 as formas *Loysa, Luisia e Ludovica*.

154 O poema *Sintra* foi impresso em 1546 (?) 1566, 1781, 1862 e 1880. O titulo completo vae na *Nota* 181.<sup>o</sup>

155 Modernamente um erudito musicographo castelhano, F. Asenjo Barbieri, tentou impugnar a origem franceza dos Sigeos, por causa do apellido *Toletonus* que viu apposto ao nome Diogo Sigeo num rarissimo opusculo sobre acentos musicaes, impresso em Lisboa (1560) e dedicado ao Cardeal-Infante D. Henrique. Satisfeitissimo por assim restituir á Hespanha um varão illustre, esqueceu chamar á auctoria os contemporaneos de Diogo e a propria Luisa. Aliás, teria encontrado entre os primeiros um conhecido que em vida do pae o chamou *francês de nação*. Fallo do celebre erasmista palentino, o Arceidiago de Alcor, Alonso Fernandez de Madrid que se occupou da gentil Luisa, o «monstruo da natureza», na sua *Historia de Palencia*. Quanto a essa, ha em uma das cartas d'ella uma passagem em que se caracteriza a si propria de «toledana de nação, portugueza pela criação, e oriunda de França» (*quum patria essem Toletana, nutrita tamen apud Lusitanos, ac e Gallis oriunda*). A essa carta, dirigida a Felipe II, ninguem poderá negar valor documental. — Conhecendo estes pormenores é facil avaliar com quanto direito uns dão a Luisa o titulo de *toledana*, emquanto que outros, sabendo unicamente dos louros que colheu em Portugal, a tratam de *foemina lusitana*. — Mais estranhavel do que a precipitação de Barbieri (*Boletin Historico*, I, 53) é a de Silvestre Ribeiro, que propagou a novidade na *Revolução de Setembro* (N.º 11:234), sem recordar-se dos trechos que acabo de explicar e fazem parte da extensa monographia, por elle proprio dedicada á gentil Aloysia Toletana. Vide *Nota* 185.

156 A mãe chamava-se D. Francisca de Velasco, segundo informação de Carvalho, na *Corographia Portugueza* III 284. E' pois com justo motivo que muitos auctores lhe dão o nome *Luisa Sigea Velasco*. Parece mesmo que ella assignava assim em cartas intimas. Cf. *Nota* 158. Ignoro se a mãe estava viva em 1543 e acompanhou as filhas. Segundo Carvalho (III 284), tem jazigo commum com o marido, no Carmo de Torres Novas, circumstancia que, a ser veridica, fallaria a favor da hypothese.

157 Graças a apontamentos seus e alheios, sabe-se ao certo que, nascida em 1530, veio a Portugal na idade e no anno que indiquei. Bastará lembrar mais uma vez o que em 1551 Resende

dizia d'ella: «Contando apenas tres vezes sete annos, compulsu indefessa, de dia e de noite, codices latinos, gregos, hebraicos e arabes:

Nam quum septenae vix dum trieterides annos  
Computet, indefessa, dies noctesque, Latinas  
Volvere non cessat chartas, non cessat Achaëas,  
Moseaque & Solymos rimatur sedula vates.

Muitos auctores portuguezes trocaram os papeis, caracterizando Joanna Vaz como menina-prodigio e Luisa Sigea como matrona, e professora d'aquella! Outro erro é o de representarem ambas como alumnas da Infanta. Trabalhando no seu paço, consultando a sua bibliotheca, lendo com ella escritos de poetas e historiadores, ambas fariam progressos notaveis. Tambem é possível que assistissem ás prelecções, dadas á Infanta por summidades scientificas. Mas de lá a tratá-las de discipulas da propria Infanta — ainda ha distancia!

158 (P. 39 l. 14, e não 16). O pae fôra principal preceptor d'ella, segundo declaração da propria Luisa (*patre quo in plurimis usa sum praeceptore*), fazendo-a tomar parte nas lições de um irmão mais velho, do qual diz: *paribus mecum auspiciis in linguarum varietate est institutus*. Mas outros mestres o haviam secundado (*et latina lingua, graeca, hebraea, chaldaeo, nec non arabica mediocriter a patre meo caeterisque praeceptoribus erudita*). Entre elles tem o primeiro logar o castelhano Alvaro Gomez de Castro, elegantissimo humanista toledano, e o melhor biographo do Cardeal Cisneros. Outro conhecido seu que talvez ajudou a instrui-la era Alonso Garcia Matamoros. Ignoro quem se interessou em Portugal pelos seus progressos. André de Resende? Frei Francisco Foreiro?

159 Numa carta infantil que deve ser das primeiras que escreveu, ainda em Toledo, a pequena epistolographa agradece um ramo de violetas e herva cidreira que o mestre e amigo paternal havia colhido para ella no seu jardim. Muito lhe agradara o aroma. Mais suaves lhe foram todavia as flores do ingenho de Alvaro Gomez que acompanhavam o ramalhete.

160 Tambem neste caso é ella quem assevera haver-se occupado de tantas linguas, já antes de ter sido chamada a Portugal (*quum tot linguarum atque aliarum artium studiis a teneris annis desudarem ac deinde in regum aula adscita fuerim*). Sem isso, quem nos prestaria fé? — O chaldaico é evidentemente a lingua semitica fallada na Syria, e não o idioma turaniano, cujos caracteres cuneiformes ainda não eram no seculo XVI objecto de estudo. Erroneamente alguns biographos da Sigea fallam do syriaco e chaldaico como se se tratasse de dois idiomas diversos □

160b (P. 59 l. 26). D'esta primeira carta ao Pontifice, ainda não procurada nos Archivos do Vaticano, sabemos pela 2.<sup>a</sup>. Não verifiquei quem é o egregio poeta-philosopho *Britonius* ahi nomeado, que fôra em 1540 portador ou expedidor da primeira carta e persuadiu a Sigea a dirigir a segunda a Paulo III. Seria um hespanhol chamado *Breton*? um francês *Lebreton*? Ou por ventura o Eusebio, residente em Coimbra, ao qual Nicolás Antonio se refere?

161 Diogo Sigee assignava de Toledo em vernaculo; *Toletanus* em obras latinas, até morrer, em 1562, ou pouco depois. Nesse anno dirigia uma carta latina a Miguel Cabedo, que o curioso encontra nas *Antiquidades Lusitanicas* (Ed. Roma de 1597, p. 514). A epigraphe diz: *D. Sigeeus Toletanus Michaeli Cabedio Regio Senatori Salutem*. — E' datada de Lisboa: 4 Id. Febr. ann. salut. 1562. Desconheço ultteriores sinaes de vida.

162 Entre os seus discipulos, os mais notorios são o Principe real, D. Theodosio de Bragança e os irmãos d'est'ultimo. — Da sua actividade como mestre dos moços-fidalgos existem provas abundantes. Vejam p. ex. a *Hist. Gen., Provas* II 381, 382, 67; v 384, VI 620 (O Doutor Mestre Diogo).

163 *A principibus rogato ac potius coarcto patre*. Estou persuadida, repito-o, que foi D. Leonor quem instigou Carlos V a recommendar as pequenas latinas e o pae, aos monarchas portuguezes, sempre com o intuito de beneficiar a Infanta, sua filha.

164 Creio que admittida no paço, permaneceu entre as meninas até 1546, embora logo venesse ordenado de dama. A pouca idade excluia a possibilidade de immediatamente lhe darem honras de mestra. E' assim que deveremos entender as palavras do flamengo Vaseu, amigo de Clenardo e relacionado com Sigeeu, «que Luisa foi educada no paço regio durante muitos annos.» (Vid. Schott, *Hispania Illustrata* I, 593). Quanto á erudição, embora nenhuma no paço podesse concorrer com ella quanto á vastidão do saber linguistico, é quasi certo que em latinidades, incluindo composições epistolares, a Infanta e Joanna Vaz não lhe ficavam atras, e por muito que soubesse, muito mais lhe restava aprender!

P. S. — Nos livros de Moradia, Luisa figura desde 1543. E' quanto o Snr. General Brito Rebello apurou até hoje.

165 O francês e o castelhano deviam ser-lhe familiares desde a meninice. Igualmente o portuguez, ao cabo de curto prazo. Quanto ao italiano, temos o testemunho de Resende que affirma no Epicedio, em que chorou a sua morte, ter ella fallado com grande pureza a lingua de Dante (o *tusco* ou *etrusco*), e a francesa com tal naturalidade que todos a tomavam por francesa. Os que a chama-

ram «perita em cinco linguas» contavam apenas as linguas antigas classicas e orientaes — como p. ex. seu fiel amigo, o velho Resende, na composição de 1551! Perita em nove linguas seria mais exacto.

166 Retrato de pura phantasia, abstrahido das noticias soltas, espalhadas nas obras que me servem de fonte.

167 As redacções eram cinco, como fóra de esperar, e não tres como por engano foi affirmado. O proprio papa assim o expõe na memoravel resposta de 6 de janeiro do 1547, com que a distinguiu, dizendo: *Delectati valde sumus in Domino ex tuis litteris quas ad nos latine, graece, hebraico, syriace, atque arabice scriptas dedisti.* — E' natural que apenas se publicasse o texto em latim (1566, 1862 e 1880). Mas para nós, os philologos, formarmos ideia dos conhecimentos positivos de Luisa seria muito para desejar que em Roma procurassem as outras versões, principalmente a arabe. Em vista das sérias difficuldades com que teve de lutar Nicolau Clenardo, para travar relações com arahistas doutos, bom era apurar quanto a Sigea sabia.

168 O curioso encontra o Breve do Papa e a Carta de Luisa na *Memoria* de Silvestre Ribeiro (a p. 25 e 37), cujo titulo indico na *Nota* 183. As outras impressões são rarissimas.

169 Em testemunho de que realmente foi mestra da Infanta, basta citar uma passagem da carta de queixumes e sollicitações que a propria Luisa dirigiu em 1558 a Felipe II. Diz ella: «não sem gloria desempenhei as minhas funcções como preceptora da Serenissima Infanta D. Maria» (*erga Mariam Infantem Serenissimam praeceptoris munere non infelicitèr usa.* — Vaseu, dirigindo ao Cardeal-Infante D. Henrique a sua *Chronica Rerum Memorabilium Hispaniae*, metteu entre os louvores tributados aos Sigeos a sentença: *in familia est Ser. Mariae principis primaria.* O Arceciano só pôde repetir o que constava a todos: «el padre la puso en palacio en servicio de la Princesa Maria». Deante do seu tumulo, Resende perguntava: Quem teria sido mais apto a servir de mestra da Infanta?

Ecqua autem Mariae divino principis ortu  
aptius a studiis danda ministra fuit?

170 E' numa epistola intima a seu cunhado Alonso de Cuevas que se lêem as expressões citadas.

171 De varias cartas transpira a consciencia que tinha da sua nobreza scientifica, a qual obriga tanto como a do sangue. Para todos os seus requer «aquella condição que convém aos irmãos e ao esposo de Sigea, a Polyglotta.»

172 Vid. *Nota* 170.

173 De dois irmãos seus, o mais velho, educado com ella, havia estudado theologia em Alcalá e Coimbra; o mais novo estava em Roma, em companhia de Gaspar Barreiros, desejoso de alcançar um emprego, junto da curia.

174 Enganam-se os que crêem destinada a Paulo III (*Farnese*) a carta escrita em Julho de 1557. Este morreu em 1549. — Paulo IV (*Caraffa*) occupou a Santa Sé de 1555 a 1559.

175 Na sentida inscripção tumular do marido não ha data. Tão pouco no epitaphio do francès Claude Monseau, nem na que foi elaborada em Portugal por André de Resende. As que indico acham-se exaradas no epitaphio litterario, composto por Juan de Merlo (port. *Mello*, lat. *Merulus*), coevo, patriocio e amigo de Diogo Sigeu. (Vid. Nic. Ant. e Gallardo, *Ensaio* N.º 1494). — Alguns auctores pensam que Luisa morreu em 1561, fiados nas palavras do Arceciano de Alcor, que a deu por viva ainda nesse anno. O facto de as homenagens funebres de Resende terem sahido em 1561 não é decisivo para a data 1560. O robusto ancião trabalhava com desembaraço tal, e a sua veneração pela Heloisa portuguesa era tão férvida que, sabendo do seu passamento em principios de Novembro, o resto do anno chegava para elle compôr e fazer imprimir a sua concisa commemoração (quatro folhas apenas): *Ludovicæ Sigææ Tumulus L. Andrea Resendio Auctore. Apud Hæredes Germani Galiardî, An. M. DLXI. Olyssippone. Venalis apud Iohnnem de Borgo. Regium Bibliopolam in vico novo.* Nicot as reimprimiu em 1566.

176 O algarismo está fóra do seu logar. Às palavras «rica em trabalhos e em encomios» é que se refere esta minha glosa sobre as riquezas de Luisa. Lá fóra não quiseram acreditar que em Portugal os governantes lhe faltaram com a justa remuneração. João de Mello, o de Toledo, citado em a *Nota* anterior, — auctor de uma collecção de proverbios — rematou o seu epitaphio com a sentença: «Toledo lhe deu a vida; a Lusitania honras e riquezas (*Lusitania honores et divitias dedit*); Burgos o marido, a filha, o coval.» — E essa fama voou. Vejo-a assentada p. ex. na *Italia et Hispania Orientalis* de Paulo Coloma (1730), que affirma: *non modicas opes ex regali munificentia sibi paravit.*

177 Nem todos os panegyristas se conformaram com este titulo. — E' curiosa a opposição de Resende. No dithyrambo sincero em que exalta os meritos da Sigea, são as nove Musas que choram o seu fim prematuro. Mais ainda porém, o facto. . . de não a poderem admitir no seu côro *virginal!* Para que tambem se lembrou ella de casar? Tres vezes entoam o estribilho:

*Et nisi virgineum thalamus violasset honorem  
Hac ultra noster cresceret ordo novem!*

178 Eis o epitaphio expressivo, gravado em doze linhas de estylo lapidar na sepultura de Luisa pela mão do esposo: *D. O. M. | Loisiae Sigæe Foeminae | Incomparabili | Cujus Pudicitia cum Eruditione | Linguarum | Qua in ea ad miraculum | Usque fuit | Ex æquo certabat | Franciscus Cuevas Moerentiss. | Conjugi B. M. P. | Vole Beato Animula. Conjugi | Dum vivet | Perpetua lachryma.*

179 Varios estão colligidos. Outros continuam ineditos. Tencionava publicar aqui a *Elegia* de Pedro Lainez, que principia:

*Si de triste licor tan larga vena,  
Musa llorosa mia, has derramado,*

segundo os Mss. Paris. 598 f. 99 e 603, f. 135. Sabendo todavia á ultima hora que um douto hespanhol havia encomendado um treslado, afim de o publicar na *Revue Hispanique* VII, desisti do meu intento. Falta-me descobrir um soneto de uma dama italiana, mencionado por Faria e Sousa, sem informações que facilitem a procura.

180 O melhor de todos é o de Resende. Traduzido diz: *Aqui jaz Sigæa. Isto basta. Quem ignora o resto, necessitando explicações, é barbaro, avesso ás boas artes.* Quanto ao lugar onde jaz, mal se pode duvidar que seja Burgos. — A lenda conta que Luisa desejou dormir em terra portuguesa e que a familia a tresladou para o Carino de Torres Novas. Essa lenda nasceu a meu vêr do facto que entre os descendentes de Angela houve outra *Luisa Sigæa*, ahí enterrada no jazigo dos Mellos. — Cf. Carvalho, *Corografia Portuguesa* III 284 e 287.

181 *Syntra Aloisiae Sigæe Toletanae aliæque eiusdem ac nonnullorum præterea virorum ad eandem epigrammata quibus accessit Pauli III P. M. epistola de singulari eius doctrina ac ingenii præstantia. Tumulus eiusdem ab Andrea Resendio et Claudio Moncello concinnatus.* — Parisiis M. DLVI. — Silvestre Ribeiro reimprimiu o poema. — Suspeito que em 1546 a propria Luisa havia mandado compôr alguns exemplares, perdidos hoje, para a Infanta, e os amigos e admiradores, visto que na carta a Paulo III, nomeando a sua composição, a caracteriza do modo seguinte: *in gratiam Mariæ Portugallia Infantis Serenissima editam, cui nostras operas eo libentius locamus quod quemadmodum cum Caesare ac reliquis monarchis sanguinis splendorem sic cum Musis rationem studiorum habet coniunctissimam.*

182 *De Arcanis Amoris et Veneris Aloisiae Sigæe Toletanae Satyra Satadica.* O verdadeiro auctor é, na opinião geral, *Nicolas Chorier*; e não *Meursio*, ao qual em França quizeram impôr a responsabilidade do nefando crime.

183 Alvaro Gomez de Castro, fiel ao culto de amizade que lhe consagrou, foi guardando as cartas de Luisa, e alguns versos d'ella. — O seu espolio veio ter á Bibliotheca do Conde-Duque de Olivares, e posteriormente ao *Convento del Angel*, de carmelitas descalços de Sevilha. No catalogo respectivo, extractado por Gallardo no *Ensayo*, vol. IV sob N.º 4541, vejo registadas 1.º *Algunas cartas y poesias de Luisa Sigæa de Velasco* na Caixa D. N.º 11 f. 72 ss. (col. 1509); 2.º *Quatro cartas mi doutas a um seu amigo* (ib. col. 1494); 3.º *Cartas d'ella a Alvar Gomez*; Caja I, N.º 10 da Miscellanea X das que juntara o sabio toledano. (ib. col. 1508). — Pacheco (f. 96), viu um maço de cartas suas em poder de um tartaraneto de Luisa, D. José Ronquillo, Visconde del Villar, gentil-homem da camara de D. Juan de Austria. — Nicolas Antonio (*Bibl. Hisp. Nova II*, p. 57 e 346) possuia copia, de letra de Pellicer; e tão curiosas as achou que resolvera publicá-las em Appendice á *Bibliotheca* — plano que não se realizou. Francisco Cerdá y Rico, que as teve entre mãos, prometeu supprir esse esquecimento; mas tambem não chegou a desempenhar-se da sua promessa. — Algumas, que pertencem ao Museu Britannico, serão publicadas em breve, juntamente com a *Elegia* a que já me referi, por Adolpho Bonilla y San Martin, na *Revue Hispanique*, segundo teve a bondade de informar-me o illustre director d'essa publicação, R. Foulché Delbosc.

184 O já citado Arcediano de Alcor, que viu o Dialogo autographo, exalta-o muito na sua *Historia de Palencia*. Silvestre Ribeiro attribue a Luisa ainda uma *Arte Poetica*. Mas erradamente. *Poetica eius quadam* de Nicolas Antonio significa alguns versos d'ella e refere-se aos papeis de Alvar Gomez, guardados na livraria olivarense.

185 As fontes para a Vida de Luisa Sigæa são, além dos seus escritos, os apontamentos de Resende (1551 e 1561); os de Vaseu (1555), os de Alonso Garcia Matamoros, no escripto *De Academicis et doctis viris Hispania* (1558); Alonso Fernandez Madrid (1561); Nicot (1566); Nicolas Antonio. Os melhores estudos modernos são os seguintes: Allut, *Aloisia Sigæa et Nicolas Chorier*, Lyon 1862, opusculo bastante raro, de tiragem restricta (112 ex.); J. Silvestre Ribeiro, *Luisa Sigæa, Breves apontamentos historico-litterarios*, Lisboa 1880. — Como fiz com respeito a D. Maria, supprimi tambem a lista extensa das obras nacionaes e estrangeiras que encerram apontamentos derivados sobre Luisa.

186 *Hispania Chronicon*, em Schott, *Hispania Illustrata* I 593. Fallando de Diogo Sigæo e de Luisa continua: «sed alteram quoque filiam Angelam Graece Latineque pro ætate et sexu non

mediocriter eruditam, tam exacta Musices scientia curavit perdocendam, ut cum praestantissimis illius artis professoribus contendere posse putem.»

187 Já citei o paragrapho do *Panegyrico* de Barros, dedicado aos exercicios musicaes da Infanta.

188 A respeito dos Sigeos de Velasco e Mello, de Torres Novas, e do retrato das duas irmans, consulte-se a *Chorogr. Port.* III 289 ss.

189 A familia do marido tinha jazigo na igreja parochial de Santiago.

190 O cancionero de todas as obras de seu pae, para o qual obteve privilegio em vida de D. João III, foi afinal publicado por Luis Vicente, irmão de Paula — que serviu de moço ao Principe e subiu depois a escudeiro e cavalleiro (1594).

191 Vid. o estudo do Visconde de Sanches de Baena sobre *Gil Vicente*, Lisboa 1890.

192 O primeiro que a comparou á mulher de Luciano, fallando da sua collaboração na obra do pae, foi o auctor do *Enthusiasmo Poetico*.

193 Vid. Juromenha, *Obras de Camões* I, 30; Visconde Sanches de Baena, p. 6 e 55, Documento VIII; Silvestre Ribeiro 49, e Th. Braga, *Gil Vicente*, ed. 1898, obra na qual ha reflexões judiciosas ácerca de Paula, no mesmo sentido restrictivo que aqui advogo (p. 146, 174, 181, 269 e 273).

194 O grande zelo religioso da Rainha D. Catharina só poderá ser estranhado por quem não se lembrar das tristissimas scenas que presenciara na sua juventude. Filha posthuma de Felipe o Bello, nasceu em Torquemada, durante o phantastico cortejo funebre com que a viuva levou a Granada o corpo do defunto rei. E viveu sempre em severa reclusão, ao pé da mãe, em Tordesilhas, d'onde sahiu directamente para occupar o throno portuguez (1524).

194<sup>b</sup> Nas *Notas Addeccionaes* 107<sup>b</sup> e 149<sup>b</sup> já me referi á copiosa livreria da Rainha D. Catharina e aos importantes subsidios para a sua physiognomia intellectual, recentemente desenterrados por Sousa Viterbo. Nos codices 160, 161 e 163 da Torre do Tombo (da antiga *Casa da Coróa*) em que se descreve a despeza da Rainha, ha verbas importantes relativas aos seus livreiros, encadernadores e impressores; longas listas de volumes entregues á camareira ou a Joanna Vaz; sommas para livros da Infanta (sua filha). A maior parte dos livros que mandou comprar versava sobre assumptos devotos e ethicos. Já mencionei as grammaticas que adquiriu. Entre os textos profanos, ha muitos de historia antiga e moderna: Plutarco, Julio Cesar, Quinto Curcio, Josepho; Cronicas de Hespanha, Aragão, Navarra; as do Condestavel, Rey D. Pedro, Juan de Castella; a Cronica fabulosa del Rey Rodrigo, a Cronica Troyana, a dos *Nueve de la Fama*. Não desprezou de modo algum a poesia. Ao lado do Cancionero Português estava o Castelhana, o de Juan del Enzina, o de Jorge Manrique, as poesias de Mena e Santilhana, e o Mingo Revulgo.

195 Este Senhor D. Duarte, filho de D. João III, nascido antes do casamento com D. Catharina, destinado para Arcebispo de Braga, era muito afeiçoado ás letras, e documentou essa sua inclinação em um tratado, repleto de citações e allusões eruditas. (*Hist. Gen., Provas* III 40). Os mestres e condiscipulos enaltecera-no como um portento de sabedoria. Mas nem mesmo este rebento-espurio do tronco regio medrou. Ao cabo de quatro lustros, definhou, extinguindo-se em 1543.

196 D. Antonio, o infeliz Prior do Crato, de caracter e actos tão problematicos e controversos, fóra educado em S. Cruz.

197 Veja-se p. 34 e *Nota* 126.

198 *Hist. Gen., Provas* II 436-438; *Bibl. Eboense*, Cod. CIII — 2 — 26 fl. 70, 72 e 309. — Rivara, no *Catalogo da Bibliotheca*, vol. III 179, attribuiu erroneamente á filha de D. Manoel essas cartas infantis, confundindo as duas Marias, como tantos outros auctores nacionaes e estrangeiros. Escritas em portuguez, são dirigidas ao noivo (D. Felipe), á cunhada (D. Juana) e ao Imperador (Carlos V). Falta a carta ao pae, a cuja resposta me refiro no texto e na *Nota* que segue.

199 *Hist. Gen., Provas* II 438. O «fosse» é accrescento meu.

200 *Recibimiento de D. Maria, muger de Felipe II.* — *Bibl. Nac. de Madrid*, Ms. P. 47.

201 *Trovas que se fizeram quando el-rei D. João III casou a Infanta D. Maria sua filha com Philippe, filho do Imperador Carlos V, Rei de Espanha, e dizem que as fez o Infante D. Luis seu irmão.* Conheço-as, directamente, de uma *Miscellanea* da *Bibl. do Porto*, já explorada por Camillo Castello Branco (*Jornal da Manhã* 1890 N.º 172) e tambem por Fernando Palha no *Catalogo da sua Livreria* (N.º 4570). — Outros restos da actividade litteraria do Infante estão ineditos: cartas, aphorismos, trovas sentenciosas. Alguns Sonetos sacros, de sentimento profundo, e forma polida, andam encorporados nas obras lyricas de Camões.

202 Esta composição talvez represente a estreia poetica de Jorge de Montemor. O curioso encontra-a no *Catalogo Razonado* de D. Garcia Perez (p. 393), copiada sobre o unico exemplar conhecido da edição original, resguardado na *Bibl. Nac. de Lisboa*. — Desconheço os motivos porque o auctor as dedicou ao esclarecido Regedor das Justicas de Portugal, D. João da Silva. Apenas tenho vagas suspeitas a que darei vasão no fim d'este estudo, ao fallar dos Silvas.

203 *Ignatii Moralis in Interitu Principis Joannis Elegiae duae* 1554. — *Joannes Princeps recenti fatu functus et Maria eius soror in Olympto colloquuntur.*

204 *In obitum D. Joannis III Lusit. regis conquestio*, v. 37 ss.

205 Barbosa Machado II 336 (s. v. Gaspar Barreiros) regista uma *Carta Consolatoria*, escrita em Roma a 4 de Dez. de 1563 (sic) á Infanta D. Maria ácerca da morte do Infante D. Duarte seu irmão; e uma *Egloga pastoril* em louvor da Infanta D. Maria. Não discuto neste logar os pontos duvidosos, que são tres: a identidade do Infante D. Duarte, a da Infanta D. Maria, as datas das viagens de Barreiros a Roma.

Tocando pela ultima vez na confusão entre as varias Marias, estabeleço apenas que a Infanta á qual Jorge de Montemór offertou no anno 1548 a *Exposicion Moral sobre o Psalmo 86*, não é nenhuma princesa portuguesa, mas sim a filha de Carlos v, e que é esta mesma que vemos nomeada no *Canto de Orfeo*, na primeira das estrophes laudatorias, ainda com precedencia a D. Juana, sua irman:

Los ojos levantad, mirando aquella  
Que en la suprema silla está sentada,  
El cetro y la corona junto á ella,  
Y de otra parte la fortuna airada:  
Esta es la luz de España y clara estrella,  
Con cuya ausencia está tan eclipsada.  
Su nombre ¡ oh ninfas! es doña Maria,  
Gran reina de Bohemia, Austria, y Hungria.

La otra junto á ella es doña Juana,  
De Portugal princesa y de Castilla,  
Infanta á quien quitó fortuna insana  
El cetro, la corona y alta silla,  
Y á quien la muerte fue tan inhumana  
Que aun ella á si se espanta y maravilla  
De ver cuan presto ensangrentó sus manos  
En quien fue espejo y luz de lusitanos. (Estr. 4 e 5).

A explicação é simples. Jorge de Montemór, embora português de nação, era devedor de ferrosos agradecimentos ás filhas de Carlos v porque o haviam admittido como cantor da sua capella. Na viagem a Portugal acompanhou a Princesa D. Juana como seu aposentador (1553-1554).

206 *Epithalamium in laudem nuptiarum Alexandri et Mariæ principum Parmæ et Placentiæ.*

207 Esse Templo de Gloria, ou *Canto de Orfeo*, acha-se no Livro Quarto do Romance Pastoral.

208 Estancia 6. — A allusão á morte de D. Leonor serve para determinarmos a data 1558 como termo *a quo* da conclusão e publicação da *Diana*.

209 Estancia 7. — Confira-se a descripção das filhas de D. Duarte na Egloga III de Caminha.

210 *Epithalamio ao casamento da Senhora D. Maria*. Do mesmo Ferreira ha uma carta e uma Ode ao Senhor D. Duarte.

211 As *Poesias Ineditas* de Pedro de Andrade Caminha, publicadas pelo Dr. Joseph Priebsch (Halle 1898) e por elle illustradas com *Notas* elucidativas e uma judiciosa Introducção, dão ideia cabal da bem merecida veneração que a esse Senhor D. Duarte (1540-1576) e a suas irmans dedicavam todos os servidores da sua casa, e dos Braganças.

212 Essa prosa devota foi, por ordem de D. Catharina de Bragança — filha da auctora — entregue em 1633 ao Inquisidor D. Manoel de Valle de Moura, que a achou digna de sahir a lume. A familia preferiu, porém, deixá-la sepultada no esquecimento, na Bibliotheca Brigantina, onde talvez pereceu em 1755.

213 Ignoro, se o tratado subsiste, ou não.

214 *Museu* é nome dado ao gabinete de estudo das doudas Senhoras por Andrade Caminha num dos seus Epigrammas, por signal muito insulso (N.º 469 das *Poesias Ineditas*). Ali só falla de sciencias e virtudes, omitindo as artes, que exalta todavia em outras composições.

Neste real *Museu* a ociosidade  
Nunca tem tempo; cabe aqui sómente  
Ora e preço, e saber e auctoridade,  
Letras, contino estudo e diligente,  
Santissimos costumes, gram bondade,  
Maravilhas d'ingenho alto e prudente:  
Tudo em dous réaes espiritos, dous extremos,  
E em graça e fermosura dois extremos. (sic.)

215 Vejam, além do *Epithalamio* de Ferreira, a *Egloga Protheo* de Caminha; e as suas *Epistolas* 13 e 15.

215<sup>b</sup> (P. 47, l. 5). Recapitulando, indicarei a chronologia das damas quinhentistas, illustres por letras, de que me occupei, ou occuparei :

- D. Leonor de Noronha nasceu em 1488.
- Joanna Vaz, certamente antes de 1510.
- Isabel de Bragança, antes de 1512.
- Paula Vicente, no anno 1513.
- A Infanta D. Maria, 1521.
- A Princesa D. Maria, 1527.
- Luisa Sigea, 1530.
- Angela Sigea, 1531. (?)
- A Senhora D. Maria de Parma, 1538.
- A Senhora D. Catharina de Bragança, 1540 (casou em dez. de 1563 e morreu em 1614).
- Hortensia de Castro, 1548.
- D. Leonor Coutinho, entre 1570 e 1580.

216 Entre muitos nomeio Th. Braga, *Gil Vicente*, 2.<sup>a</sup> ed., p. 273, e Ramalho Ortigão, *Vida de Camões*, 1880 p. 59.

217 Sá de Miranda, *Poesias* N.º 251, 127.

218 Francisco da Silveira, filho de Fernão da Silveira, e neto do famoso Coudel-mór do Cancioneiro de Resende.

219 Wilhelm Storck: *Vida e Obras de Luis de Camões, Primeira Parte: Versão do Original Allemão, Annotada por* Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Lisboa, Typ. Acad. Real das Sciencias 1898.

Copio o principio do § 139: «Será verdade que a Infanta D. Maria foi protectora e fatora de Camões, quer fosse cerca de 1540, ou mais tarde, depois de 1570? Respondo que não. Não hesito um instante em assentar que o Poeta nunca entrou na Academia litteraria da Princesa. Porque? Simplesmente porque era um homem; e aquelle conventiculo era exclusivamente de damas. O caracter um pouco austero e devoto da Infanta não admitte a hypothese contraria. A virtude era para ella a verdadeira e unica sabedoria, e a suprema virtude resumia-se a seus olhos na santa castidade. As sensações e paixões mundanas eram-lhe estranhas e indifferentes. As bellas e nobres feições do seu rosto revelam grande placidez e uma seriedade um tanto fria.»

220 Na *Arte de Galanteria* — livro que na opinião de Francisco Manoel de Mello merecia que por elle estudassem todos os galantes — ha, como sabem, uma pragmatica inteira a respeito de poesias dirigidas ás damas da côrte. Tão impertinente era essa pragmatica que um discreto chegou a maldizer das *Cabeças de Motes* por causa das muitas mãos que corriam, e o desasseio com que chegavam ás vezes, «con aquella obligacion de que no se quede ninguna sin la dispensacion de la Camarera mayor, aquella dallos a un Mayordomo, que los dê a la dama a que van encaminados, y ella llevarlos a la Reina que los abra y luego mandar que respondan... Mas ceremonias solian tener, que el tiempo lo fue quitando como impertinencias.»

221 Juromenha, *Camões* I p. 30.

222 Herculano, *Opusculos* VI 113.

223 *Ib.* p. 74 e 76.

224 Pacheco f. 92.

225 *Ib.* f. 180 (225). No Codicillo do Testamento recommenda aos reinantes, as suas damas, especializando duas, que não teve tempo de casar.

225<sup>b</sup> (P. 52 l. 3). O bobo mais festejado de D. João III era um preto crioulo, chamado João de Sá, por alcunha Panasco, engraçado a ponto de o monarca lhe outorgar entre frouxos de riso, o habito de Santiago. Outro, Joanne de Braga, velho parvo que sabia alegrar a pessoa mais «malenconizada», a quem seu empresario, o christão-novo Duarte da Paz levava ora a el Rey, ora á Rainha, ora aos Infantes, recebeu o distinctivo *Dom*. Nomearei ainda João Nunes, tambem do mesmo reinado, e certo Felipe de Brito, como chocarreiros do Infante D. Duarte; o Coyto, como gracioso de D. Sebastião, que provava a sua fidalguia, mentindo, não pagando a ninguem e em ser amigo de doce; Manoel Cosme, da casa Cadaval; Don Francês, bobo de Carlos V; o Morata, de Felipe II.

226 Na admiravel Ode III, em lyras, escripta no desterro de Ceuta, o poeta, lembrado dos felizes tempos, passados no paço, exclama, fallando ás Tagides:

A ser como soía  
Pudera levantar vossos louvores;  
Vós, minha hierarchia,  
Ouvíreis meus amores  
Qu'exemplo são ao mundo já de dôres.



Em seguida bendiz a sorte de Orpheo, que commoveu a Rainha infernal, e nessa occasião apostropha D. Catharina com vehemencia :

Oh crua, esquiva e fera,  
duro peito, cruel e empedernido,  
d'alguma tigre fera  
lá na Hircania nascido,  
ou d'entre as durãs rochas produzido.

227 *Receo de Louvor* N.º 301 das *Poesias Ineditas* de Caminha. Cf. N.º 338.

228 Sá de Miranda N.º 135 e p. 446. Nas obras d'este quinhentista, o nome da dama está errado (*Silveira*, por *Silva*), erro que me fez desacertar no meu commentario.

229 Um Livro inteiro do Cancioneiro de Caminha é dedicado a essa dama, *honra e gloria do real sangue e nome d'Aragão*. A ella devemos uma das mais bellas Odes de Camões. Na sua vista soberana *Que nadie quien la ve dexa con vida* penso cada vez que me acho em frente dum magnifico retrato anonymo (n.º 192 do cat. de 1868 do Museu das Janellas Verdes, reproduzido por Laurent, N.º 728). A respeito d'ella consulte-se Priebsch p. xxxiii e Sanchez Moguel, *Reparaciones Historicas* p. 226. Em uma carta de 1875, D. Juan de Borja delineou o seguinte retrato de sua desposada: «D. Francisca de Aragon es hija de Nuno Rodrigues Barreto y de D. Leonor de Milan. Hase criado desde muy pequena en casa de la Reyna de Portugal. Es la mas valida dama que S. A. ha tenido y mas estimada assi por su entendimiento y valor como por su bien parecer. Es la persona de que mas gusto muestra tener la Reyna. Sirve le la copa y viste y toca S. A. y en todo el tiempo en que la camarera mayor y las damas van a comer y cenar, queda ella sola con la Reyna, assi por ser su officio como por lo mucho que S. A. gusta de su entretenimiento y conversacion por tenerla muy buena y facil. Es tenida por la muger que mejor ha sabido hacer el officio de dama que ha havido en nuestros tiempos en Portugal y cierto entiendo que podria poner escuela desta facultad, segun lo bien que sabe servir a su Reyna y ha sabido ser servida como dama.»

230 Uma Epistola de Mendoza a D. Simão (viii) principia: *Doña Guiomar Enriquez sea loada* e conclue:

*Doña Guiomar, debria tu deidad  
Hacer algun regalo a don Simon  
Pues lo merece bien su voluntad.*

Em 1566 uma D. Guiomar Henriques entrou como dama no paço da Infanta, conforme noticia Francisco de Andrade na epigraphe de um Soneto que lhe dedicou nessa occasião. Ignoro, se realmente se trata da Dama da Rainha, celebrada por D. Simão e D. Diego (filha de Simão Freire) ou de outra diversa, cujo pae era o 2.º Conde da Feira. — O Soneto (*Fermosura do ceo a nos descida*) foi por Faria e Sousa recolhido entre as *Rimas* de Camões. Vid. Storck, *Vida* § 156 Nota 4.

231 Storck, *Vida* § 165.

232 Quasi todas estas anecdotas acham-se aproveitadas na *Arte de Galanteria*, de onde passaram para a collecção de *Apophlegmas* de Suppico.

233 J. de Sousa Monteiro, trasmudando-se em espirito ao tempo de D. Manoel, ideou com muita habilidade *Um Serão Real*, no jornal *O Reporter* (8 de outubro de 1888). — Mais acima mencionei os Saraos celebrados em 1536 por occasião do casamento de D. Isabel de Bragança, filha de D. Jaime, com o Infante D. Duarte.

234 Jorge Ferreira de Vasconcellos, *Memorial dos Cavalleiros da Tavola Redonda* p. 350.

235 Caminha, Ed. Priebsch N.º 406 e 407; *Cancioneiro Juromenha*; *Prosas Ineditas* de Soropita.

236 *Hist. Gen., Provas* VI p. 64.

237 *Juromenha* I p. 30.

238 Conde de Villa Franca, *Alliança Inglesa* p. 276.

239 *Panegyrico* § 39 e 45.

240 Caminha, N.º 318; *Hist. Gen., Provas* VI 626. No anno 1578, Leonor da Costa era moça da camara da Rainha.

241 *Ib.* 376 e 377. Confirmam os Epigrammas 220 e 221 da Ed. Acad.: *Ouvirão cantar uma rara fermosura* e N.º 222 e 223 *Pretendendo ouvir cantar*.

242 Vid. Priebsch p. 550 e *Hist. Gen., Provas* IV 401. Na *Introdução* de Joaquim de Vasconcellos ao Catalogo de Musica de D. João IV, ha uma Carta (ix) escrita por Manoel Corrêa del Campo, onde fallando das melhores vozes do tempo diz: «he oydo las mejores musicas que huvo en la Anunciada, Sta. Clara y Odivelas, conventos ilustres y reales de Lisboa, y otras excelentes vozes, particularmente en la corte del serenissimo duque de Bragança y en singular alli a Cosma Orfea, portento del arte, y a Maria de Parma, milagro de la naturaleza.»

243 Caminha N.º 486, 488, 508, 509, 519.

- 244 Ib. 484, 485, 491, 498, 507.  
 245 Ib. 499, 501 e 510.  
 246 Ib. 503.  
 247 Ib. 483.  
 248 Ib. 481, 482, 514, 517, 520, 521 e 522. Além do Cancioneiro de Caminha, destinado a D. Francisca de Aragão, resta um Cancioneiro mixto que foi de D. Cecilia de Portugal.  
 249 Montemór dedicou homenagens não só ás Princesas mas também a duas damas da familia dos Manueis (D. Leonor e D. Maria); e a algumas da familia de Aragão (D. Francisca, D. Anna, D. Maria, D. Magdalena).  
 250 Caminha N.º 360: *Quando a Rainha se queria ir para Castela*, com trovas á Senhora D. Ana de Aragão, D. Catherina d'Eça, D. Leonor Anriquez, D. Violante de Noronha, D. Madalena d'Alcaçova, D. Joana de Castro, D. Ana d'Athaide, D. Maria de Noronha, D. Francisca de Aragão.

250<sup>b</sup> Caminha N.º 301.

251 Ib. N.º 338, conforme já deixei exarado na *Nota 227*.

252 Ib. N.º 339.

353 Digo: fingiu de repentista porque, se a pequena scena não fôr de pura phantasia, como suspeito, a dama-inspiradora e o cavalleiro-trovador reproduziram livremente versos alheios, pre-existentes. Já dei a prova d'isso em outra parte (*Revista Española de Litteratura, Historia y Arte*, vol. I p. 227), artigo de que não me foram enviadas provas e que por isso sahiu um horror e uma vergonha, obrigando-me a publicá-lo novamente no *Anuario da Sociedade Nacional Camoniana*.

Aqui bastará o traslado do original, i. é da 4.ª estrophe de uma composição afamada, escripta cerca de 1460 pelo fidalgo castelhano Juan Alvarez Gato á un romero tollido que iba á pedir limosna en cas de una señora a quien el servia, e principia:

Tu, pobrecico romero,  
que vas a ver á mi Dios

(ou também:

á quien tu pides por Dios).

Eis a estrophe, talqual se acha impressa no *Cancioneiro General* (N.º 246 da ed. dos *Bibliófilos Españoles*):

Tiene altas condiciones  
de divina gracia llenas;  
son tan bellas sus facciones  
que sanaron mis pasiones  
y me dieron nueva[s] pena[s].  
*y aslo d'entender así:*  
*yo vivia enamorado*  
*y en el punto en que la vi*  
*tanto suyo me senti*  
*que olvidé y desconosci*  
*todas cuantas he mirado.*

Exemplo typico e muito curioso da arte de improvisar, não é verdade?

254 Para não injuriar o leitor, dando ao mesmo tempo prova de pedantismo, suprimo as referencias ao lugar onde é que se acham impressos os versos de Camões.

255 Abrindo á toa o volume das Redondilhas de Camões, «maravilhosas» no dizer do grande Lope de Vega, encontramos a cada passo versos dirigidos a damas sem nome: *Carta a uma dama* — *A uma dama doente* — *A uma dama vestida de dô* — *A uma senhora que estava rezando* — *A uma senhora que lhe mandou pedir o bras suas* — *A uma dama que lhe virou o rosto* — *A uma que lhe deu uma pena*, etc., etc. Quasi todas são decididamente palacianas e pertencem ao curto periodo aulico do poeta. Outras, bem diversas, levianas e estouvadas, de linguagem menos culta, foram, parece, escriptas quando, depois da grande crise da sua vida, banido do paço, procurava aturdir as magoas do coração, embriagando-se sensualmente em amores facéis.

256 Caminha, N.º 513.

257 Sá de Miranda, N.º 51 e 52: *As Damas, estão ahí dona Lianor Mascarenhas*. Cf. *Nota 31*.

258 «La señora D. Maria de Portugal que igualó en lo mas la virtud y el entendimiento — que solo es discreta quien es santa — excelentissimamente dixo: *Se soubera* etc.» — *Arte de Galanteria* p. 30. — Como se vê, é numa mesma oração que D. Francisco de Portugal nos transmittiu a sentenciosa formula do ideal feminino dos Portugueses e a anecdota relativa á Infanta erudita.

259 *Memorias Inéditas de Frei João de S. Joseph* p. 55.

260 *Arte de Galanteria* p. 71.

261 Também lá está em muito boa companhia, e fidalga, ao lado de seus meios-irmãos, os Infantes D. Luis, D. Affonso e D. Duarte, e do Duque de Aveiro, Conde do Vimioso, Conde do Redondo, etc.

262 Refiro-me novamente á preciosa Miscellanea da Bibliotheca Municipal do Porto (do espolio do Conde de Azevedo) em que correm as Trovas do Infante D. Luis, mencionadas mais acima.

263 O auctor anonymo d'essa Volta e o Conde do Vimioso podiam ser a mesma pessoa. Mas neste caso, D. Francisco de Portugal (1549), que figura com varias poesias no Cancioneiro d'Evora (onde a colhi) a escreveu em nome de uma dama, malfadada como a Infanta. E' o que as rimas *entristecida vida* revelam de modo irrefutavel. Nunca encontrei, porém, volta alguma ao mote *Já não posso ser contente*, com attribuição áquelle discreto fidalgo. Barbosa Machado affirma, todavia, que as compôs (II 227 e 249), não sem commetter um erro singular. Trocando os papeis apresenta como primeiro inventor do Mote ao Conde de Mattosinhos, Francisco de Sá e Meneses (1585), e como glosador ao Conde do Vimioso, erro de que já tratei num artigo critico sobre a publicação defeituosissima de Hardung (na *Zeitschrift* VII 97).

Faço seguir em edição critica as restantes paraphrases que conheço, sem repetir sempre de novo o *Mote alheio*, o qual diverge apenas no vocabulo *perdida* da linha 3.ª, mudado de proposito para *perdido*, e na forma verbal *morro* (pelo archaico *mouro*).

## I

### *De um Anonymo que talvez seja o Conde do Vimioso*

(*Canc. d'Evora* N.º 2, f. 5 a 16)

E' a que vae no texto.

## II

### *Francisco de Sá e Menezes*

(*Domus Sadica*, p. 78)

A tudo quanto desejo  
acho atalhadas as vias;  
em tentos e fantasias  
mui mau caminho me vejo.  
Se do passado e presente  
o por-vir se pode crer,  
já não ha que pretender:  
*já não posso ser contente.*

Que de tudo quanto quero  
chego a tão triste extremo,  
que vejo tudo o que temo  
e nem sombra do que espero.  
Desengano-me da vida  
e fiz nella tal mudança  
que até de ter esperança  
*tenho a esperança perdida.*

Cuidei um tempo que havia  
na fortuna o que buscava,  
e postoque o não dava,  
o mesmo tempo o daria.  
Achei tudo diferente,  
fiquei desencaminhado;  
e como em despovoado  
*ando perdido entre a gente.*

De que farei fundamento  
pois em nada acho firmeza  
e pago sempre em tristeza  
os sonhos do pensamento?  
Abrande esta dor crescida,  
vivendo em pena da morte,  
e eu por não mudar a sorte  
*não mouro nem tenho vida.*

### III

#### *Luis de Camões*

(*Rimas* ed. 1595 e Diogo Bernardes, *Flores do Lima* 1597 p. 170.)

Depois que meu cruel fado  
destruiu uma esperança  
em que me vi levantado,  
no mal fiquei sem mudança  
e do bem desesperado.  
O coração que isto sente  
à sua dôr não resiste  
porque vê mui claramente  
que pois nasci para triste  
*já não posso ser contente.*

Por isso, contentamentos,  
fugi de quem vos despreza!  
já fiz outros fundamentos,  
já fiz senhora a tristeza  
de todos os meus pensamentos.  
O menos que lh'entreguei  
foi esta cansada vida.  
Cuido que nisso acertei  
porque de quanto esperei  
*tenho a esperança perdida.*

Gostos de mudanças cheios,  
não me busqueis, não vos quero;  
tenho-vos por tão alheios  
que do bem que não espero  
inda me ficam receios.  
De vós desejo esconder-me  
e de mim principalmente  
onde ninguém possa ver-me;  
que pois me ganho em perder-me  
*ando perdido entre a gente.*

Acabar de me perder  
fôra já muito melhor:  
tivera fim esta dôr  
que não podendo mór ser  
cada vez a sinto mór.  
Em tormento tão esquivo,  
em pena tão sem medida  
que moura ninguém duvida,  
mas eu, se mouro, ou se vivo,  
*nem mouro nem tenho vida.*

Inverti as quintilhas 5 e 7, a im como os versos 35 e 36 por o conteúdo e a rima o exigir assim. Nas *Flores do Lima*, a ordem não está perturbada. As variantes que notei são: *derrubou* (2); *désconfiado* (5); *pera* (9); *cansam* (25); *acabar-me* (41); *por acabar uma dôr* (43).

Os ultimos dois versos do *Mote* occorrem na *Carta escripta d'Africa a um amigo* (estr. 17), a qual, a meu vêr, é apocrypha.

#### IV

##### *Diogo Bernardes*

(*Flores do Lima* p. 177)

A' mesma cantiga

Prazeres que tenho visto,  
onde se foram? qu'ê d'elles?  
Fôra-se a vida co'elles!  
Não me vira agora nisto!  
Vejo-me andar entr'a gente  
Como cousa esquecida:  
Eu triste, outrem contente,  
Eu sem vida, outrem com vida.

Vieram os desenganos,  
acabaram os receios:  
Agora choro meus danos  
e mais choro bens alheios:  
passou o tempo contente,  
e passou tão de corrida  
que me deixou entr' a gente  
sem esperança de vida.

#### V

##### *Francisco Rodrigues Lobo*

(*Primavera* p. 218)

Depois que ando transformado  
num cuidado que me obriga  
a viver sempre enlcado,  
não posso achar quem me diga  
se sou perdido ou ganhado.  
Nem por fé se me consente  
que saiba parte de mim;  
quem me tem, nega, e não mente,  
que depois que me perdi  
*ando perdido entre a gente.*

A alma que buscou lugar  
que amor pôr seu fim lhe ordena,  
bem se queria empregar,  
mas ficou presa no ar  
aonde anima e onde pena.  
Nem ganhada nem perdida  
posso d'ella saber nada,  
nem de mi se alguém duvida  
quem me dá vida emprestada,  
*nem morro nem tenho vida.*

## VI

## Simão Machado

(Alfea f. 162)

Não vês que estou desterrado  
da vista de Alfea ausente?  
e que vejo claramente  
que estando d'ella apartado  
*já não posso ser contente?*

Ques que arrecece morrer  
como se sei que na vida  
contente não posso ser,  
e de Alfea me querer  
*tenho a esperança perdida?*

Coração, põe cobro em ti,  
e minha morte consente!  
pois ves que depois que a vi  
sem saber parte de mi  
*ando perdido entre a gente.*

E pois vês meu mal esquivo  
ter só na morte guarida,  
venha com mortal ferida!  
que vivendo como vivo  
*nem morro nem tenho vida.*

264 Sonetos e Oitavas epigrammaticas em dialogo estavam muito em voga, principalmente em assumptos funebres. — Nas Obras de Camões ha varios:

*Que esperaes, esperança? — Desespero.*  
*Qu'estilla a arvore sacra? — Um licor santo.*  
*Quem jaz no gram sepulcro que descreve.*

Confiram os Sonetos:

*Chorae, Nymphas, os fados poderosos* (161)  
*— Ah minha Dynomene* (172)  
*Debaixo d'esta pedra sepulcral* (265)

e principalmente o inedito que publico na Nota 271.

265 Epigrama XXI da Ed. Academica, tambem em dialogo.

266 Impresso nas *Poesias* de Sá de Miranda N.º 122. Confirma-se p. 420 e 841, Nota 9.

267 Talvez se lembrasse da Oitava de Montemór: *Mirad, ninfas, la gran doña Maria.*

268 As variantes do texto de Faria e Sousa, comparado com os impressos antigos e manuscritos existentes, teem todo o caracter de emendas arbitrarías. Na 2.ª quarteta relevou, como era de esperar, a pergunta: *Como ficou sua luz?* referindo-a ao convento e hospital da Luz!

269 No seu *Panegyrico* § 75, João de Barros havia utilizado a mesma lembrança.

270 *Arte de Galanteria* p. 83. — Cf. Nota 220.

270<sup>b</sup> Para não sonegar argumento algum favoravel á interpretação de Faria e Sousa, registo aqui o facto que ha um Soneto inedito, attribuido a Camões, *A Morte da Princesa de Portugal*, em dialogo como o que nos occupa.

Que gritos são os que ouço? — De tristeza.  
 Quem é a causa d'ella? — A morte só.  
 Tam grande mal nos fez? — Quebrou um nó.  
 Que nó? a quem atava? — A gentileza.  
 Era mais que fermosa? — Era Alteza.  
 Desfez-se em ouro? — Não! em terra, em pó!  
 Tambem é como nós? — Tambem! mas oh...!  
 Que gemes? — De perder a tal princesa.  
 Não vês que tudo é mundo? — Bem-no entendo.  
 Pois não te agastes! — Não m'o sofre a alma.  
 Que te consola aqui? — Na *Vida* vê-la!  
 Tam boa foi? — O reino o está dizendo.  
 Pois sabe que se cá levou a palma  
 Que lá terá tambem a palma d'ella.

(No verso 7, *oh* por *só* é emenda minha).

Mas o caso é diverso. A epigraphe falla claro. O texto tambem encerra indicações positivas (*alteza, princesa*). D. Juana, viuva do Principe de Portugal, morreu pouco depois da publicação dos *Lusiadas* (1573), quando o Poeta estava relativamente bem, graças á tença que D. Sebastião, filho da finada, lhe havia concedido. Tambem mal se pode duvidar conhecesse pessoalmente a mãe do seu bemfeitor, pois que a ella e ao Principe D. João, idolo de 1550 a 1553 dos poetas aulicos, havia dedicado a affectuosissima *Egloga* 1.

272 O *Cortigiuno*, emprestado em manuscripto a Vittoria Colonna, sahiu das mãos da illustre dama e foi espalhado em numerosas copias, contra a vontade do auctor que ainda não o dera por acabado. Sem insidia, bem se vê; unicamente em tributo de admiração e em virtude do incoercível desejo de provocar os applausos dos amigos.

273 Confira-se a *Nota* 115.

274 Com relação ao *Poema de Santa Ursula* consultem Storck, *Vida* § 139 e *Sämtliche Gedichte* vol. III, 362 ss.

275 Ed. 1595 N.º 34. No Cancioneiro Juromenha ha uma epigraphe certamente secundaria, pois não indica o nome da destinataria: *Soneto de Luis de Camões a una senhora que por desastre se atou o fogu de uma vella a sua face ou testa*.

276 Vid. Pacheco f. 92 v. — Com respeito á filiação de D. Guiomar consulte-se a *Hist. Gen.* IX 68 e Couto, *Decada* VII, 10, 17. D. Guiomar casou com D. Simão de Meneses, senhor de Lourical. Sua irman D. Juana de Gusman, consorciou-se com Ruy Gonçalves da Camara, 1.º Conde de Villafranca; a terceira, D. Isabel Henriques, com D. Affonso de Lencastre. — A respeito dos paes, D. Maria de Blaesvelt e D. Francisco Coutinho, 3.º Conde do Redondo, vid. Braamcamp, *Brasões* II 461. D. Luisa de Guzman, irman de D. Maria, casara com D. Affonso de Portugal, 2.º Conde do Vimioso (ib. 462).

277 *Conde cujo illustre peito — Que diabo é tão danado — Vossa Senhoria creia.*

278 *Muito sou meu inimigo.*

279 Ode VIII: *Aquelle unico exemplo.*

280 As indicações de Faria e Sousa nas *Rimas* I 87 são inexactas e teem até hoje enganado todos os commentadores e biographos.

281 *Hist. Gen., Provas* II 615 e Resende, *Vida do Infante D. Duarte* Cap. 13.

282 A 10 de dezembro de 1541 Moraes mandava de Melun ao Conde de Linhares uma interessante carta, que o curioso encontra impressa nas *Questões de Litteratura e Arte* de Th. Braga, p. 254.

283 Visconde de Santarem, *Quadro Elementar* III 283 e 304. Provavelmente regressou entre Dezembro de 1543 e Junho de 1544, voltando todavia a França no anno 1546, e em terceira viagem em 1549.

284 Em cartas intimas aos Condes de Linhares — ou antes ao primogenito dos Condes (D. Ignacio de Noronha) — o auctor do Palmeirim descrevia desassombradamente o que presenciava na Côte francesa. E embora essas cartas não fossem lidas pelos reinantes, mais de um pormenor transpirou de certo e era commentado desvantajosamente, fazendo recrescer cada vez mais a antipathia de D. João III contra o que chamava «as facilidades da Côte francesa». — Já mencionei a missiva de 10 de Dezembro de 1541, impressa por Th. Braga. Estão ineditas: a *Relação* das festas celebradas por occasião do desporio de Jeanne d'Albret com Guilherme de Cleve (1541) e a das Exequias e Entero de Francisco I (1546), e mais outra sobre assumpto português, o Torneio de Xabregas (1553) em que havia tomado parte o neto do 1.º Conde de Linhares, o joven D. Antonio de Noronha, discipulo e amigo de Camões, e outros mancebos nobres dos circulos frequentados por Moraes, Caminha e Camões. Basta nomearmos João Lopes Leitão, Fernão da Silva, Gomes Freire e Francisco de Moura.



- 285 *Romania* XI 619.  
 286 Cap. 137 a 148: *Da aventura que nestes dias houve no reino de França.*  
 287 Impressa pela primeira vez em 1624.  
 288 Hoje não se conhece exemplar algum d'essa supposta edição, anterior a 1547, anno em que appareceu a versão castelhana.

289 A epistola-dedicatória encontra-se na edição de 1592: «Prologo de Francisco de Moraes, auctor do livro, dirigido á Ill.<sup>ma</sup> e muito esclarecida Princeza D. Maria Infanta de Portugal, filha del Rey dom Manoel que santa gloria aja, e irmã del Rey Nosso Senhor.» — Eis os louvores que tributa á joven filha de D. Manoel: «V. A., muy esclarecida Princesa, assi entre os grandes como na gente do geral estado nã será posta em esquecimento, que de tal qualidade sam vossas virtudes que com igual afeição se pregoã. Isto nã sómente acontece aos naturaes de este reyno de que vós sois filha (a que por ventura o amor da natureza e del Rey Nosso Senhor e vosso irmão porã esta obrigação) mas ainda nos reynos estranhos e mais remotos de nossa conversação e uso tendes o mesmo nome e a mesma fama. Porém como louvar vossos costumes seja cousa tamanha que enfraquece o ingenho a quem nisso mete mão, desculpa seria se quisesse proseguir materia tam alta e perderme no começo, mas a obrigação em que estou a V. A. por filha da Raynha Christianissima de França, vossa mãy, de que já recebi mercês, me faz algum tanto passar os limites de que a minha auctoridade em tal caso pode ter, e desejar fazer algum serviço a V. A., tal que quando não corresponder a vossa grandeza, seja igual ao que eu posso.» — Conta como se lembrou de compôr o *Palmeirim* e de o dedicar á Infanta «cousa que alguns ouverão por erro, affirmando que historias vãs não hão de ter seu assento tam alto.» — «traduzi-a em português assi por me parecer que sastifaria vossa inclinação.»

290 Estas expressões encontram-se de facto no *Palmeirim*. Mas tambem em outros textos, como p. ex. na *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro.

291 *Palmeirim*, Cap. 109.

292 *Ib.*, Cap. 53.

293 Nos textos camonianos, esses versos vão encabeçados apenas das palavras *Tenção de Miraguarda*, que poucos leitores modernos interpretarão desde logo de maneira plausivel. Afim de as esclarecer, extracto do romance de Francisco de Moraes as passagens seguintes: «e indo contra a porta do castello a achou cerrada de todo, e no alto della, qu'era de pedraria, viu hum escudo de marmore encaixado na mesma pedra, e posta nelle em campo huma imagem de molher, tirada pelo natural da que vira no campo, tanto ao proprio que nam soube fezer nenhuma deferença d'huma a outra. Tinha no regaço humas letras brancas que deziam: *Miraguarda*. E bem lhe pareceo que aquelle seria seu proprio nome, e bem conheceo que o nomerazia verdade, que a senhora era muito pera ver e muito mais pera se guardarem della. Mas a tençam porque as letras alli se poseram nam era esta, se nam porque se guardassem do gigante Almourol, senhor d'aquelle castello, de quem depois tomou o nome; que ele as pos ali para mostrar que a ymagem do escudo era pera a verem, e elle pera se guardarem delle» (1 c. 53). «Senhora, disse Daliarte, o nome he Miraguarda, e o seu parecer tal que quem bem o sentir olha-lo ha para ver o que nunca vio e goardar se-ha por nam cair nos perigos que dahi lhe podem nacer» (c. 50) «Miraguarda, he senhora, vosso nome: quem vollo assi pos, ou naceo coa vontade livre, ou teve o juyzo fraco pera sentir o que disse, que nam sei quem vos veja que depois se queira guardar de vos ver (ou se quizer nam sey se poderá) (c. 51). Vid. C. M. de Vasconcellos, *Versuch über den Ritter-roman Palmeirim de Inglaterra*, Halle 1883 (p. 29).

294 Se Natércia não era a destinatária, devemos suppôr que a artificiosa glosa foi composta antes da fatidica sexta-feira santa de 1544. No fervor da sua paixão ideal por D. Catharina de Ataide, o Poeta mal podia ter fallado a outra Tagide do modo seguinte, jurando

Que mór bem me possa vir  
 Que servir-vos, não o sei.  
 Pois que mais quero eu pedir,  
 Se quanto mais vos servir  
 tanto mais vos deverei?

295 Não sei de Salva alguma com representações do *Palmeirim*, mas de varias com scenas do *Cavalleiro do Cirne*, da *Celestina* e outras figuras evidentemente de cavallaria, mas que não é facil interpretar.

296 Tambem ha colchas figuradas com reminiscencias da Idade-media e antiguidade. Uma conheço eu que creio bordada nas salas de lavor da Infanta, sobre esboços ou indicações de Francisco de Hollanda. Vi-a em tempos no paço das Necessidades, entre as preciosidades de D. Fernando.

297 Entre essas obras citarei, por ser pouco conhecido, o *Poema del Alma*, i. é o lindo conto de Apuleio, nacionalizado por Juan de Mal Lara, e dirigido *al alma de España*, i. é *á la muy alta y muy poderosa Señora D. Juana, Infanta de las Españas y Princesa de Portugal*, com elogios á eximia belleza e pudicicia da sua psyche. — Só as obras offertadas a D. João III, D. Catharina, os



Infantes D. Luis, D. Affonso, D. Duarte, D. Henrique, o Senhor D. Duarte, o Principe D. João, D. Juana e D. Sebastião constituem uma valiosa collecção.

298 Não percamos a esperança de um dia apparecerem os roes das despesas da Infanta com noticias sobre a sua livraria, tão valiosas como as que Sousa Viterbo publicou com relação á Rainha.

299 Obras de João de Barros, Resende, Montemór, Jorge Ferreira de Vasconcellos, Francisco de Moraes, Bernardes, Gaspar Barreiros (?), Azpilcueta Navarro, Manoel da Costa, Ignacio de Moraes, Luisa Sigea.

300 E' o auctor do *Jardim de Portugal* quem assim o affirma (p. 476), e na sua pista varios escriptores modernos, como p. ex. o Conde de Villa-Franca. Não consegui vêr exemplar algum da 1.ª, nem tão pouco da de 1566. Por isso nada posso accrescentar.

301 A data 1572 (que não é apenas a da impressão, mas tambem da Carta-Prologo), mostra claramente que a destinataria era filha de D. Manoel.

302 *Hist. Gen., Provas* VI, 391 e II 197. Entre os magnates que Antonio de Castro ensinou, avultam o Duque de Coimbra, D. Pedro de Meneses e D. João Manuel.

303 Gregorii Baetici Illiberitani Episcopi *De Trinitate et Fide*. — Cf. Pacheco f. 135 e Nic. Ant. I 3. — Quanto ao Poema latino, que o biographo da Infanta lhe attribue erroneamente, veja-se Barbosa Machado I, 9 e II 414. — Para caracterisar a extrema liberdade com que o traductor castelhano tratou o original latino, direi que num dos troços introduziu o nome do *pseudo-auctor*. Caliope, vendo que o poeta não reconhece a Infanta, dirige-lhe a allocução seguinte:

Tan rustico poeta, disse, oh Estacio  
Tu entre poetas celebrado Aquiles,  
En la flor de tus años juveniles  
Eres que de tu patria peregrino,  
El astro mas luziente de palacio  
No conoces con rostro tan divino?

O original dizia apenas: *satis tu rusticus inquit Es vates, patria ignarus, patriique decoris.*

304 Já deixei citada a obra de Luciano Cordeiro na Nota 13.

305 Sanchez Moguel dedicou um estudo a *S. Francisco de Borja*; o Visconde Sanches de Baena outro a *Bernardim Ribeiro*.

306 O Visconde de Juromenha, unico auctor, que remette ao Nobiliario, não affirma ser do sec. XVI, o que me parece significativo. Apenas regista o facto que em fev. de 1649 o Prior do Hospital do Beato João de Deus de Montemór entregou ao Chantre Manoel Severim de Faria a Genealogia dos Silvas, em que se lia a Lenda de Jorge da Silva.

307 Os que com mais acerto trataram dos Silvas desconhecaram ou desprezaram a anecdota. Citarei apenas Salazar (*Casa de Silva* VIII, 7), Anselmo Braamcamp Freire (*Brasões de Cintra*) e um Nobiliario dos Silvas, ms. de fins do sec. XVI ou principios do sec. XVII, que possuo. Sobrio e em geral exacto, constitue excepção á regra de o genealogista ser mentiroso pôr indole e officio ou por vaidade e parvo geralmente de nascença — regra antiga com muita graça resuscitada pelo Cicerone da Sala de Cintra.

308 Juromenha IV 452. De lá passou para a *Historia de Camões*, de Th. Braga, 125 ss.; para as obras de Wilhelm Storck *Vida* § 138 e 165; id. *Obras Completas de Camões*, vol. I 381 e 399, sem lhes merecer reparos. Creio ter sido a unica que levantou duvidas sobre a sua veracidade na *Zeitschrift* VIII p. 13.

309 Hoje o antigo proverbio é citado em geral na variante: *Papagaio perdeu a pena; não ha mal que lhe não chegue*. Conheço mais tres variantes: *Quando ao gavião lhe cae a pena, tambem lhe caem as asas; Oliveira não tem folha, o pavão lha comeu toda, e O pavão cahiu-lhe a pena, não ha mal que lhe não venha*. Mulher do povo que cite est'ultima, á vista de qualquer ave de Juno em muda, costuma entoar logo a quadra:

Coa pena do pavão  
E sangue de minhas veias  
Hei de escrever ao meu amor  
Que anda em terras alheias.

As *Oitavas* VII sobre uma infeliz, presa no Limoeiro, contêm uma *Petição ao Regedor*, escripta provavelmente em 1572. N'esse anno quem exercia o cargo era um sobrinho de Jorge: Lourenço da Silva, primogenito de seu irmão mais velho, Diogo da Silva. Cf. *Nota* 313.

310 O primeiro Conde de Linhares (1551) casara com D. Joanna da Silva, filha do primeiro Conde de Portalegre; e Camões era servidor d'esses titulares.

311 Na *Carta da Índia* ha outro pequeno e singelo improviso sobre o mesmo mote, mais sentido que o primeiro. Creio que se refere, entre lagrimas brincando, ás tristezas do proprio poeta:

Em um mal outro começa  
Que nunca vem só nenhum,  
E o triste que tem um  
A sofrer outro se ofreça!  
E só pelo ter conheça  
Que basta um só que tenha  
Para que outro lhe venha!

Estas Trovas andam intercaladas entre uma poesia humoristica a João Lopes Leitão e os versos galantes a D. Guiomar de Blasfê.

312 E' escusado insistir no facto que fidalgo tão illustre teve mil occasiões de se aproximar da Infanta. Um irmão de Jorge, Ruy Pereira da Silva, em 1549 guarda-mór do Principe, teve um filho Fernando, o qual era da casa da Infanta. Vid. Andrade, *Chronica de D. João III*, Parte IV, cap. 381 e Pacheco f. 91. — Provavelmente depois da morte do Principe, cujo pagem fôra.

313 O cargo, hereditario na familia, costumava passar de pae a filho. O Regedor João da Silva morreu em 1557, um anno após seu primogenito Diogo da Silva, que era considerado herdeiro do cargo. O filho d'este, Lourenço da Silva, chefe natural da casa de Vagos, entendia que o cargo tambem lhe pertencia de direito. Teve todavia que disputá-lo em longa demanda a Jorge, que apoiado pela Rainha, entendeu que o fallecimento de Diogo, antes do avô, lhe dava a elle, Jorge, a preferencia, por ser filho segundo do Regedor. Lourenço venceu porém o pleito, no reinado de D. Sebastião (1568), e provou pelo acerto e inteireza do seu proceder que tambem era digno das elevadas funcões tradicionaes na familia. Vid. Joaquim de Vasconcellos, *O Convento de S. Marcos em Rev. de Guimarães* XIV, p. 69. — Jorge era, segundo o parecer de uns, filho segundo; no de outros Ruy Pereira o precedeu em idade. Neste caso a razão porque esse não reclamava o posto seria falta de estudos juridicos?

314 Andrade, *Chronica* IV cap. 38.

315 Vêr os Chronistas de D. Sebastião, como p. ex. D. Manoel de Meneses, p. 45 e os especialistas da *Jornada de Africa*. Tão velho, fraco e doente estava que era transportado numa liteira, a historica liteira em que o corpo del-rei foi levado do campo de batalha. Mesmo o Regedor Lourenço, seu sobrinho, que tambem ficou no campo de honra, com tres ou quatro irmãos, já era na occasião de veneravel presença.

316 Acerca da igreja e do convento veja-se o estudo supra-citado de Joaquim de Vasconcellos e outro do mesmo na publicação *A Arte e a Natureza em Portugal*, Porto 1901, N.º 2.

317 E' o que dizem os historiadores. Em 1557 Jorge desempenhava as funcões de Regedor. A' morte de D. Manoel fôra presente o Regedor João. Creio que o ceremonial exigia essa presença do magistrado supremo das Justiças.

318 Innocencio da Silva IV 176 e XII 184; *Canc. d'Evora* 56. — Falcão de Resende dedicou-lhe um Soneto, mandando-lhe os versos de S. Bernardo.

319 Andrade, l. c.: «De Jorge da Silva, filho do mesmo regedor João da Silva, hum dos tres primeyros no serviço do Principe, se não tratou por então, por elle ter tomado hum modo de vida com que parecia que tinha renunciado a tudo o que da côrte se podia esperar». Outros auctores especializam, narrando que naquella epoca punha todo o seu desvelo em soccorrer diariamente os desvalidos com largos donativos.

320 Os seus escritos sahiram de 1552 a 1557. Não sei se erro, calculando a epoca de maior fervor religioso de 1548 a 1556.

321 Barbosa Machado falla de dois casamentos. — Enganam-se os que consideram D. Luisa de Barros como filha do historiador. A esposa d'este não se chamou Filipa de Mello; mas antes Maria de Almeida, dos Almeidas de Pombal e Linhares. Cf. *Nota* 326.

322 Pelos dados que nos ministram os historiadores (incluindo Frei Luis de Sousa, nos *Annaes* e na *Hist. de S. Domingos*) e auctores genealogicos como Salazar (VIII c. 7 e 9), fallando unanimes da sua velhice e tratando-o de ancião muito virtuoso e santo, calculei que nasceria em 1508, pouco mais ou menos, e assim o apontei na *Zeitschrift* l. c. (O pae viveu de 1482 a 1557). Manuscriptos relativos ao Convento de S. Marcos indicam todavia, indirectamente, data um tanto posterior. Exarando 1511 como anno do nascimento do primogenito do Regedor, e 1517 como o do 4.º filho João Gomes da Silva (fall. em 1543, na idade de 26) obrigam-nos a collocar os principios de Jorge em 1513, se foi filho 2.º, ou em 1515, a terem razão os que lhe dão o terceiro logar.

323 Outro, ou outros. Além dos dois citados, conheço um Jorge da Silva, filho de Ruy Pereira, e outro, filho de Lourenço, o qual, captivo na batalha de Alcacere, falleceu depois em Africa. Vid. *Hist. Gen.*, XI, 719 e 924; XII, 97; *S. Marcos*, 70.

324 Já disse que D. Joana da Silva, irman do Cardeal D. Miguel, foi mulher do 1.º Conde de Linhares. Cf. *Hist. Gen.*, x, 132.

325 D. Catharina da Silva.

326 No meu Ms. leio a fl. 17: «D. João da Silva, filho de D. Diogo da Silva, foi 2.º Conde de Portalegre e herdou a mais casa de seus pais. Cazou com D. Maria Manuel de Villena, filha do Senhor D. Alvaro, Conde de Tentugal, da qual houve D. Alvaro, D. Jorge que matarão os mouros em Mazagão, indo desterrado por El-Rey Dom João o 3.º, culpado e convencido na comonicação que tinha com o Cardeal seu tio a quem el-Rey tinha desnaturalizado.»

Convem notar que este manuscripto não refere a historia intima do Beato Amadeu — nomeando apenas na lista dos filhos de Ruy Gomez da Silva a «João de Menezes que foy Santo e se chamou Amadeu»; nem tão pouco conhece a lenda do Regedor Jorge. D'elle refere apenas: «Jorge da Sylva q. cazado com D. Luiza de Barros morreo na de Alcacere sem filhos.»

327 *Hist. Gen.* x 132. — *Zeitschrift* VIII, 14. — Com respeito a esta juvenil D. Maria, torno a recordar que o Infante D. Luis, encantado da sua graça e com os olhos na successão do throno, acariciava a ideia de, com dispensa do pontífice, casar com essa sua sobrinha.

328 Entre as creações uteis que lhe devemos, abstrahindo do Hospital da Luz que é a mais importante, acho dignas de nota a instituição de bolsas para doze fidalgos pobres no Collegio de Evora (§ 25 e 42); a de alojamentos commodos para os Collegiaes de S. Francisco de Coimbra (§ 17); a de aulas para que na Ordem houvesse mais letras e bons pregadores; e o cuidado com que dispôs que no Mosteiro de S. Bento os dormitorios fossem bem desafogados e alegres, e claras as officinas (§ 39).

329 Flaubert à Mlle de Chantepie.









## PUBLIA HORTENSIA DE CASTRO



ORTENSIA, ou Publia Hortensia de Castro, a bella e ainda juvenil mulher, de habito preto e toucado branco, cuja physiognomia a ultima das nossas gravuras reproduz, pertence áquelle pequeno grupo de damas letradas que se distinguiram e ganharam renome no seculo xvi, durante a muito curta mas vivaz florescencia do renascimento portuguez, e que é costume (um tanto incorrecto) agruparmos em volta da Infanta D. Ma-

ria, celebrando-as em globo, com phrases sonoras e hyperboles encomiasticas, como socias da sua academia feminina, insignes em sciencias e artes, ou outras tantas musas inſpiradas e inspiradoras — *quae cum omne vetustate certant eruditione* — para d'este modo encobrirmos a nossa grande e lastimavel ignorancia ácerca do seu merito real. <sup>2</sup>

E' verdade que aquella de que tratamos não é das mais conhecidas. Não se destacava alta e altiva da *schiera volgare*, cingida da aureola de uma admiração geral, que derivava da sua prosapia, seu genio e formosura, de modo a ser avistada de longe. Os severos e pouco vulgares conhecimentos d'ella foram applaudidos apenas por um circulo restricto de sabios conterraneos.

Não sendo senhora de sangue real, nem da primeira nobreza, não tinha a dispensar valiosissimos favores, nem mesmo vivia na côrte em contacto com os poetas aulicos, como as duas Sigeas, Joanna Vaz, e Paula Vicente, a tangedora.

Por isso não recebeu missivas de papas e imperadores, nem trocou em prosa e metro cumprimentos em linguas mortas com as

summidades litterarias da epoca. Nenhum auctor conhecido lhe dedicou as suas obras. Poeta algum a celebrou em vida ou pranteou depois de morta. Os posteros tão pouco se lembraram de lhe attribuir versos alheios, inserindo-os, em nome d'ella, em miscellaneas manuscriptas. Nem sequer o fabulista-mór, que enriqueceu e amenizou a historia da litteratura nacional com quantas anedotas e lendas romanticas encontrava, applicaveis a typos portuguezes, a menciona no *Epitome*, na *Europa* ou nos *Commentarios camonianos*, entre as notabilidades patrias.

Apenas um portuguez, erudito de reconhecida probidade scientifica, que o leitor já conhece — *vir minime adulator sed gravis sibi que semper constans* — que a viu e ouviu no primeiro dia da sua joven gloria, se lembrou de attestar *urbi et orbi* o saber aristotelico e os dotes de oradora de Publia Hortensia de Castro.<sup>3</sup> Um pouco mais tarde, um viajante estrangeiro pôde ainda registrar esta mesma fama no seu *Itinerario*.

E' portanto uma rara boa-fortuna e um acaso quasi inexplicavel o possuirmos o seu retrato, como foi rara a boa-fortuna que nos conservou não só aquella unica carta latina de Mestre André de Resende, onde se encerra a summula biographica da *Hortensia lusitana*, mas ainda a preciosa nota do italiano J. B. Venturino, enterrada até o meado do seculo XIX na bibliotheca do Vaticano.<sup>4</sup>

Se aquella se perdesse, como tantas outras, não entrando nas obras do benemerito archeologo, nem passando para a *Hispania illustrata* de Schott, e d'ahi para o *Gynecio* de Nicolas Antonio, o *Jardim de Portugal*, a *Bibliotheca Lusitana*<sup>5</sup>, o *Theatro heroico*, o *Portugal illustrado pelo sexo feminino*, e quantos mais volumes, impressos e manuscriptos, foram dedicados, dentro e fóra de Portugal, ás donas que illustraram a Peninsula, em virtudes, letras, armas e artes<sup>6</sup>; e se Herculano não tivesse trazido á luz a *Viagem do Cardeal Alexandrino*, o nome tantas vezes repetido — *Hortensia de Crasto* — que vemos inscripto na gravura, seria hoje um mero nome, não nos dizendo cousa alguma.<sup>7</sup>

Para explicar tanta escassez de noticias e tanta falta de enthusiasmo nos auctores quinhestistas, em geral tão prodigos com louvores, devemos lembrar-nos ainda de que Hortensia veio tarde, na perturbadissima era do infeliz D. Sebastião, quando o astro portuguez ia declinando com vertiginosa rapidez, para d'ahi a pouco se apagar nas trevas de Alcacer-Quebir.<sup>8</sup> De mais a mais, nasceu e viveu não sómente longe de Lisboa, mas exactamente no quartel general da milicia de Ignacio de Loyola, sob cuja influencia quasi illimitada as suas aptidões naturaes, desviadas do campo onde poderiam ter fru-



ctificado, se esterilizaram na confecção de «*flosculos theologicaes*», e de versos sacros.

E' verdade que tambem nenhuma outra entre as letradas portuguezas tinha sido francamente humanista — verdadeira *virago* — como as italianas do seculo xv, no sentido honorifico em que os homens da Renascença empregavam o termo, hoje tão mal aceite. A renascença das letras penetrou em Portugal depois do grande schisma da igreja, é preciso repeti-lo. A Reforma dos Estudos (1537) coincidiu quasi com o Concilio Tridentino, sendo seguida de perto da introduccão da Censura, da Inquisição (1539) e do triumpho da Companhia de Jesus (1546); é por isso que quasi todos os escriptores cultivaram desde então, conjunctamente, com admiravel prudencia, sciencias humanas e divinas.

Mas, ainda assim, na côrte lia-se e escrevia-se, nos dias de D. João III, a par de obras de theologia, romances amenos de cavallaria, novellas pastoris, trovas de folgar e versos de amor, conforme contei. Em Evora pelo contrario, predominavam as sciencias sacras.

Ninguem imaginará Paula Vicente, Joanna Vaz, Luisa Sigea no trage religioso de Hortensia de Castro.

E' bom distinguirmos, estabelecendo estas differenças, que a gravura ajuda a fixar.

\*

\* \*

Quando a vi pela primeira vez, fiquei um pouco desapontada — confesso-o com franqueza. Aos leitores talvez succeda o mesmo.

A linda menina que a lenda nos havia apresentado em disfarce de alegre estudante, o qual vestiamos (mau grado do crasso anachronismo) com o velludo preto e as rendas dos modernos tunantes da nação vizinha; a donzella lusitana, que pela arte do seu dizer ganhou o cognome de *Hortensia* ou *Publia Hortensia*, accrescentado ou substituido ao seu verdadeiro nome de baptismo, fazendo-o esquecer completamente; aquella que arrebatou um auditorio selecto de doutos latinistas, e que reis, principes e embaixadores iam ouvir e comparavam á famosa romana, citada como modelo de eloquência mulheril e herdeira dos talentos do pae, o rival de Cicero, cujos brilhantes improvisos, lucida disposição das materias, voz melodiosa e gesticulação artistica, a historia regista — ei-la ahi transformada em grave freira, rosario em punho, a psalmodiar, por encommenda da austera Infanta D. Isabel, que encheu dois in-folios com *Notas aos Evangelhos* para todos os domingos ?

Mas esta desillusão não nos deve tornar injustos.

A physiognomia que a gravura apresenta, é realmente sympathica, muito embora nada ahi lembre a inspiração de quem, fallando, commove e enthusiasma as massas, nem dos arrobos extaticos de uma noiva do Senhor. Muito pelo contrario, o olhar é um tanto absorto, calmo, e, para assim dizer, «virado para dentro», como de quem, reflectindo, palpita attento, á espera das palavras em que o cerebello, depois de lenta elaboração inconsciente, irá condensando as sensações que recebeu. Póde ser que me engane, mas affigura-se-me que, abrindo ella a bocca e fallando em prosa portuguesa, as palavras proferidas não sahiriam faceis, em rapidas catadupas de elegantes phrases feitas, mas antes vagarosas e graves, tendo um cunho individual, isto é, reproduzindo com sinceridade e singeleza o que a propria mente lhe iria dictando.

E aquella mão que segura o calamo, bem talhada, como em geral a mão portuguesa, escreveria pausadamente, em caracteres fortes, distinctos apenas pela sobria clareza dos traços, muito parecidos aos que se distinguem na carta da Infanta D. Maria, apophtegmas moraes ou trovas muito sentenciosas, no gosto e estylo pesado dos *Dictos da Freira* que devemos a D. Joanna da Gama, outra contemporanea e irmã em Minerva de Hortensia, que viveu e morreu no mesmo ambiente.<sup>10</sup>

Faltam-nos, infelizmente, os meios de averiguarmos se esta diagnose — *pensierosa* — é veridica, ou se por ventura, nos opusculos que escreveu em romance vulgar poderia descobrir-se, contra a minha expectativa, aquella arte de argumentar e a allocução correctá, pela qual a Hortensia romana ganhou a causa que defendia<sup>11</sup>, orando em presença dos triumviros, e foi acclamada, não unicamente em honra e homenagem ao seu sexo (*non tantum in sexus honorem*)<sup>12</sup>.

Nada resta das obras da Hortensia lusitana. O douto abbade de Sever recolheu titulos vagos, de qualquer indiculo manuscrito. As *Cartas varias* e as *Varias poesias* (em latim e português), que o irmão da fallecida possuia em 1613, assim como os dialogos sobre assumptos de religião e philosophia, intitulos *Flosculus theologialis*, a que já alludi, e uns oito psalmos, nacionalizados a pedido da Infanta D. Isabel de Bragança, que em 1640 entraram na livraria regia, tudo desapareceu — consequencia fatal do proverbial desleixo d'esta nação fidalga, que considera como indigna mesquinhez arrecadar e contar valores tão miudos.

Existe apenas uma carta-prologo, de poucas linhas e diminuto alcance, dirigida á sua protectora. E' preciso confessar que não prima pela fórma<sup>13</sup>.

Concluiremos que a gloriosa antonomasia, não devendo ser en-

tendida ao pé da letra, significa apenas que Hortensia de Castro foi a primeira portuguesa que «orou» em publico no seculo XVI<sup>14</sup>, o qual distribuia liberalmente cognomes classicos, povoando a terra portuguesa de mais de um Platão, Tacito, Seneca, Virgilio, Ennio, Plauto, Lucano. Ou teremos de suppôr que a pouca fluencia da sua prosa portuguesa provinha exactamente do costume de arredondar periodos na lingua de Cicero? e que no seu espirito se travára certa lucta entre as elegantes e typicas formulas dos exercicios latinos e as construcções syntaxicas da lingua patria, tão pouco culta ainda então? <sup>15</sup>

\*  
\*   \*  
\*

Podemos assignalar tres ou quatro dias na vida da illustre Calipolense, entre os quaes um só foi de gloria e de franca alegria — o primeiro.

Estamos em Evora, no anno 1565 (se os meus calculos merecem confiança), na sumptuosa sala dos actos da Universidade do Cardeal-Infante, hoje em ruinas, ou porventura no paço archiepiscopal. Hortensia possuia então, aos dezasete, toda a frescura e todo o entusiasmo d'essa idade. Estava lá para discursar sobre assumptos de philosophia moral, defendendo theses contra quantos eruditos opposentes quisessem quebrar lanças com ella.

No auditorio, que incluria tudo quanto a cidade de Sertorio tinha de mais selecto em letras e sciencias, achava-se, conforme já se indicou, o venerando Mestre André de Resende, que, apesar dos seus setenta annos, distribuia palmas entusiasticamente, jubiloso porque a sua muito amada terra natal, cuja historia continuava a elucidar, possuia afinal a sua gloria feminina, uma oradora erudita, que podia rivalizar não só com as damas da côrte, mas até com as notabilidades de Salamanca e Alcalá, Paris, Bolonha e Roma, mesmo a Roma de Cicero.

Depois de ter felicitado o pae, Thomé de Castro, e o irmão Jeronymo, assim como os professores circumstantes que haviam coadjuvado os dois na educação de Hortensia, prognosticando á gentil menina um futuro brilhante, ei-lo recolhendo apressadamente ao seu gabinete de estudo, que equivalia a um museu de antiguidades, e sentando-se á escrivaninha, para propalar a boa nova.

Com quem começaria?

Devia desculpas a um afamado jurisconsulto, hespanhol, o qual tentára visitá-lo, pouco antes, e a quem, muito a seu pesar, não poderia fazer as honras da cidade, porque o «barbaro» mandão que fa-

zia as vezes do governador, havia fechado as portas ao visitante, pretextando que, embora vindo de Talavera, não era impossivel trouxesse comsigo o bacillo de uma temivel epidemia que devastava Sevilha. Traçou pois a fórmula inicial:

BARTHOLOMÆO FRIÆ ALBERNOTIO JURISPERITO  
DOCTISSIMO  
L. ANDREAS RESENDIUS

S. P. D.

e principiou, pouco mais ou menos:

«Quanta alegria a tua visita me teria proporcionado se a recebesse, tanta tristeza me causou a inqualificavel grosseria do meticoloso vice-governador da comarca... Pena foi realmente que não entrasses nesta cidade... porque, ainda que mais nada tivesses encontrado, de que te regozijasses (e, para dizer verdade, temos aqui algumas cousas bem bonitas), poderias ter assistido, seis dias depois da tua partida, a um espectáculo unico. Ouvias a Publia Hortensia de Castro, uma menina de dezasete annos, instruida além do vulgar nos estudos aristotelicos, disputar publicamente, desfazendo com summa pericia e graça os arguciosos argumentos que lhe oppunham muitos homens doutos, esforçando-se por combater as theses d'ella. E mesmo tu, ó sabio jurisconsulto, terias confessado que nunca presenceaste um torneio mais formoso, nem poderias ter negado que uma cidade que produz tal donzella (de mais a mais de figura muito agradável) <sup>16</sup>, era digna de ser visitada, e fosse sómente por causa d'ella.» <sup>17</sup>

Se não foi no fim do discurso que a oradora foi acclamada *Hortensia lusitana*, somos forçados a admittir que já ganhara fama e nome anteriormente, em annos muito verdes, visto que Resende a appellida assim.

O theatro da segunda scena foi Villaviçosa, d'onde Hortensia era oriunda. Uma embaixada especial vinha em 1571 de Roma <sup>18</sup>, para, aconselhando o phantasioso monarca ácerca da Santa Liga e seu casamento com *Madame Marguerite*, observar os fios que, partindo da curia, de Lisboa, Evora e Paris se cruzavam e enleavam, ás vezes, no Escorial. Caminho de Elvas a Evora, o Legado do Pontifice, Miguel Bonelli (aliás, cardeal Alexandrino), que ia acompanhado do geral da ordem de Jesus, o veneravel S. Francisco de Borja, e grande comitiva, hospedou-se no magnifico palacio dos duques de Bragança. No programma dos festejos projectados figurava um discurso de Hortensia. Mas não se realizou, por falta de tempo.

Foi então que J. B. Venturino, que tomara a seu cargo descrever em italiano o processo da viagem, lançou ao memorial a nota seguinte;

«Villaviçosa tem formosas mulheres e, entre outras, uma que não o é menos da alma que do corpo, da idade de vinte e tres annos, filha de Thomé de Castro, <sup>19</sup> á qual, por sua muita litteratura, chamam Publia Hortensia. Esta donzella, que frequentara Salamanca, quis defender conclusões naturaes e legaes, o que não teve logar por causa da subita partida do Legado <sup>20</sup>.»

Tres annos mais tarde, encontramos Hortensia na residencia do Senhor D. Duarte, creio que em Evora, nos paços reaes, nos aposentos da Infanta D. Isabel, que, alvoroçada com a partida de D. Sebastião para a primeira guerra de Africa, quis que a sua protegida rezasse com voz eloquente, mas sem se afastar das palavras da Escripura Santa, pela vida e victoria de seu filho D. Duarte, que embarcava com o monarcha (1574).

Notemos que Hortensia, depois de se ter desempenhado, apparentemente com rigorosa exactidão, da incumbencia, accrescentou ainda, *motu-proprio*, uma jaculatoria — outro fragmento de mosaico, feito com versos de David — pedindo ao Omnipotente a destruição dos turcos, herejes e mais infieis.

Em Elvas é que se passa o ultimo acto. Felipe II estava realizando a sua entrada solemne no reino conquistado, e todos quantos necessitavam de favores approximavam-se d'elle. Hortensia, que já passava dos trinta, esquecendo no meio do lucto nacional, depois do grande cataclismo, os seus sonhos juvenis de gloria pessoal, desejava refugiar-se no quieto remanso de um mosteiro, sem ter quem a ajudasse a pagar o dote conventual. A infanta já não vivia (desde 16 de setembro de 1576).

O senhor D. Duarte, que voltara são e salvo da inutil expedição a Tanger, fallecera pouco depois (28 de novembro de 1576), sem se lembrar, no seu extenso testamento, d'aquella que em dias de angustia, havia misturado suas lagrimas e preces com as da idosa mãe. O irmão de Hortensia ia entrar (ou já entrara) na ordem dos prégadores.

Só e solteira, que havia de fazer senão substituir o enclausuramento em um dos muitos conventos alemtejanos ao encerramento na propria casa, onde tinha vivido até então como «viuva de observancia», para empregarmos a formula clássica da epoca?

A ideia de utilizar pela ultima vez o seu bello talento, a fim de achar um novo protector, não é estranhavel.

Ignoramos se Hortensia fallou realmente em presença da Sacra, Cesarea e Real Magestade de Felipe II, como a lenda quer; ou se

teve, como tantos outros, finura bastante para emmudecer gelada deante do magestático *sosiego* do impassível monarca; ou se este, desejoso de comprar corações, nem mesmo a avistou, contentando-se com as informações e recommendações dos influentes que a metteram na lista dos que mereciam uma tençassinha. O certo é que no dia da partida de Elvas, depois da visita á casa de D. Catharina de Bragança, Felipe II doou a Hortensia uma pensão annual de 15\$000 reis, «havendo respeito ás suas letras e sufficiencia», «pera se melhor poder sustentar e recolher» — mercê da qual se passou alvará, com força retroactiva, oito meses mais tarde, a pedido do principe-cardeal, Alberto d'Austria, o vice-rei. Quinze mil reis, exactamente a tença de Camões!

Publico o alvará de Felipe II, que o sr. D. José Pessanha obsequiosamente procurou para mim na Torre do Tombo. Acha-se ahí no livro 45.º, entre os conhecidos pela designação *D. Sebastião e D. Henrique* (a fl. 217, v.). E diz:

«D. Felipe, etc. Faço saber aos que esta carta virem, que, havendo respeito ás letras e sufficiencia de Publia Hortensia de Crasto e a m'õ pedir o Principe-Cardeal, hei por bem de lhe fazer mercê que ella haja e tenha de minha fazenda, em cada um anno, quinze mil réis de tença, pera se melhor poder sustentar e recolher; os quaes começará a vencer de 28 dias do mez de fevereiro d'este anno presente de 581 em deante. Pelo que mando aos vèdores de minha fazenda que lhe façam assentar os ditos quinze mil réis de tença no livro d'ellas e despachar dos ditos 28 de fevereiro em cada um anno a parte onde d'elles haja bom pagamento. E por firmeza do que dito é, lhe mandei passar esta carta de padrão, por mim assignada e selada com o meu sello pendiente.

«Baptista de Guerra a fez. — Elvas, a dois de novembro, anno de 1581. — Eu, Manoel Pessoa, a fiz escrever.»

Para onde iria? E' provavel que «se recolhesse», sem proferir votos monasticos, visto que ninguem falla de Soror Hortensia, ou lhe conhece o novo nome religioso.

Barbosa Machado diz que teve sepultura no claustro dos Agostinhos d'Evora (vulgo da Graça). E' provavel que nesse mosteiro passasse o resto dos seus dias — discursando, escrevendo e entoando no officio divino o canto-chão, sem corromper nem mudar um ponto do antigo, «attenta, mesurada, devota e grave», como exigia o severo Azpilcueta Navarro — até adormecer, em 1595, na paz do Senhor, tendo, portanto, como a Infanta D. Maria, Joanna Vaz e Luisa Sigea um santo e bom fim, apesar dos maus prognosticos com que o povo ameaça, zombando, ou com seria malquerença, a «mulher que sabe latim <sup>21</sup>»

\*  
\*   \*  
\*

Ficou dito que muitos entre os estudiosos que, do seculo xvii em diante, historiaram a cultura intellectual de Portugal, copiaram e glosaram as phrases de Resende e Venturino sobre Hortensia.

Será preciso assentarmos agora que os repetidores accrescentaram alguns pontinhos á historia, creando uma lenda?

Deixando de parte affirmações gratuitas, como a da assistencia no paço de D. Maria, e erros pequenos, como 20\$000 réis em lugar de 15\$000 réis de tença, fallarei apenas de um que offerece certo interesse neste tempo, em que a mulher, tentando destruir tantos privilegios injustos do sexo forte, deita de vez em quando um olhar de piedosa e grata recordação para as precursoras que nos seculos passados succumbiram, tentando em vão desacorrentar-se das peias que as aleijavam.

Parece-me que na passagem de Venturino, que citámos, já entrou um pormenor inexacto. Ouvindo dizer que Hortensia defendera theses, o italiano inferiu que ella fizera acto, depois de ter cursado regularmente humanidades, philosophia e theologia numa universidade. E como, ao ver de todos os estrangeiros, *Salamanca* era a verdadeira universidade peninsular, lá metteu este nome, sem receio de errar <sup>22</sup>. Os nacionaes, pelo contrario, metteram *Coimbra*. Sabendo, porém, de sciencia certa, que nunca pessoa alguma se havia sentado em saias nas bancadas das aulas conimbricenses, idearam a unica explicação possivel, e deram-na como certa: a saber que Hortensia vestira trajes de homem, vivendo incognita na companhia de dois irmãos.

Fizeram mal em inventar *dois* irmãos, não se contentando com o unico cuja existencia está provada, porque d'este modo, a historia de Hortensia ficou demasiadamente parecida com a de outras mulheres illustres, como, por exemplo, a da celebre castelhana D. Isabel Vergara.

Os poucos factos positivos que conhecemos, obrigam-nos a presumir, tendo em conta o character e as tendencias da nação e do tempo <sup>23</sup>, que Hortensia, que encontrámos em Evora, Villaviçosa e Elvas, mas nunca fóra da sua provincia, foi doutrinada em casa, como quasi todas as filhas de letrados <sup>24</sup>. Primeiro estudaria na sua cidade natal e depois em Evora, auxiliada pelo arcebispo D. João de Mello, o santo de aspecto mortificado que Venturino descreve e que era proximo parente de Thomé de Castro. Este recommendá-la-ia aos principes e magnates nas suas repetidas visitas á cidade de Ser-

torio, e facilmente impetraria d'este e d'aquell'outro lente do collegio do Espirito Santo, fundado pelo cardeal-infante em 1551 e transformado em universidade em 1559, o favor de lerem á sua intelligente sobrinha um *privatissimum* em linguas, letras e sciencias. Não duvido rezasse, conjunctamente com seu irmão, primeiro pela *Doutrina christã* do Padre Marcos Jorge, aprendendo latim pela obra de Manoel Alvares, estudando depois com Mestre Ignacio e Luis de Molina. Além d'isso, receberia mais de uma vez os christianissimos conselhos de S. Francisco de Borja, o qual, como Geral da Ordem, desejava ardentemente a prosperidade das fundações eborenses <sup>25</sup>.

Aos poetas, que não quizerem abandonar a ideia do disfarce, lembrarei apenas que o traje dos estudantes era o talar preto, a roupeta dos jesuitas.

\*  
\*   \*  
\*

Lancemos mais um olhar sobre a nossa gravura.

Se o pequeno quadro original, pintado a oleo sobre cobre, que se acha actualmente na galeria do ex.<sup>mo</sup> sr. Anselmo Braamcamp Freire — e que, sob o ponto de vista da arte, não tem grande importancia — fôr realmente uma *vera effigie*, como creio, não pode ser posterior ao anno de 1595, em que morreu. Talvez date de 1581, i. é do tempo em que Hortensia resolveu enclausurar-se.

Que palavras mysteriosas são as que acaba de inscrever como lemma na pagina aberta do livro que symboliza a sua erudição? Um versiculo da Biblia? uma sentença salomonica que attrahira a sua attenção, e que procura interpretar, relembando experiencias pessoaes?

*Danti mihi sapientiam, dabo gloriam.*

*Glorificarei a quem me fez sabia? A quem me der sabedoria, dar-lhe-hei gloria. Vou escrever o panegyrico do varão que me instruiu? Hei de louvar aquelle que me mostrou o meu verdadeiro destino, abrindo-me as portas do convento? Ou antes: Cantarei hymnos e psalmos ao Creador, que, concedendo-me a minha intelligencia, me fez ditosa? Ou ainda: Bemdirei a quem, nestas densas trevas que nos cercam, me der a sciencia, desvendando-me os mysterios da vida e da morte?*

Ignoro-o.

Tão pouco sabemos de Hortensia de Castro que seria arrojoso querer adivinhar o seu pensar e sentir intimo, dizendo se, na sua intellectualidade, era feliz ou desgraçada.



## NOTAS

1 Mais acima a pag. 4 e na Nota 9 deixei dito que este pequeno estudo appareceu em primeira edição na *Arte Portuguesa*, Lisboa 1895.

2 Vid. mais acima pag. 6 e 36, assim como Nota 15.

3 O renome do erudito antiquario eborense era e é tal, que o auctor da *Bibliotheca hispana* não exagerava muito quando dizia, com relação a Hortensia de Castro: *In Andrea Resendii monumentis aeternum vivet*. «Eterna vive no monumento que lhe pôs André de Resende.»

4 Vid. Notas 54 e 55.

5 É, porém, justo confessar que Barbosa Machado dispunha de mais alguns materiaes, devidos a investigações proprias ou ao trabalho dos seus predecessores. — Não compulsei o *Parnasso de Villa-Viçosa* de Francisco Moraes Sardinha, nem tenho á mão a *Evora gloriosa* de Francisco da Fonseca. E nunca tive ensejo de ler um artigo de Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara na *Revista universal lisbonense* (5 de outubro de 1844), que se occupa dos talentos feminis portuguezes, e faz, dizem, entusiastica commemoração de Hortensia.

6 Já disse que Faria e Sousa não a conheceu. O mesmo vale de Duarte Nunes de Leão, que, no capitulo da sua *Descripção de Portugal*, dedicado á habilidade da mulher portuguesa para as letras e artes liberaes, não colloca Hortensia ao lado das infantas, princezas, fidalgas e mestras regias que celebra.

7 A gravura diz apenas *Hortensia*, ou antes, com orthographia claudicante, *Hortencia*. Todos os mais a chamam *Publia Hortensia*. O italiano diz expressamente que lhe deram os dois nomes, «por sua muita litteratura». A' filha do opulento caudidico, Q. Hortensius Hortulus, não pertence, todavia, o nome *Publia*. — Deveremos pensar, portanto, que Thomé de Castro deu a sua filha, no acto do baptismo, o nome *Publia*? Que illustre latinista seria então o seu padrinho? Não conheço outra *Publia* portuguesa entre as Quinhentistas. Os nomes romanos não estavam então na moda. — O Padre Joaquim José da Rocha Espanca affirma que o nome não foi adoptivo, porque o viu em varias escripturas (notas publicas), em que figura o irmão Frei Jeronymo de Castro como testamenteiro de Hortensia. Vid. *Compendio de Noticias de Villa Viçosa* 1892, p. 440.

8 Vid. mais acima a pag. 94 a Nota 215<sup>b</sup>.

9 Barb. Mach., I, 924<sup>b</sup>. — Vid. supra Nota 212.

10 Joanna da Gama, freira em Evora depois de ter enviuvado, morreu em 1586. Os seus pensamentos e versos foram impressos ahi mesmo (1555) e no Porto (1872) em nova edição.

11 Isenção das ricas *optimates* de certos impostos que os questores lhes queriam lançar.

12 Quintiliano, I. I. 6. — Valerio Maximo, VIII, 3,3.

13 «Vossa Alteza me ha mandado tirar os versos do Psalterio com que se pudessem pedir a Deus quatro cousas: vida e victoria para o Principe D. Duarte, seu carissimo filho e principe nosso; item que Deus o livrasse dos perigos da terra, do mar e dos inimigos. E V. A., como mais conversa com os ceos que com nós outros, me deu a ordeni como compuzesse o psalmo, em o qual havia de pedir estas quatro cousas que me manda; scilicet que o Psalmo comece em louvores de Deus, o qual eu observei; porque no principio ponho um ou dois versos invitorios ou que nos convidam a louvar a Deus, e logo um verso com que V. A. louva a Deus», etc. etc. — Barb. Mach., II, 629<sup>b</sup>.

14 Não digo a *unica*, porque estou lembrada de D. Isabel de Castro e Andrade que «defendeu conclusões de philosophia e theologia no convento do Varatojo».

15 Comparem o portuguez dos humanistas com o seu latim. — E' verdade que a dicção de Barros e as proposições masculas de Goes já significam um grande progresso, mas, na minha humilde e heretica opinião, não houve bom estylo em prosa portuguesa antes de Brito e frei Luis de Sousa.

- 16 «Omitto formam intra modum venustam».
- 17 *De Antiquitatibus Lusitaniae. Libri quattuor. Romae, 1597.* — Só esta carta se conservou. Todavia, quem conhecer medianamente a mania epistolar que grassava entre os sábios da Renascença, não duvidará de que muitos mais correspondentes do respeitavel ancião foram devidamente inteirados do apparecimento d'aquella oitava maravilha no Alemtejo.
- 18 E' nesta data que se baseiam os meus calculos — a unica que conhecemos, visto que a carta de Resende carece d'ella. Quem em 1571 era de 23 annos devia contar 17 em 1565, tendo nascido em 1548 e perfazendo 33 em 1581, no acto de recolher-se.
- 19 A mãe chamava-se Branca Alves.
- 20 Vid. Herculano, *Opusculos*, vi, p. 57-58. — Com respeito á viagem, veja-se ainda: Barb. Mach., *Memorias de D. Sebastião*, III, cap. VI. — Fr. Luis de Sousa, *Barth. dos Martyres*, III, p. 22. — Sanchez Moguel, *Reparaciones historicas*, p. 245-266. — Falcão de Resende, *Poesias*, p. 131.
- 21 Ainda ha pouco, F. A. Coelho, que tambem se referiu a Hortensia nos seus interessantes estudos sobre a *Historia da instrucção popular (Revista do ensino*, x, p. 64), citou o proloquio popular, e mais alguns dictados sobre o mesmo assumpto.
- 22 Os annaes da universidade de Salamanca, que registam com os devidos louvores bastantes nomes portugueses, e os de algumas meninas castelhanas que se matricularam effectivamente em humanidades, philosophia e theologia — como D. Alvara de Alba, em 1546 — não fallam de Hortensia. Vid. D. Alejandro Vidal y Diaz, *Memorias historicas de la universidad de Salamanca*, Sal., 1869.
- 23 Baste citar mais uma vez o nome de D. Antonia de Lebrija.
- 24 A vida de Soror Auta da Madre de Deus, de quem se conta o mesmo facto, não pôde ser allegada como prova contraproducente, visto andar envolvida em trevas e lendas.
- 25 D. João de Mello hospedou em 1571 o cardeal Alexandrino e São Francisco de Borja nos paços de Sertorio, onde vivia.



## ADDITAMENTO

---

Durante a impressão d'esta monographia sujeitámos a um novo e demorado exame os quadros em que a Infanta D. Maria apparece retratada e que existem ainda em Lisboa, em Belem e na Luz. D'esse exame tirámos conclusões que modificam em mais de um ponto as referencias que fizemos no *Plutarcho portuguez* em 1882,<sup>1</sup> reproduzidas pela auctora em algumas notas em que se trata d'esses quadros. As modificações e emendas que propomos dizem respeito sobretudo ao quadro de Belem; e como fomos nós quem primeiro o trouxe á discussão, como documento illustrativo para determinar a personalidade da Infanta, é dever nosso emendar os erros.

O quadro de Belem é uma pequena pintura em taboa (0,43<sup>c</sup>. de larg. x 0,31<sup>c</sup>. de alt.). Representa Nossa Senhora das Mercês, com Santo Agostinho (á direita)<sup>2</sup> e São Jeronymo (á esquerda). Dois anjos sustentam o vasto manto, aberto, da Senhora, sob o qual se abrigam, ajoelhadas do lado direito varias pessoas da familia reinante de Portugal; do lado opposto um grupo de sete frades trinitarios. Nas costas estão pintadas as almas do Purgatorio. O caixilho de talha dourada, em estylo rocóco, tem na base inscripções em portuguez recommendando as almas aos devotos.

As pessoas da familia reinante, retratadas, são nada menos de onze, uma galeria preciosa! Em torno de El-Rei D. João III e da Rainha D. Catharina agrupam-se os infantes e infantas que ainda viviam cerca de 1552, guiados pelo Papa Julio III (1550-1555). O Principe D. João morre já em 1553; a Princeza D. Joanna, sua mulher, volta para Castella em 1554. Parece-nos pois que não erramos marcando a factura do quadro no periodo de 1550 a 1553.

Quasi todos os vultos estão marcados com os respectivos nomes; apenas dois são anonymos. Não podendo reproduzir n'este logar os letreiros com as respectivas abreviaturas, rigorosamente, offerecemos a decifração escrupulosa d'ellas. <sup>3</sup>

A disposição das figuras é a seguinte: occupam o logar principal os reinantes D. João III e D. Catharina. Por detraz e do lado d'El-Rei estão quatro damas: a Princeza D. Joanna, as *Senhoras* D. Maria (de Parma) e D. Catharina, todas tres moças; e entre as duas ultimas, sua mãe D. Isabel de Bragança, com touca de viuva e signaes de mais idade.

Por detraz e do lado da Rainha, mas tambem em segundo plano, como as quatro figuras citadas, ha tres vultos; um, feminino, sem letras; ao pé está o Infante D. Luis, e um pouco mais afastado o Cardeal Infante D. Henrique. Na figura feminina, sem letreiro, devemos suppôr forçosamente a nossa Infanta D. Maria, como complemento necessario no grupo dos descendentes de El-rei D. Manuel.

No primeiro plano, junto dos Reis e em contacto immediato com a Princeza D. Joanna, avista-se o joven Principe D. João, seu esposo; e do lado opposto, perto do Cardeal Infante, collocou o pintor um principe moço, no qual devemos suppôr seu sobrinho predilecto, o Senhor D. Duarte, irmão das damas N.<sup>os</sup> 4 e 6, e filho do fallecido Infante D. Duarte.

Na frente de todas estas figuras, estabelecendo a ligação para o grupo dos frades, apparece o Papa Julio III (1550-1555).

Como o leitor vê, esta obra de arte é, ao mesmo tempo, um documento historico de primeira ordem. A semelhança de familia é evidente entre as differentes figuras. A tez branca, os rostos córados, os cabellos louros, *arruivados* das damas, e a barba da mesma côr nos homens, encontram-se comprovados nas citações dos escriptores coevos. Pelo outro lado não se póde negar semelhança entre as feições da dama N.<sup>o</sup> 8 e as dos retratos da Infanta D. Maria, existentes na egreja da Luz, na capella do Collegio militar e no Convento da Encarnação.

A relação de afinidade entre esses quatro retratos e o quadro de Moro, no museu do Prado, pareceu-nos menos evidente agora, do que ha annos, mas a semelhança de familia d'este ultimo com os N.<sup>os</sup> 3, 4, 5 e 6 subsiste. Vejamos agora o seguinte:

De que epoca são os quadros da Luz, do Collegio e da Encarnação? O primeiro não nos parece anterior <sup>4</sup> ao principio do sec. XVII; o segundo, ainda posterior em data, soffreu grandes retoques, sendo restaurado a valer ha cerca de quatorze annos. <sup>5</sup> O ter-

ceiro, fielmente gravado na collecção de 1817, não é, como alli se affirma «quadro do seu tempo», i. é da epoca da Infanta. Basta considerar as letras da inscripção para se reconhecer que é apenas uma copia relativamente moderna de um original antigo. <sup>6</sup>

Devem esses tres retratos merecer mais confiança do que a figura do Prado, obra indiscutivel de Moro? Em nossa opinção, não, embora confessemos que o retrato anonymo N.º 8 do quadrinho de Belem se approxima em certos caracteres physiognomicos do typo representado naquella trilogia.

Temos de reservar a ultima palavra para ultteriores estudos, quando podermos comparar certos retratos de Jehan Clouet em Hampton Court (Londres) e outras obras existentes em Madrid e Vienna com as pinturas de Lisboa.

Seria tarefa relativamente facil e decerto gratissima para a Augusta Casa Reinante reunir os elementos dispersos, mas valiosissimos com que poderiamos organizar por meio de cópias uma galeria quasi completa, authentica, dos principes e princezas das familias de D. Manoel e D. João III. Os paços reaes de Lisboa são tão pobres nesta especialidade (havendo aliás em Villa Viçosa uma serie muito interessante, mas restricta á casa ducal brigantina) que causa admiração não se haver ninguem lembrado do projecto de galeria citado. Para a presente monographia foram já estudados e comprovados uma serie de retratos raros, como se conhecerá pelas respectivas notas; no entanto, a reproducção d'elles neste volume exigiria recursos de que não dispomos, infelizmente. Ainda uma palavra:

Por obsequio do Ex.<sup>mo</sup> Snr. Braamcamp Freire pudemos examinar o proprio original do retrato de Hortensia de Castro; e ao distincto artista o Snr. Casanova devemos agradecer a permissão de reproduzirmos a gravura d'esse retrato, publicado primeiramente na preciosa revista de bellas-artes com que a sua corajosa iniciativa brindou o publico. Cumprimos um gratissimo dever confessando os serviços que devemos a ambos.

Porto, Dezembro de 1901.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

## NOTAS

1 Trata-se dos retratos especialmente de pag. 7 a 14 d'esta monographia e nas respectivas notas de N.º 16 em diante, até N.º 53. No texto a pag. 13 e em as notas 32 e 36 aponta-se a deploravel confusão que numerosos escriptores fizeram com as differentes senhoras das familias de D. Manoel, D. João III e de Carlos V, que usaram o nome Maria (nada menos de cinco). D'ahi, a confusão na classificação dos retratos.

2 Quando dizemos: *direita* ou *esquerda*, referimo-nos sempre ao lado direito ou esquerdo de Nossa Senhora; não ao espectador.

3 O quadro está na Sala de despacho do Provedor da Casa Pia. Eis a relação dos letreiros:

N.º 1 — I. R. III	leia-se: El-Rei D. João III. ( <i>Ioannes Rex</i> ).
> 2 — C. H. A. R.	> Rainha D. Catharina; H e A ligados.
> 3 — IONA. P.	> Princeza D. Joanna.
> 4 — MA.	> Senhora D. Maria (de Parma) M e A ligados.
> 5 — ISABEL	> de Bragança (viuva do Inf. D. Duarte).
> 6 — C. H.	> Senhora D. Catharina (pretendente ao throno).
> 7 — I. P.	> Principe D. João, esposo de N.º 3.
> 8 — sem letras	— Infanta D. Maria.
> 9 — I. L. V.	leia-se: Infante D. Luis (com abrev. de <i>us</i> — Ludovicus).
> 10 — IVLIVS. III	> Papa Julio III.
> 11 — sem letras	— Deve ser o Senhor D. Duarte.
> 12 — I. C. HR.	leia-se: Infante Cardeal D. Henrique; H e R ligados.

4 No texto (pag. 8) lê-se por lapso «obra do sec. XVIII». Emquanto á maior ou menor *authenticidade* do retrato da Infanta neste grande quadro religioso, allusivo á fundação do convento da Luz, veja-se o teor d'este additamento.

5 E' ainda maior que o da Luz. Dimensões approximadas: 4<sup>m</sup>,50 de Alt. × 2<sup>m</sup>,50 de Larg. Está na capella do Collegio. E' o que contem a inscripção: *Succurre miseris*, a Infanta invocando o auxilio de Nossa Senhora da Luz em beneficio dos doentes do seu hospicio. Está pintado em taboa, como o da igreja da Luz, mas foi transformado pelos retocadores. Por falta de espaço não descrevemos estes dous grandes quadros allegoricos, que podem ser facilmente visitados.

6 Esta pintura está presentemente na Sala de visitas do actual Recolhimento; por debaixo d'ella vê-se um exemplar da gravura da collecção de 1817, encaixilhado.



# INDICE

## EMENDAS PRINCIPAES

PAGINAS	LINHAS	LEIA-SE
4	34	<i>bas-bleu</i>
8	35	authenticidade
»	»	seculo XVII
11	32	Ollanda
21	34	uma confidente
31	2	scisão
46	15	Nascidas
55	29	repentista
63	18	servira
»	19	no seu paço
90	16	1559
95	16	1575





# INDICE

Prefácio da 2.<sup>a</sup> edição por Américo da Costa Ramalho ..... VII - XVI

<b>MULHERES ILLUSTRES DE PORTUGAL—INTRODUÇÃO</b> . . . . .	1-6
<b>A.—A INFANTA D. MARIA</b> . . . . .	7
I—Retratos da Infanta . . . . .	7-15
II—Traços biographicos: Orfan e Semprenoiva . . . . .	17-26
III—A princeza erudita . . . . .	27
a) Os Estudos da Infanta . . . . .	27-35
b) As mestras, damas e companheiras . . . . .	37
1 Joanna Vaz. . . . .	37-38
2 Luisa Sigea. . . . .	38-42
3 Angela Sigea . . . . .	42
4 Paula Vicente . . . . .	43
5-7 As tres primas de sangue real . . . . .	44-47
IV—Os Serões . . . . .	47-68
V—Lenda dos Amores da Infanta. . . . .	69-75
Notas (1-329) . . . . .	77-105
<b>B.—HORTENSIA DE CASTRO</b> . . . . .	107-116
Notas (1-25). . . . .	117-118
<b>ADDITAMENTO</b> . . . . .	119-122



INDICE

INDICE

1. - INTRODUZIONE

2. - LA SITUAZIONE ECONOMICA E SOCIALE

3. - LA SITUAZIONE POLITICA

4. - LA SITUAZIONE CULTURALE

5. - LA SITUAZIONE AMBIENTALE

6. - LA SITUAZIONE DEMOGRAFICA

7. - LA SITUAZIONE SANITARIA

8. - LA SITUAZIONE EDUCATIVA

9. - LA SITUAZIONE SPORTIVA

10. - LA SITUAZIONE TURISTICA

11. - LA SITUAZIONE ENERGETICA

12. - LA SITUAZIONE INFORMATICA

13. - LA SITUAZIONE SCIENTIFICA

14. - LA SITUAZIONE ARTISTICA

15. - LA SITUAZIONE LETTERARIA

16. - LA SITUAZIONE CINEMATOGRAFICA

17. - LA SITUAZIONE MUSICALE

18. - LA SITUAZIONE TEATRALE

19. - LA SITUAZIONE DANCE

20. - LA SITUAZIONE CINEASTICA

21. - LA SITUAZIONE MUSICALE

22. - LA SITUAZIONE TEATRALE

23. - LA SITUAZIONE DANCE

24. - LA SITUAZIONE CINEASTICA

25. - LA SITUAZIONE MUSICALE

26. - LA SITUAZIONE TEATRALE

27. - LA SITUAZIONE DANCE

28. - LA SITUAZIONE CINEASTICA

29. - LA SITUAZIONE MUSICALE

30. - LA SITUAZIONE TEATRALE

31. - LA SITUAZIONE DANCE

32. - LA SITUAZIONE CINEASTICA

33. - LA SITUAZIONE MUSICALE

34. - LA SITUAZIONE TEATRALE

35. - LA SITUAZIONE DANCE

36. - LA SITUAZIONE CINEASTICA

37. - LA SITUAZIONE MUSICALE

38. - LA SITUAZIONE TEATRALE

39. - LA SITUAZIONE DANCE

40. - LA SITUAZIONE CINEASTICA

41. - LA SITUAZIONE MUSICALE

42. - LA SITUAZIONE TEATRALE

43. - LA SITUAZIONE DANCE

44. - LA SITUAZIONE CINEASTICA

45. - LA SITUAZIONE MUSICALE

46. - LA SITUAZIONE TEATRALE

47. - LA SITUAZIONE DANCE

48. - LA SITUAZIONE CINEASTICA

49. - LA SITUAZIONE MUSICALE

50. - LA SITUAZIONE TEATRALE

51. - LA SITUAZIONE DANCE

52. - LA SITUAZIONE CINEASTICA

53. - LA SITUAZIONE MUSICALE

54. - LA SITUAZIONE TEATRALE

55. - LA SITUAZIONE DANCE

56. - LA SITUAZIONE CINEASTICA

57. - LA SITUAZIONE MUSICALE

58. - LA SITUAZIONE TEATRALE

59. - LA SITUAZIONE DANCE

60. - LA SITUAZIONE CINEASTICA

61. - LA SITUAZIONE MUSICALE

62. - LA SITUAZIONE TEATRALE

63. - LA SITUAZIONE DANCE

64. - LA SITUAZIONE CINEASTICA

65. - LA SITUAZIONE MUSICALE

66. - LA SITUAZIONE TEATRALE

67. - LA SITUAZIONE DANCE

68. - LA SITUAZIONE CINEASTICA

69. - LA SITUAZIONE MUSICALE

70. - LA SITUAZIONE TEATRALE

71. - LA SITUAZIONE DANCE

72. - LA SITUAZIONE CINEASTICA

73. - LA SITUAZIONE MUSICALE

74. - LA SITUAZIONE TEATRALE

75. - LA SITUAZIONE DANCE

76. - LA SITUAZIONE CINEASTICA

77. - LA SITUAZIONE MUSICALE

78. - LA SITUAZIONE TEATRALE

79. - LA SITUAZIONE DANCE

80. - LA SITUAZIONE CINEASTICA

81. - LA SITUAZIONE MUSICALE

82. - LA SITUAZIONE TEATRALE

83. - LA SITUAZIONE DANCE

84. - LA SITUAZIONE CINEASTICA

85. - LA SITUAZIONE MUSICALE

86. - LA SITUAZIONE TEATRALE

87. - LA SITUAZIONE DANCE

88. - LA SITUAZIONE CINEASTICA

89. - LA SITUAZIONE MUSICALE

90. - LA SITUAZIONE TEATRALE

91. - LA SITUAZIONE DANCE

92. - LA SITUAZIONE CINEASTICA

93. - LA SITUAZIONE MUSICALE

94. - LA SITUAZIONE TEATRALE

95. - LA SITUAZIONE DANCE

96. - LA SITUAZIONE CINEASTICA

97. - LA SITUAZIONE MUSICALE

98. - LA SITUAZIONE TEATRALE

99. - LA SITUAZIONE DANCE

100. - LA SITUAZIONE CINEASTICA

#6  
 34547